



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

DIÊGO BRENO LEAL VILELA

**Ativismo *Vegano* em Natal (RN): uma etnografia sobre mobilização
política, alimentação ética e identidades**

**NATAL
2013**

**Ativismo *Vegano* em Natal: uma etnografia sobre mobilização política,
alimentação ética e identidades**

DIÊGO BRENO LEAL VILELA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção da titulação de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Guilherme Octaviano do Valle

Natal

2013

UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede
Catalogação da Publicação na Fonte

Vilela, Diêgo Breno Leal.

Ativismo *vegano* em Natal : uma etnografia sobre mobilização política, alimentação ética e identidades / Diêgo Breno Leal Vilela . – Natal, RN, 2013.
162 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Guilherme Octaviano do Valle.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

1. *Veganismo* – Dissertação. 2. Ativismo – Dissertação. 3. Ética na alimentação – Dissertação. 4. Mobilização política – Dissertação. 5. Identidades – Dissertação. I. Valle, Carlos Guilherme Octaviano do. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 392.81

**Ativismo *Vegano* em Natal: uma etnografia sobre mobilização política,
alimentação ética e identidades.**

DIÊGO BRENO LEAL VILELA

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Guilherme Octaviano do Valle
(Orientador)

Prof^ª. Dr^ª. Rozeli Porto (Examinadora Interna)

Prof. Dr. Guilherme José da Silva e Sá (Examinador externo, UnB)

Prof^ª. Dr^ª. Lisabete Coradini (Examinadora suplente)

AGRADECIMENTOS

Depois de uma longa e difícil caminhada, tenho muito a agradecer. Ao longo do processo de construção dessa dissertação, muitas pessoas foram importantes, e sem as devidas contribuições de cada uma delas, tudo teria se tornado muito mais difícil.

Queria começar agradecendo aos interlocutores dessa pesquisa, tanto aos integrantes do VEDDAS-RN, quanto as demais pessoas, vegetarianos e *veganos* que abriram parte suas vidas para que esse trabalho se tornasse possível. Fico ainda mais feliz por ter conseguido construir com algumas dessas pessoas relações para além da de pesquisador/interlocutor e hoje as tenho como verdadeir@s amig@s. Valeu!!!

Agradeço imensamente ao Professor Carlos Guilherme, pela dedicação, estímulo, paciência e atenção durante todo o processo de orientação e construção desse trabalho.

Agradeço também aos demais professores do PPGAS/UFRN, especialmente aqueles que estive mais próximo ao cursar as disciplinas: Elisete Schwade, Lisabete Coradine, Tânia Freitas e Rita Neves.

Aos meus colegas de sala, pelo conhecimento compartilhado.

Às Professoras Lizabete Coradine e Rozeli Porto, pelas imensuráveis contribuições na banca de qualificação.

Ao Professor Guilherme Sá e a Rozeli Porto – mais uma vez – que tão gentilmente aceitaram participar da minha Banca de Defesa.

Às Professoras Terezinha Martins e Francisca Miller, pessoas que muito me ensinaram durante o período de Estágio Docência.

À CAPES e ao Programa REUNI, pela bolsa concedida, algo fundamental para que eu pudesse me dedicar apenas à minha pesquisa.

À Mayra Ferrigno pelos textos indicados no início da pesquisa.

À toda minha família, especialmente a minha mãe, por todo o esforço que fez ao longo da sua vida para que eu pudesse seguir estudando e a minha tia Socorro e sua família, por ter me recebido em sua casa nos primeiros meses da minha estada em Natal.

Aos colegas potiguaros que me acolheram, muitíssimo obrigado!

Aos amig@s, em especial Natália Campos, Pedro Henrique, Raphael, Clodô, Pablito, Andréa Lúcia, Luiza e Kleyton Canuto.

À Maria, pelo amor, carinho e companheirismo.

RESUMO

Esta pesquisa tem por interlocutores grupos de *veganos* na cidade de Natal, embora também se reporte a outros contextos de pesquisa como nas cidades de Recife (Pernambuco) e Campina Grande (Paraíba). Movidos por princípios éticos baseados nos direitos animais, os *veganos* se recusam a consumir todo e qualquer produto de origem animal. Na medida em que os hábitos de consumo podem ser tomados como poderosos elementos de identificação, a relação entre consumo, alimentação, identidade e política constitui uma chave analítica importante no desenvolvimento deste trabalho. A questão teórica que se persegue no presente trabalho, é saber como o discurso *vegano* (de caráter abolicionista) ganha forma e se materializa em ações, manifestações e mobilização política. Para tanto, me proponho a construir uma etnografia das atividades que esses sujeitos realizaram coletivamente, tanto as de caráter mais lúdico como a realização de piqueniques, quanto aquelas de caráter reivindicatório como são as manifestações políticas em locais públicos.

Palavras-chave: *Veganismo*, ativismo, alimentação ética, mobilização política, identidades.

ABSTRACT

This research has *vegan* groups in the city of Natal-RN as interlocutors, although I also report to other research contexts, such as those located in the cities of Recife (Pernambuco State) and Campina Grande (Paraíba State). Moved by ethical principles based on animal rights, *vegans* refuse to consume any product with animal origin. To the extent that consumption habits can be considered powerful elements of identification, the relationship between consumption, food, identity, and politics is an important analytical key in the development of this work. As my main theoretical question, I follow the ways by which the *vegan* discourse (of abolitionist character) takes shape and materializes into actions, demonstrations and political mobilization. Therefore, I aim to present an ethnography of activities performed collectively by these individuals, such as those of a more ludic character (picnics, etc.) as well as those more politically oriented, especially protests and demonstrations in public places.

Keywords: veganism, activism, food ethics, political mobilization, identities.

SIGLAS

ALF – *Animal Liberation Front*

ANDA – Agência de Notícias de Direitos Animais

ATIVEG – Ativismo Vegano

BRALA – Associação Para Lutar Pelos Animais no Brasil

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

DIDA – Dia Internacional dos Direitos Animais

ENDA – Encontro Nacional pelos Direitos Animais

IAA – Instituto Abolicionista Animal

INR – Instituto Nina Rosa

OLV – Ovo-lacto-vegetarianos

PPGA – Programa de Pós Graduação em Antropologia

PPGAS – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social

PPGCS – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais

PUC – Pontifícia Universidade Católica

RBA – Reunião Brasileira de Antropologia

SAC vegano – Serviço de Atendimento ao Consumidor

SAVAMA – Serviço de Auxílio a Vida Animal e ao Meio Ambiente

SVB – Sociedade Vegetariana Brasileira

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UNB – Universidade de Brasília

UNICAMP – Universidade de Campinas

UNP – Universidade Potiguar

VEDDAS – Vegetarianismo Ético Direito Dos Animais e Sociedade

WEEAC – *World Events to End Animal Cruelty*

WSPA – *World Animal Protection*

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – “Sorte dele não ter nascido galinha!” (p. 42)

Imagem 2 – “Se você ama um, por que come outro?” (p.42)

Imagem 3 – “Pare: de comer animais” (p.99)

Imagem 4 – Mulher atenta aos filmes de sensibilização (p.100)

Imagem 5 – “Em relação aos animais, todos os homens são nazistas” (p.102)

Imagem 6 – “Seu Garfo” (p.105)

Imagem 7 – “Você Compra, ele mata” (p.105)

Imagem 8 – “Jaulas Vazias” (p.122)

Imagem 9 – “Adote um amigo” (p.122)

Imagem 10 – De frente para a festa (p.125)

Imagem 11 – Festa NAAC (p.125)

Imagem 12 – O Dia Feliz (p.127)

Imagem 13 – Na mesma faixa (p.128)

Imagem 14 – Estande WEEAC (p.132)

Imagem 15 – “Racismo = especismo = sexismo” (p.134)

Imagem 16 – “Experimentação animal: cruel e injustificável” (p. 135)

Imagem 17 – “Não é coxinha, não é bife” (p.137)

Imagem 18 – “Alô! É da casa da Princesa Isabel?” (p.137)

Imagem 19 – “DIDA – Dia Internacional dos Direitos Animais” (p.146)

Imagem 20 – Olhares (p.147)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Os percursos da pesquisa.....	21
Metodologia.....	24
CAPÍTULO I – O NÃO HUMANO NA ANTROPOLOGIA E O DEBATE SOBRE ÉTICA E DIREITOS ANIMAIS	34
Ética e direitos animais.....	40
Peter Singer	45
Tom Regan	50
Gary L. Francione.....	52
CAPÍTULO II – VEGANISMO: TRAJETÓRIAS, MOTIVAÇÕES, PROCESSOS E CONFLITOS.....	56
Tornando-se vegano: algumas motivações.....	59
As dificuldades em deixar de consumir alguns alimentos	64
A importância do grupo.....	69
Conflitos em casa	72
Aprendendo a cozinhar – conhecendo outros alimentos, nutrição e saúde	74
Conflitos fora de casa	78
Rupturas e novas sociabilidades.....	83
CAPÍTULO III – TORNANDO-SE E DEFININDO-SE COMO ATIVISTA VEGANO: TRAJETÓRIAS E PROCESSOS	87
Conscientização, sensibilização e autoatribuição de responsabilidade: elementos chave no discurso dos defensores dos direitos animais	94
CAPÍTULO IV – ATIVISMO VEGANO NAS RUAS: ETNOGRAFANDO EVENTOS E MANIFESTAÇÕES.....	107
I Semana Contra a Experimentação Animal	109
1º e 2º dia: exibição do vídeo “não matarás”.....	109
Sexto picnic vegano do recife de 2012 (27/05/2012).....	113
Campina Grande – PB: Okupe-se – contra as vozes da razão absoluta	116

Manifestação nacional antivivisseção	118
III Congresso de Bioética e Direito Animal	119
“McDia in-feliz”	123
Dia mundial contra a crueldade e exploração animal.....	131
Dida – Dia Internacional dos Direitos Animais	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS	158

INTRODUÇÃO

No ano de 1944, a expressão *vegan* foi literalmente cunhada – digamos, inventada – por dissidentes da *The Vegetarian Society* na Inglaterra. Assim, *vegan*, é o resultado da junção das três primeiras letras com as duas últimas da palavra *Vegetarian*. De maneira análoga, em português consideram-se as três primeiras e as três últimas letras da palavra vegetariano, formando o termo *vegano* ou *vegana*.

O *veganismo* é um posicionamento ético baseado nos direitos animais que entende que, esses últimos, na condição de seres sencientes, isto é, dotados de um sistema nervoso e capazes de sentir algumas sensações tais como os seres humanos, possuem interesses que lhes são próprios, como não serem maltratados, aprisionados, e, sobretudo, permanecerem vivos (Singer, 2008 [1975]). Para os *veganos*, não deve haver superioridade entre as espécies que coabitam o planeta terra, o que faz de qualquer tipo de exploração de uma espécie por outra algo ilegítimo. Esse pensamento, conhecido como *anti-especismo*, ou, o seu contrário, o *especismo*, é comumente associado pelos *veganos* a outros tipos de exploração, como o racismo, o machismo, o sexismo.

É por acreditar que os animais se encontram numa condição de total servidão ou de verdadeira escravidão, que alguns segmentos dos defensores dos direitos animais se auto definem como “abolicionistas”, se colocando contrário a utilização de animais para fins humanos.

Movido por esses princípios éticos, os *veganos* se recusam a consumir todo e qualquer produto de origem animal, seja para fins de alimentação, entretenimento, vestuário, pesquisas ou testes científicos, entre outros. Aqui, a recusa na compra de determinados tipos de produtos – *boicote* – esta acompanhada da compra intencional de outros – *buycott*¹. *Boicotar* ou comprar intencionalmente se constituem enquanto elementos centrais no universo *vegano*, uma vez que é a partir dessas ações que esses sujeitos colocam em prática a ética que os guia.

Para evitar futuras confusões, faço desde já um esclarecimento necessário: *Vegetarianismo* e *veganismo* se apresentam como perspectivas distintas. O vegetarianismo é uma **dieta** que exclui das possibilidades de alimentação qualquer tipo de alimento de origem

¹ Neologismo criado na língua inglesa para designar o tipo de compra intencional, movido por valores, princípios, ética, etc.

animal. De acordo com Sociedade Vegetariana Brasileira² – SVB – a incorporação ou não incorporação de um derivado de origem animal é o que irá definir os diferentes tipos de dietas vegetarianas. Desta forma, são lacto-vegetarianos aqueles que consomem leite ou laticínios e ovo-lacto-vegetarianos aqueles que além de leite e seus derivados também incluem ovos à sua dieta³. Numa outra direção, o *veganismo* vai muito além de uma dieta alimentar, podendo ser considerado, em breves palavras, a parte prática daqueles que defendem os direitos animais. Assim, o *vegano* possui uma alimentação vegetariana, enquanto aqueles que se alimentam por meio de uma dieta vegetariana, não são, por isso, necessariamente *veganos*, uma vez que uma pessoa pode se tornar *vegetariana* por outras motivações que não estejam diretamente relacionadas aos direitos dos animais, tais como bem estar e saúde.

Mesmo estando certo de que o *veganismo* não é uma dieta alimentar, entendo que a alimentação constitui um elemento mais que central para esses sujeitos, na medida em que é nessa esfera que enfrentam cotidianamente os maiores desafios de ordem prática – o que comer, onde comer, a que lanchonete ou restaurante ir. Depois, de tão espantoso que é para a maioria das pessoas o fato de que existem outras pessoas que não consomem produtos de origem animal, os *veganos* acabam por fazer da alimentação um meio para se auto-afirmarem, na tentativa de mostrar para os outros que é possível se alimentar bem e saborosamente, sem que tenham, para isso, que “explorar” animais. Foi desta forma que pude perceber ao longo da pesquisa como, nos mais variados contextos, seja em eventos de caráter lúdico como os piqueniques, seja em eventos de caráter reivindicatório, tal como as manifestações e protestos públicos, que a “comida” sempre se fazia presente. Assim, se algum vídeo iria ser exibido publicamente, ao final, havia espaço para degustação de comida *vegan*as. Se uma manifestação era organizada, pequenas guloseimas como *cupcakes* ou coxinhas (de carne de caju ou soja) eram distribuídas. Esses pequenos exemplos nos permitem tomar o campo da alimentação para além de suas funções mecânicas e vitais:

Não comemos apenas quantidades de nutrientes e calorias para manter o funcionamento corporal em nível adequado, pois há muito tempo os antropólogos afirmam que o comer envolve seleção, escolhas, ocasiões e rituais, imbrica-se com a sociabilidade, com ideias e significados, com as interpretações de experiências e situações. Para serem comidos, ou

² Ver: <http://www.svb.org.br/vegetarianismo/>

³ Há discordâncias em relação a essas classificações. Muitos *veganos* se recusam a reconhecer como *vegetarianos* aqueles que consomem produtos derivados de origem animal tal como ovos ou leite.

comestíveis, os alimentos precisam ser elegíveis, preferidos, selecionados e preparados ou processados pela culinária, e tudo isso é matéria cultural (CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Manda Diez, 2005. p.9).

Alimentar-se é para os humanos um ato que está profundamente relacionado aos esquemas e contextos culturais aos quais pertencem (Sahlins, 2003[1972]). Se não consumimos tudo que é biologicamente ingerível, é porque tudo que é biologicamente ingerível não é culturalmente comestível (Fischler, 2011). A partir dessa perspectiva, o ato de se alimentar irá sempre implicar um conjunto de escolhas que perpassa por inteiro o universo de possibilidades do que vem a ser considerado alimento ou não. Dessa forma, grupos e pessoas das mais distintas origens étnicas, sociais e culturais, se reconhecem e são reconhecidos pelos seus hábitos alimentares (Maciel, 2005), o que torna possível pensar a alimentação enquanto um meio que constrói pertencimentos e gera identificações a um só tempo.

Para além desse caráter vinculado à auto definição, também devemos considerar que a alimentação pode ser debatida e apropriada pelos sujeitos dessa pesquisa como ferramenta política, o que fará meu trabalho se encaminhar para uma abordagem política da alimentação. Nesta parte, utilizarei como principais referências Fátima Portilho (2009; 2011) e Luis Nunes (2010). Por acreditarem que os animais não devem ser utilizados para satisfazer os desejos e necessidades humanas, os *veganos* se propõem a fazer o que denominam por “ativismo”, ou, em outras palavras, desenvolver um conjunto de ações sociopolíticas de caráter articulado que possuem por finalidade denunciar às condições em que os animais são submetidos para servir aos humanos, como também fazer com que as pessoas uma vez “cientes da realidade” modifiquem os seus hábitos e parem de consumir produtos de origem animal, em toda sua extensão. Para refletir sobre essas ações que trago também para este debate o conceito de *agência* apresentado por Sherry Ortner (2006), na tentativa de definir os tipos de ações que são, em sua origem, dotados de intencionalidade.

É tendo por base esse pano de fundo que envolve alimentação ética, consumo, formação de identidades e mobilização política que apresentarei aqui uma pesquisa que foi predominantemente realizada na cidade de Natal-RN, mas que, em alguns momentos, se estendeu para outros contextos, nas cidades de Campina Grande (Paraíba) e Recife

(Pernambuco)⁴. A escolha dessas três cidades para realizar essa pesquisa se confunde com a minha trajetória tanto de vida quanto acadêmica. Morei boa parte de minha vida em Recife, fiz minha graduação em Ciências Sociais em Campina Grande e, depois, me tornei discente do curso de mestrado em Antropologia Social da UFRN. Para além do pano de fundo pessoal, essas três cidades também se apresentam como contextos interessantes para pensar o *veganismo*, uma vez que vários grupos têm atuado de maneira constante, às vezes até em conjunto, na propagação e disseminação desse tipo de postura e ideias.

Em Campina Grande, existe um Coletivo chamado *Heresia Coletiva*⁵ que reúne pessoas predominantemente vinculadas à cena anarquista da cidade. O *veganismo* também aparece como uma forte questão para o grupo, que vem desenvolvendo, assim, atividades, eventos e manifestações com certa periodicidade sobre temas que envolvem a conjunção entre anarquismo e *veganismo*. Em Recife, há vários grupos que desenvolvem ações voltadas para a defesa animal, entre eles o ATIVEG⁶, Mandacaru⁷, Ganapati⁸, para citar apenas alguns. Natal é o contexto em que pude me deter mais profundamente no universo desses sujeitos. Tive a oportunidade de acompanhar o processo de formação de um Coletivo de *veganos* ligados a uma entidade pró-direitos animais de caráter abolicionista bastante atuante no cenário nacional, sobretudo na cidade de São Paulo (SP), seu lugar de origem: VEDDAS – acrônimo para *Vegetarianismo Ético Defesa dos Direitos Animais e Sociedade*. Em maio de 2012, criou-se o VEDDAS/RN e, a partir deste mês, seus membros passaram a desenvolver atividades sistemáticas, muitas das quais tive a oportunidade de acompanhar e também participar.

Vale a pena salientar que o próprio “movimento de defesa animal” está distante de ser algo homogêneo, o que impõe aqui a necessidade de sempre especificarmos de que tipo de grupo estamos tratando. Certamente a cisão mais evidente no interior do movimento é a que existe entre *abolicionismo animal* e *bem estar animal* (FERRIGNO, 2012; MUNRO, 2012). Os primeiros, por acreditarem que os animais não existem para servir de recurso aos fins humanos, querem abolir o uso de animais em toda e qualquer esfera, o que inclui não apenas alimentação, mas também vestuários, pesquisas e testes “científicos”, entretenimentos

⁴ O foco será sempre os ativistas da cidade Natal. Embora me reporte a os outros contextos ao longo do texto.

⁵ Ver blog: <http://heresia-coletiva.blogspot.com.br>

⁶ Ativismo Vegano.

⁷ Filial da Sociedade Vegetariana Brasileira em Recife.

⁸ Entidade que se propõe a debater temas como ecologia, vegetarianismo, ética e espiritualidade. Ganapati é um dos nomes de Ganesha, Deus indiano, e significa “Deus de todos os Deuses”.

como circos ou zoológicos, dentre outras práticas sociais e culturais. O segundo grupo busca promover o bem estar animal através da construção de regulamentações como forma de melhorar as condições de vida dos animais, a título de exemplo, em abatedouros, tal como é a política do abate humanitário.

Uma vez que as práticas *vegan*as estão associadas a um tipo específico e seletivo de consumo, ou, em grande medida, ao não-consumo de alimentos e produtos de origem animal, a relação entre alimentação, consumo, identidade e política se constitui numa chave analítica importante a ser aqui desenvolvida. Assim, a questão que se persegue, é a de saber como o discurso *vegano* (de caráter abolicionista) ganha forma e se materializa em ações, manifestações e mobilização política por parte de um grupo de pessoas que podem ser encaradas como ativistas *veganos*. Para tanto, me proponho a construir uma etnografia das atividades que esses sujeitos realizaram coletivamente, tanto as de caráter mais lúdico como a realização de piqueniques, quanto aquelas de caráter reivindicatório e contestatório como são as manifestações políticas em locais públicos.

Os fatores implicados na prática do *veganismo* me conduziram a formular uma série de questões que movem meus interesses nessa pesquisa ao mesmo tempo em que me servem de ponto de partida. Assim, cabe indagar: quem são essas pessoas? O que fazem? Como o *veganismo* apareceu em suas vidas? Em que contexto? O que está em jogo na experiência do tornar-se *vegano*? Qual a importância da alimentação, do corpo e da saúde nesse contexto? Como essas pessoas se relacionam em círculos sociais mais amplos como família e amigos? Há conflitos nessas relações? Quais? Por que essas pessoas buscam construir grupos de afinidade ou estar entre iguais? Como se engajam em coletivos políticos que lutam pela defesa dos direitos animais? Como põem em prática suas ideias? Como se dá a passagem para uma vida de “ativismo”? Como é abrir mão do acesso a uma série de bens e produtos em prol de uma ética? em que medida isso constitui um *ethos* e uma visão de mundo particular?

Acredito que a condição de ser *vegano* implica na partilha de uma série de experiências em comum. Se esta hipótese se confirmar, torna-se necessário saber quais são essas experiências e em que medida elas são definidoras para a formação de grupos de afinidade e aproximação de certas pessoas.

Mais uma vez, ressalto que para desenvolver esta pesquisa concentrei minhas atenções nas atividades que esses sujeitos realizavam enquanto grupo, portanto coletivamente. Assim, a etnografia que será aqui desenvolvida foi construída principalmente com foco em dois tipos

de atividades: uma de caráter mais reivindicatório, no sentido de sair às ruas para protestar ou divulgar o *veganismo* – momento marcado pela interação com outras pessoas – e outra de caráter mais lúdico, em que a interação se volta para o próprio grupo, tal como são os casos dos piqueniques.

Assim, na construção dessa pesquisa, que se propõe a ser uma etnografia da mobilização política, alimentação ética, identidades, seguirei a seguinte estratégia: traçarei primeiramente os percursos da pesquisa e o meu encontro com o tema, na tentativa de elucidar as principais motivações e caminhos que me levaram a fazer pesquisa nessa área. Depois, irei me deter numa discussão mais metodológica, que, embora inicial, se constitui numa tentativa de demonstrar quais vias estou aqui seguindo. Compreendo que seja de extrema importância – mais até do que fazer um apanhado dos principais métodos utilizados ao longo da história da antropologia – enfatizar algumas particularidades do meu processo de pesquisa, uma vez que estou tratando com grupos de *veganos* em lugares e contextos distintos. Além do mais, mesmo nessas cidades não existe um lugar específico e com limites bem definidos para o encontro e reunião desses sujeitos. Assim, em um dia posso estar numa praça, no outro em um parque, na rua, na calçada, em um bar, num restaurante, na universidade, ou numa manifestação em frente a uma lanchonete da cadeia transnacional de *fastfood* Mc Donald's. Tudo que estou fazendo é seguindo essas pessoas. E, para dar conta desse universo de pesquisa que me aparece como bastante dinâmico e fragmentado, acredito que caberá trazer para esse texto autores que problematizam essas questões, tal como é o caso de George Marcus e sua abordagem etnográfica multisituada (1995).

Não tenho aqui a pretensão de separar “teoria” e “dados etnográficos”. Por isso, tentarei ao longo de cada capítulo fundir discussões teóricas com referências empíricas. Estando certo de que o *veganismo* muito mais que uma dieta é consequência de um posicionamento ético e político que se fundamenta nos direitos animais, é justamente o fundamento desta ética e desses direitos que devo perseguir em um primeiro capítulo. Aqui, será de suma importância enfatizar os principais autores que vêm desenvolvendo este debate. Alguns nomes e obras me aparecem como inescapáveis. São eles: Peter Singer⁹ e o seu

⁹ Filósofo australiano e Professor na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Trabalha principalmente com questões relacionadas a ética prática e utilitarismo.

trabalho *Libertação Animal* (1975). Tom Regan¹⁰ e o seu clássico *Jaulas Vazias*, e também Gary L. Francione¹¹ em *Animals as persons: essays on the abolition of animal exploitation* (2008). No Brasil, alguns autores também me aparecem como sendo bastante importantes: Eron Santana¹² e seu livro *Abolicionismo Animal* (2009) como também Carlos Nacone¹³, em *Ética e animais* (2006), assim como Sônia Felipe¹⁴, no livro *Ética e Experimentação Animal: Fundamentos Abolicionistas* (2007). Por caminhos diferentes, todos esses autores argumentam que do ponto de vista do direito à vida, os humanos não podem ser considerados superiores aos “animais não humanos¹⁵”, sendo totalmente ilegítimo o fato de que animais precisem ser mortos para alimentar ou vestir os seres humanos, a título de exemplo. Assim, esses autores apontam que a relação entre homens e animais deve se pautar em termos de coexistência e não de subordinação. Apesar dessa pesquisa ter como interlocutores os ativistas de um grupo que defende os direitos animais, caberá também neste capítulo um debate sobre como a antropologia têm abordado esse novo horizonte que se abre e inclui a presença do “não humano” para uma disciplina que floresceu se orientou profundamente pelo “conceito de cultura”, uma característica muitas vezes atribuída como sendo a marca distintiva dos seres humanos e do “Homem” (GEERTZ, 1987; SORDI, 2011).

Depois, seguiremos para um segundo capítulo onde serão narrados os processos implicados na experiência do tornar-se *vegano*, destacando algumas trajetórias individuais, compreendendo como se abre mão do acesso a uma série de bens e produtos em prol de uma ética, evidenciando os conflitos desencadeados pela opção de tornar-se *vegano* em esferas sociais como a família e os círculos de amigos, e, por fim, desenvolver uma discussão sobre consumo e alimentação por acreditar que são nessas esferas que cotidianamente o *veganismo* opera com maior força e enfrenta os seus desafios mais práticos.

No terceiro capítulo, será tematizado o processo de tornar-se “ativista”, tentando também compreender quais foram os motivos que levaram esses sujeitos a se colocarem dessa

¹⁰ Professor aposentado de Filosofia pela Universidade da Carolina do Norte, especializado em direitos dos animais.

¹¹ Professor de Direito e Filosofia na Rutgers University, EUA.

¹² Professor da Pós-Graduação em Direito na UFBA e também Promotor de Justiça do Meio Ambiente da cidade de Salvador. O livro apontado é fruto de sua tese de doutoramento.

¹³ Doutor pela Universidade de Cambridge, UK.

¹⁴ Doutora em Filosofia pela Universidade de Konstanz na Alemanha, tem desenvolvido vários trabalhos de destaque no campo da ética e pesquisa científica.

¹⁵ Essa expressão é bastante usada entre os veganos. Me parece uma forma de lembrar que os seres humanos também são animais que convivem com outros animais. Uns são humanos, outros não.

forma, ou, numa pergunta: em que momento abandonar o consumo de produtos de origem animal deixa de ser suficiente, tornando-se necessário ir para as ruas difundir o *veganismo*? No desenvolvimento desse capítulo, alguns aspectos chave apareceram no discurso desses sujeitos, e, por isso mesmo, também serão abordados nessa sessão. São eles: conscientização, sensibilização e auto atribuição de responsabilidade.

Apresento ainda um quarto capítulo de caráter mais descritivo e etnográfico, narrando às experiências de ativismo e sociabilidades vividas na prática por esses sujeitos no momento em que estive fazendo pesquisa. Pretendo refletir sobre as mobilizações políticas por meio das ideias de dois autores principais: primeiramente Victor Turner e sua noção de *performance*, enquanto um evento crítico, marcado por uma ruptura no fluxo da ação social, e que por meio dele os atores sociais tentam expressar algo sobre o seu universo de ideias e valores (TURNER, 1987). Depois, Begonya Enguix e sua abordagem do corpo como elemento chave e dotado de significado para o ativismo (2012). Por fim, ainda nesse capítulo aponto alguns elementos que ressaltam a importância da dimensão das *emoções* para o estudo das mobilizações políticas.

Privilegiarei os eventos que ocorreram em espaços públicos, sobretudo nas ruas, por acreditar ser esse o lugar por excelência para o exercício do ativismo político, onde a *performance* acontece. Dessa forma, apresentarei o relato de algumas situações de relevância etnográfica no contexto de um piquenique organizado por alguns integrantes do grupo de “*Veganos e vegetarianos do Recife*”, formado numa rede social – *Facebook*. Também nesta cidade ocorreu um dos eventos mais importantes no cenário dos direitos animais na atualidade, o III Congresso Mundial de Bioética e Direitos Animais. Por outros motivos, esse evento também foi para mim muito importante porque proporcionou o encontro não programado entre os interlocutores do piquenique em Recife e do VEDDAS de Natal. Além de interagirem durante o evento, participaram juntos de uma manifestação contra o McDonald’s no dia 24/08 de 2012, evento esse que narrarei com maiores detalhes no decorrer do texto. Da cidade de Campina Grande, apresentarei um evento organizado pelos integrantes do coletivo “*Heresia Coletiva*”. O evento foi chamado de “*OKUPE-SE*”, e, tinha como finalidade se fazer um dia inteiro de atividades voltadas para o debate de temas como anarquismo e literatura marginal. O *veganismo* não estava em pauta, contudo, no cartaz do próprio evento se falava que o almoço a ser servido durante a atividade seria *vegano*.

Por fim, ainda trarei neste capítulo o contexto das atividades de Natal. O grupo de *veganos* desta cidade tem sido, dentre os aqui apresentados, aquele que mais vêm desenvolvendo atividades sistemáticas com o tema do *veganismo*, sejam elas de caráter lúdico ou reivindicatório/contestatório. Considero que tive um pouco de sorte por acompanhar a formação de um grupo a partir do primeiro evento realizado por essas pessoas, a I Semana Contra a Experimentação Animal, realizada entre os dias 24 e 28 de abril de 2012. Depois desse evento, vários outros ocorreram, e, como frisei anteriormente, um grupo se formou. Tive a oportunidade de estar presente em parte considerável desses eventos que aqui também serão apresentados, tal qual o Dia Mundial Contra a Crueldade e Exploração Animal e o DIDA, Dia Internacional dos Direitos Animais.

Além dos capítulos que aqui descrevo de modo muito amplo, chegaremos nas considerações finais, lugar onde farei um balanço geral do trabalho, apresentando os resultados a que pude chegar ao longo dos capítulos dessa dissertação, justificando suas implicações e os limites concretos aos quais tive que me deparar no texto.

Os percursos da pesquisa

Ainda como aluno do curso de graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), fiz a minha monografia de conclusão de curso sobre a questão do *veganismo* entre um grupo de punks/anarquistas nesta mesma cidade. Alguns elementos caracterizavam de maneira marcante esse grupo. Esses sujeitos eram *veganos*, cicloativistas, faziam zines¹⁶ individuais e em grupo, se diziam *queers*¹⁷, faziam reciclagem de alimentos e mantinham um “visual” ou estilo de vida punk. Por questão de tempo e espaço, decidi concentrar minha monografia em apenas um desses elementos: o *veganismo*. Contudo, sabia que muita coisa ainda podia ser explorada, e assim, abordando não apenas o fenômeno

¹⁶ Nome dado aos materiais escritos e impressos, produzidos por pessoas ou grupos no meio punk.

¹⁷ De uma maneira bastante geral, a teoria *queer* se posiciona criticamente em relação às estratégias de disciplina, normalização e estabilização das identidades sociais. No que se refere às identidades de gênero, isso se reflete na crítica à heterossexualidade e aos binarismos que estruturam as relações de gênero tradicionais e heteronormativas (heterossexual/homossexual, masculino/feminino, homem/mulher). Para esses sujeitos, o *queer* foi apropriado de maneira a questionar heteronormatividade. *Incógnitos* foi o termo que criaram e utilizavam para se auto definir, vocábulo que para eles melhor expressava as questões postas pela teoria *queer*.

do *veganismo*, mas também, o conjunto de elementos que apareciam mais marcadamente como características desse mesmo grupo de punks, fiz meu projeto para o curso de mestrado.

Do período em que fui aprovado na seleção até o início do semestre muita coisa aconteceu. O grupo que pretendia estudar se desfez. Algumas pessoas viajaram, outras saíram de “rolé¹⁸” e migraram para outras cenas, e os poucos que ficaram, por solidão ou por falta de apoio, não tiveram tanto fôlego para mover as coisas com a mesma intensidade e constância de antes. Resolvi esperar um pouco, deixar os dias passarem e pensar em alguma alternativa. Nesse meio tempo, pensei em várias coisas, inclusive, na possibilidade de mudar radicalmente de tema. Contudo, começar do zero não me pareceu a coisa mais sensata a ser feita principalmente porque o tempo já estava bastante avançado. Decidi seguir com a temática do *veganismo*, do consumo e da alimentação, ainda que para seguir dessa maneira, tivesse que encontrar interlocutores.

Em todo esse processo, uma ferramenta me foi fundamental. Nunca fui um sujeito das redes sociais, contudo, me senti impelido a fazer um perfil no *Facebook*, uma vez que estava começando a perder eventos que envolviam meus interesses de pesquisa por falta de informação. Comecei a utilizar o *Facebook* e logo encontrei e comecei a fazer parte do grupo de vegetarianos e *veganos* de Recife e Natal, estando mais atento a tudo que era dito, comentado e organizado.

Tive alguns golpes de sorte. Quando uma dada pessoa se coloca como alguém que está estudando um determinado tema, uma espécie de “magnetismo” parece envolvê-la de uma maneira tal, que as pessoas que lhes são próximas ou nem tão próximas assim, começam a te passar informações que te interessam. E foi mais ou menos assim que fiquei sabendo de um evento organizado por *veganos* na UFRN. Um colega me informou que haveria uma “Semana Contra a Experimentação Animal”. Esse evento fazia parte de uma agenda maior, pois trata-se de uma data internacional, o dia de luta contra a *vivissecação*, termo utilizado para designar a prática de se cortar animais vivos para fazer experimentos científicos. Vários grupos de defesa dos direitos animais aderiram a esse movimento e, em várias capitais brasileiras, europeias e da América do Norte a manifestação foi realizada.

Em Natal, o evento foi mais longo. Ao invés de um dia, uma semana. Isso muito me animou. Depois disso, comecei a me aproximar dessas pessoas e intensificar os contatos. Mais

¹⁸ Expressão bastante utilizada nesse meio para se referir ao ato de viajar, conhecer outras cenas punks.

uma vez, tive sorte. Se meu primeiro projeto de pesquisa foi frustrado porque o grupo de pessoas que pretendia “estudar” em Campina Grande se desfez, em Natal vivi o processo inverso: testemunhei a formação de um grupo, que começou despretensiosamente, quando alguém fez a seguinte postagem no grupo de vegetarianos e *veganos* numa rede social: “tem alguém interessado em ativismo aqui em Natal?” A partir dessa postagem, várias pessoas se demonstraram interessadas, até que começaram a trocar informações, surgindo a ideia de aproveitarem a data internacional do Dia Mundial Anti viviseção, para realizarem um evento desta natureza na cidade do Natal. O evento aconteceu nas dependências da UFRN, com exceção da manifestação, que ocorreu em frente ao Midway Mall – *Shopping Center* localizado em área de grande movimento e visibilidade em Natal. Após o ato, os participantes se reuniram, trocaram contatos e começaram a alimentar a ideia de construir um Coletivo pelos direitos animais. Foi a partir da intensificação desses contatos que surgiu a ideia de criar uma representação do VEDDAS Natal. Essa escolha não se deu por acaso. Duas ou três das pessoas envolvidas com a mobilização para se criar o Coletivo em Natal, já conheciam o trabalho dessa organização – que é bastante respeitada no cenário da defesa dos direitos animais no Brasil – uma vez que haviam participado do Encontro Nacional de Direitos Animais no ano de 2010, evento que o VEDDAS tem participação importante. Aderir ao VEDDAS também foi estratégico, na medida em que não teriam que “começar do zero”, dado que a entidade já possuía uma estrutura de materiais para divulgação e difusão dos direitos animais. Foi desta forma que se criou o VEDDAS/RN, e uma série de ações sistemáticas começaram a acontecer: reuniões periódicas, o Cine VEDDAS, a Banca VEDDAS, Grupo de Estudos, entre outras atividades.

Parecia que precisava apenas o primeiro evento acontecer. Poucos dias depois soube através do grupo de vegetarianos e *veganos* do Recife no *Facebook*, que iria ocorrer o 6º piquenique *vegano* do Recife. Não tive dúvidas. Peguei minha mochila e segui para essa cidade. Apesar de Recife me ser uma cidade muito conveniente e familiar, uma coisa estava estabelecida: não poderia me dar ao luxo de escolher para quais lugares ir. Tinha que seguir os eventos, rumar para onde eles estivessem acontecendo – o que irá implicar em alguns cuidados metodológicos importantes que irei desenvolver ao longo da minha dissertação.

O piquenique foi realizado em um lugar bastante agradável da cidade do Recife, o Parque da Jaqueira. Pouca gente apareceu. Contudo, o evento me foi igualmente importante, pois ele me possibilitou fazer novos contatos, conhecer pessoas e me colocar novas questões.

Algumas semanas depois, já no mês de junho, ocorreu outro evento, desta vez, na cidade de Campina Grande. Segui para lá e tudo que lá ocorreu também foi bastante significativo.

No mês de agosto de 2012, ocorreu na cidade do Recife o III Congresso Mundial de Bioética e Direitos Animais. Esse evento foi importante por alguns motivos. Primeiramente, vale dizer que é um dos maiores encontros que ocorre no Brasil com o objetivo de discutir questões que atravessam o universo do movimento dos direitos animais. Depois, ao longo dos anos, os organizadores desse congresso têm trazido grandes nomes desse campo para participar de suas edições, tal como Peter Singer, Tom Regan e Gary L. Francione. Como falei no tópico anterior, esse encontro foi muito importante para mim no sentido de conhecer melhor o universo dos sujeitos investigados. Saber quem eram os atores que estavam se colocando naquele campo, perceber que o movimento de defesa dos direitos animais possui várias clivagens e, muitas vezes cisões, tal como aquela que põe em lados opostos bem estar animal e abolicionismo

Em pouco tempo, houve uma reviravolta nas minhas perspectivas de pesquisa. Se anteriormente o principal problema era encontrar interlocutores, agora estava diante de uma situação inversa, havendo vários universos ao qual eu poderia me inserir e realizar minha pesquisa. O que fazer? Escolher um desses contextos? Abraçar a todos? Como dar conta de universos tão ricos, similares, distintos e significativos?

Metodologia

Em “O ponto de vista do nativo”, Geertz (1997[1983]) problematiza algumas questões que devem ser levadas em consideração na construção do meu trabalho. Esse artigo teve como inspiração a publicação dos famosos diários de campo de Malinowski. Caía por terra a figura mítica do pesquisador de campo “camaleão”, simpático e empático, onde conhecer os “outros culturais” pressupunha uma aproximação existencial. Deste debate, uma questão me parece ser bastante importante para as ideias que pretendo aqui desenvolver:

... se não é graças a algum tipo de sensibilidade extraordinária, a uma capacidade quase sobrenatural de pensar, sentir e perceber o mundo como um nativo, como é possível que antropólogos cheguem a conhecer a maneira como um nativo pensa, sente e percebe o mundo? (GEERTZ, 1997[1983],

p.86).

Como podemos notar, o fundamental é compreender os sistemas simbólicos e os significados que norteiam as modalidades de entendimento cultural de um determinado contexto. Aqui, o que está em jogo é uma questão epistemológica que diz respeito à maneira como o conhecimento antropológico é produzido. Para Geertz, a principal questão que a publicação dos diários de Malinowski suscita é que não é necessário ser um “nativo” para conhecê-los, “o que importa é descobrir que diabos eles acham que estão fazendo” (Geertz, *ibid*: p.89).

Boa parte dos trabalhos antropológicos mais clássicos foram dedicados aos estudos de populações ditas “primitivas” ou, em sua maioria, alheias aos padrões culturais “ocidentais”. Havia aí, uma diferença nítida entre pesquisador e sujeitos investigados, o que não é exatamente o meu caso.

Por muito tempo estive envolvido com algumas das pessoas que me propus a pesquisar, sobretudo, em Campina Grande, numa relação que envolve amizade e partilha de posicionamentos “políticos”, “ideológicos”. Mesmo nos contextos em que não conhecia muitas pessoas, tais como Recife e Natal, eu já tinha certo conhecimento sobre algumas questões que estavam em jogo no universo que eu me propunha a investigar, o que facilitou muito minha inserção no interior desses grupos, ao mesmo tempo em que também me colocou algumas dificuldades. Neste sentido, muito do que foi pontuado por Geertz contribuiu bastante na construção do meu trabalho, na medida em que me permitiu pensar sobre questões que envolviam “experiência de proximidade” e de “distância”. Considero importante fazer tais observações, porque esses foram os primeiros desafios que tive que enfrentar quando me propus a pensar os meus próprios amigos através do aporte conceitual e dos instrumentos possibilitados pela antropologia. Como levar adiante tal pesquisa? Como ser “isento” diante de tamanha proximidade? Afinal, existe isenção no universo das pesquisas? Seria ela uma espécie de pré-requisito?

Existe uma ampla discussão sobre a questão da neutralidade no universo das ciências sociais que atravessa referências tão distintas quanto as máximas pretensões de objetividade do positivismo, acidamente denunciada como razão instrumental pela Teoria Crítica, ou a noção de realidade multifacetada e a neutralidade axiológica em Max Weber, que irá encontrar certo respaldo na desconstrução do papel do pesquisador-autor desenvolvido pelo pós-

estruturalismo.

Estar próximo, ou numa situação limite, ser parte constituinte daquilo que se pretende estudar é, sem dúvida, uma condição desafiante. O principal obstáculo a ser vencido neste tipo de situação será o de deslocar meu olhar, desnaturalizando tudo aquilo que possa me aparecer como familiar. Ao “vestir a capa do etnólogo”, nas palavras de Da Matta, nos deparamos com uma dupla tarefa: “(a) transformar o exótico no familiar e/ou (b) transformar o familiar em exótico” (Da Matta. 1978). Como há de se notar, o caso deste trabalho está diretamente relacionado à segunda formulação de Da Matta, correspondente a um momento mais recente da antropologia, quando uma significativa parcela da disciplina volta-se para estudo da nossa própria “sociedade”. Gilberto Velho é também um dos autores que contribuiu significativamente para este tipo de debate que envolve noções de proximidade e distância. Este último autor problematiza as formulações lançadas por Da Matta, afirmando que tudo aquilo que nos deparamos e vemos cotidianamente pode até ser familiar, mas não é, por isso, necessariamente conhecido; o contrário também é verdade, o que não vemos e encontramos pode ser exótico, contudo, em alguma medida, conhecido:

Assim, em princípio, dispomos de um mapa que nos familiariza com os cenários e situações sociais de nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. Isso, no entanto, não significa dizer que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema (VELHO, 1987, p.127).

Esses temas também são retomados pelo autor em um texto mais recente, *O desafio da proximidade* (2003), onde Gilberto Velho aponta que o que torna possível ao antropólogo desenvolver pesquisas em universos urbanos – onde pesquisador e sujeitos investigados fazem parte do mesmo contexto –, é o fato dele conseguir transitar pelos mais variados mundos e, ao mesmo tempo, não ser englobado por nenhum deles. É justamente essa espécie de “multipertencimento” que permite ao pesquisador desenvolver um “estranhamento crítico diante do próximo” (VELHO, 2003, p.18).

Autores como Clifford (1991; 1998) e Marcus (1991; 1994) também me parecem importantes para pensar sobre questões que envolvem “proximidade e distância”, assim como a maneira, enquanto pesquisador e também de alguma forma sujeito que compactua com algumas ideias dos interlocutores desta pesquisa, em que devo me colocar diante da própria

pesquisa e da construção do meu texto etnográfico. Trata-se de levar em consideração questões como as condições de produção, a maneira como as narrativas são construídas¹⁹, aspectos que envolvem autoria e autoridade, onde é o próprio texto etnográfico que aparece como objeto de interpretação.

Ao tomar as produções etnográficas enquanto gêneros textuais, de maneira similar a qualquer outro tipo de literatura, esses autores nos falam de “estilos” etnográficos, que vão desde o realismo ao surrealista. Vale salientar que não se trata de uma preocupação meramente estilística. De maneira direta, a escrita reflete as preocupações teóricas de cada escola, ou, mesmo, de cada autor. Assim, é interessante notar que nas etnografias clássicas, os pesquisadores escreviam como alguém que estava de fora, sedimentando a ideia da “cultura” como algo passível de ser observado externamente. Outros “estilos”, preocupavam-se em fazer uma exegese da cultura, entendendo-a como um texto e interpretando-a, tal como, por exemplo, Clifford Geertz (1987). Ainda, outros estão preocupados com questões de dialogia, “heteroglossia”, ou uma perspectiva multisituada – especificamente essa última, para dar conta do contexto fragmentado do mundo em que vivemos.

Um dos possíveis desdobramentos dessa perspectiva abordada por Clifford e Marcus, era o de fazer com que os antropólogos aparecessem cada vez mais em seus textos não como alguém externo, que escreve “de fora”, mas sim como alguém que participa ativamente desse processo, marcando o texto etnográfico com uma espécie de “selo pessoal”, abrindo espaço para questões de ordem subjetiva. Tentarei seguir essa direção, não deixando de me colocar no texto e, ao mesmo tempo, tentando encontrar um ponto de equilíbrio em que a proximidade e a partilha de certo conjunto de ideias com os sujeitos dessa pesquisa não compromettesse a própria pesquisa.

Diante de tais pressupostos, acredito que cabe aqui seguir essa discussão metodológica direcionando-a para os caminhos que pretendo seguir na construção do meu texto etnográfico, e, sendo assim, não dá para começar de outra forma: o trabalho de campo e a observação participante foram os principais instrumentos que conduziram o desenvolvimento da pesquisa. Em conjunto a elas, também realizei um total de 11 entrevistas abertas – cujo conteúdo aparecerá principalmente no segundo capítulo –, por acreditar que elas podem me ajudar a compreender, como também aprofundar uma série de questões observadas no campo,

¹⁹ No modelo clássico, em primeira pessoa, o que indica que é o antropólogo que está falando e não os sujeitos da pesquisa.

tornando mais nítido algumas continuidades e também contradições entre aquilo que é dito enquanto discurso formalizado, e aquilo que é praticado cotidianamente.

A partir da publicação dos *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1978 [1922]) Malinowski foi sem dúvidas um dos grandes responsáveis pela consagração dessa maneira específica de se fazer pesquisa em antropologia, o que confere até os dias de hoje certa identidade a disciplina, de maneira que fazer antropologia começa com o fazer pesquisa de campo. Nota-se que o trabalho de campo etnográfico para Malinowski não é apenas uma possibilidade, mas o caminho necessário através do qual a pesquisa antropológica deve ser realizada. Eis a proposta: o pesquisador de campo deve viver na aldeia junto com os indígenas, evitar a mediação de tradutores e aprender a língua nativa, permanecer na aldeia por um bom tempo, de preferência, por vários anos. Era esse o caminho apontado por Malinowski para descobrir o “corpo”, a “alma” e o “sangue” da vida tribal, em suma, para apreender “o ponto de vista do nativo”²⁰.

Como bem nos fala James Clifford (1998) o “estar no campo” é o elemento que confere legitimidade à pesquisa, constituindo-se num tipo de “autoridade etnográfica” baseada na experiência singular do pesquisador, muito bem exemplificadas em expressões do tipo “eu estava lá”, “eu vi, e estou habilitado a falar”.

Não podemos deixar de lado que, com certo viés positivista, as análises funcionalistas direcionaram os seus esforços para encontrar regularidades e constâncias da vida social. Em breves palavras, havia ausência de discussão sobre os conflitos e as mudanças sociais. Esta lacuna começou a ser preenchida na antropologia por autores como Max Gluckman (1987), Van Velsen (1987) e Clyde-Mitchell (1987), para citar apenas alguns. Guardada as particularidades de cada um, a maneira como esses autores conduziram suas pesquisas marcava um notado deslocamento de foco, onde a questão norteadora deixou de ser como as sociedades se mantêm, passando a ser em como elas se transformam (FELDMAN-BIANCO, 1987). Notadamente estava-se abrindo espaço para se refletir sobre aspectos mais processuais e conflitivos no interior da disciplina.

Seguindo ao questionamento dos modelos teóricos funcionalistas, o antropólogo norueguês Fredrik Barth é um severo crítico desse tipo de perspectiva. Para ele, termos como “cultura” ou “sociedade”, bastante comum no vocabulário funcionalista, estão marcados pelos

²⁰ Embora que para muitos autores “compreender o ponto de vista do nativo” continue sendo um dos objetivos mais centrais para a antropologia, os caminhos para se chegar até tal ponto pode variar bastante.

pressupostos do “holismo” e da “integração”.

Não é que deixe de existir coerência ou estabilidade. A questão maior é que não dá para fazer disso um pressuposto: “somos treinados a suprimir os sinais de incoerência” (BARTH, 2000), é como se estivéssemos sempre nos detendo em uma busca quase que obstinada para encontramos um “principio ordenador”, capaz de demonstrar a coerência e harmonia do todo social. Uma ideia análoga é desenvolvida por Eric Wolf (1984) ao afirmar, em seu clássico texto *Inventando a sociedade* que, durante certo período, qualquer que fosse a abordagem teórica nas Ciências Sociais – algumas mais que outras, a bem da verdade – carregavam consigo o pressuposto de que a vida coletiva se apresentava como uma totalidade ou mesmo um “sistema”. Por trás de tais perspectivas, sobretudo a funcionalista, reside uma certa percepção da cultura como algo reificado, uma espécie de entidade aparentemente muito bem delineada, coerente em si mesma e com substância cultural passível de ser observada externamente (BARTH, 2000).

Barth (2000) propõe a ideia de “correntes culturais” em contato umas com as outras, cada uma “exibindo uma agregação empírica de certos elementos e formando conjuntos de características coexistentes que tendem a persistir ao longo do tempo” (ibid, p.123) ainda que as misturas, sobreposições e choques entre as correntes seja constante. Para o autor, o modelo das correntes culturais permite uma abordagem mais aberta, passível de captar as transformações e a fluidez da cultura:

Tal modelo envolvendo diferentes correntes de tradições culturais, não implica nenhuma suposição predefinida sobre o que exatamente mantém juntos os elementos de cada tradição coexistente – afinal, é exatamente isso que estamos tentando descobrir – nem perspectiva alguma de que todas elas tenham características homólogas e dinâmicas básicas semelhantes (BARTH, 2000, p. 123).

Ao adotarmos uma perspectiva dinâmica da cultura, onde a ênfase recai não na forma, mas nos processos, podemos perceber que as identidades não expressam, de forma mecânica, culturas bem definidas ou delineadas. São sempre padrões múltiplos e parciais que estão dialogando. Em caminho similar, o antropólogo Gilberto Velho afirma: “As sociedades moderno-contemporâneas são constituídas e caracterizam-se por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados” (VELHO, 1994, p.38). Essa multidimensionalidade está acompanhada por um multipertencimento. Os sujeitos se

aproximam uns dos outros mediante o “cruzamento” de suas trajetórias individuais que se relacionam diretamente aos seus *projetos* e *campo de possibilidades*:

Projeto, nos termos deste autor – A. Schutz – é a conduta organizada para atingir finalidades específicas. Para lidar com o possível viés racionalista, com ênfase na consciência individual, auxilia-nos a noção de *campo de possibilidades* como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de *projetos*. Assim, evitando um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sociocultural rígido, as noções de projeto e campo de possibilidades podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades. (VELHO, 1994, p.40).

Essa noção utilizada por Gilberto Velho é interessante para percebermos que os indivíduos desenvolvem seus “projetos”, não de maneira aleatória, e sim, dentro de um campo de possibilidades, de um “repertório sociocultural”, que por sua vez se constrói em relação a uma série de fatores que envolve ideologias, visões de mundo, experiência de classe (VELHO, 2013).

Os textos de Barth e de Gilberto Velho podem servir como bons fios condutores para pensarmos tanto sobre a dinâmica do mundo contemporâneo, quanto em maneiras de como fazer etnografias nesses contextos na medida em que nos oferece caminhos para desenvolver pesquisas em um contexto de pluralidade cultural²¹. Hoje, mais do que nunca, as pessoas participam de universos sociais e discursivos múltiplos e a cultura pode ser, sem sombra de dúvidas, plural na localidade:

Os indivíduos, especialmente em meio metropolitano, estão potencialmente expostos a experiências muito diferenciadas, na medida em que se deslocam e têm contato com universos sociológicos, estilos de vida e modos de percepção da realidade distintos e mesmo contrastantes (VELHO, 2010, p.142).

Entre os próprios *veganos* há diferenças de ideias, posicionamentos e da própria intensidade como essas coisas são pensadas e vividas, tal como mostrarei em minha dissertação. Diferenças essas que podem estar relacionadas com as diferentes trajetórias individuais e campo de possibilidades respectivos.

²¹ Para Barth, o pluralismo se forma a partir do encontro entre diversas correntes de tradições culturais.

Outros autores também podem ser importantes aqui para refletirmos sobre tais questões, sobretudo aqueles que se propuseram a pensar sobre uma “macro antropologia da cultura”. Arjun Appadurai (1994) afirma que a nova economia cultural global deve ser pensada em termos de uma ordem disjuntiva, “superposta e complexa”, onde não cabe mais esquemas dicotômicos do tipo centro/periferia. Esse mesmo autor propõe a ideia de paisagens ou panoramas para pensar um mundo que nos aparece cada vez mais fragmentado, disjuntivo e pouco homogêneo. Tratando dos mesmos processos e contextos – os de globalização e cultura – o antropólogo sueco Ulf Hannerz (1997) afirma que vivemos em um mundo em que as fronteiras não mais imobilizam, mas podem ser ultrapassadas. A metáfora do “fluxo” aparece como bastante adequada, na medida em que nos permite compreender a dinâmica da cultura não enquanto origem – tal como faziam os difusionistas – e sim, enquanto processo:

... não faz a menor diferença que o espaguete tenha vindo da China para a Itália, ou que os pijamas do homem ‘cem por cento americano’ de Linton tenham se originado da Índia. O que importa, nesse argumento, são as interpretações locais, os esquemas locais de significação (HANNERZ, 1997, p. 19).

Na tensão entre homogeneização e heterogeneização cultural ou, entre o local e o global, o local não é passivo, há uma “reorganização da cultura no espaço” (p. 12); quando os fluxos globais passam a ser interpretados localmente, o global tende a se tornar indigenizado (APPADURAI, 1999; SAHLINS, 1993). Pode-se compreender, então, como as ideias de uma associação fundada na Inglaterra (a *Vegan Society*) podem ser utilizadas para desencadear a organização de *Campanhas Contra a Vaquejada*. Independente de suas origens, talvez o mais correto seja pensar a dinâmica dos fluxos globais em termos de sua identidade com um determinado lugar. Neste sentido, ser brasileiro na Califórnia pode ser diferente de ser brasileiro em Nova Iorque ou Amsterdam. O mesmo vale para o *vegano*.

Certos autores, tal como James Clifford e George Marcus, contribuem para fundamentar minha condução de pesquisa, uma vez que ao fazer a crítica aos modelos clássicos de etnografia, sugerem, em certos casos, a proposta de pesquisas “multisituadas” (1995) para dar conta de novos e fragmentados cenários etnográficos:

... attempts to understand something broadly about the system in ethnographic terms as much as it does its local subjects: It is only local circumstantially, thus situating itself in a context or field quite differently

than does other single-site ethnography. [...] The consideration of this foreshortened version of the multi-sited project gives us the opportunity to ask what sorts of local knowledges are distinctively probed within the sites of any multi-sited ethnography (MARCUS, 1995, p.111).

De fato, a utilização desse tipo de perspectiva tem se mostrado como extremamente adequada para tratar de realidades sobrepostas, multidimensionais e disjuntivas (APPADURAI, 1995). Desta maneira, o lugar de pesquisa não se define por meio de limites geográficos e espaciais bem demarcados e sim por conexões e também relações que podem ser vinculadas a contextos mais amplos. Se a ideia é mostrar e fazer conexões, será interessante refletir sobre algumas ações desses sujeitos que se conectam a uma rede global de ativismo²², assim como compreender a associação do *veganismo* com outras formas de pensamento, tal como o anarquismo e o espiritualismo de certos grupos. Segundo Marcus, “A identidade de alguém, ou de algum grupo, se produz simultaneamente em muitos locais de atividades diferentes, por muitos agentes diferentes, que têm em vista muitas finalidades diferentes” (MARCUS, 1991, p.204).

Diante deste cenário, caberá buscar compreender em que momento essas identidades se aglutinam e em quais contextos e circunstâncias. Uma das coisas que Marcus se propõe a fazer em seu clássico texto sobre o surgimento das etnografias multisituadas (1995) é mapear as principais estratégias ou modalidades traçadas para a construção deste tipo de etnografia. Em uma delas, o autor nos fala de “seguir pessoas”. É justamente o que me propus a fazer. Indo a praças, ruas, bares, parques, universidades, rumando para onde caminham os sujeitos dessa pesquisa.

Aqui, será interessante também perceber como o próprio *veganismo*, enquanto um conjunto de ideias que tem alcançado dimensões globais, tem sido apropriado pelos sujeitos dessa pesquisa, o que lhes permite fazer suas próprias leituras. Um bom exemplo disso são as manifestações cada vez mais constantes organizadas por grupos de *veganos* do Nordeste contra as vaquejadas, um “esporte” revestido de tradição cultural “nordestina”, bastante disseminada nesta região do Brasil. Neste caso, pouco importa se o *veganismo* apareceu primeiro na Inglaterra ou em qualquer outro país europeu. O que importa é perceber como essas ideias e práticas estão sendo apropriadas, incorporadas e articuladas nos mais diferentes contextos, inclusive no Brasil, especialmente nos que estou considerando nessa pesquisa.

²² Há vários eventos que são organizados concomitantemente, a nível nacional e global.

Assim, fazer pesquisa em lugares diferentes está se constituindo numa excelente oportunidade para compreender determinadas questões teórico-metodológicas, confrontar perspectivas e experiências, fazer comparações, perceber limites e também continuidades entre os diversos contextos. Em poucas palavras: será que o *veganismo* se apresenta de uma só maneira nos vários contextos que aparecerão pesquisa? Não parecer haver diferenças entre um grupo de *veganos* anarquistas e outro cujo *veganismo* aparece relacionado ao termo espiritualidade?

Contudo, pesquisar em lugares e contextos diferentes também impõe para o pesquisador um problema prático, que é o de simplesmente não poder estar em três lugares ao mesmo tempo. Neste sentido, acabei tendo que, de alguma forma, privilegiar mais alguns contextos do que outros, e, neste caso, o contexto privilegiado foi Natal, simplesmente por ser nesta cidade que mais atividades estavam ocorrendo. Isso irá acentuar no texto certa modalidade de *veganismo*, sobretudo aquele defendido pelo VEDDAS, o que coloca um viés nesse trabalho a partir do material etnográfico que pude obter, mas prejudica um tanto o entendimento da heterogeneidade de ativismos *veganos* existentes, inclusive no Nordeste brasileiro.

CAPÍTULO I – O NÃO HUMANO NA ANTROPOLOGIA E O DEBATE SOBRE ÉTICA E DIREITOS ANIMAIS

A construção de todo campo de conhecimento científico dá-se pela delimitação de certas fronteiras disciplinares. Constituem-se, então, escolas e tradições de pensamento, paradigmas, modelos e conceitos que, na maioria das vezes, tentam responder a interrogações que se colocam nos contextos sociais e políticos específicos de cada época. Foi desta maneira que Durkheim definiu, no contexto do pensamento sociológico francês, o *fato social* como sendo o objeto primordial da sociologia. Definiu também seu conceito:

...toda maneira de fazer, fixado ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais (DURKHEIM, 1999, p. 13).

Para aquele que foi considerado o “fundador” da Escola Sociológica Francesa, o fato social deveria ainda ser tomado como *coisa*, querendo com isso dizer que as “coisas sociais” se realizam apenas através dos homens, são um produto único e exclusivo da atividade humana (DURKHEIM, 1999, p. 18). Na qualidade de “coisas”, os fenômenos sociais devem ser estudados em si mesmos, de “fora”, separados dos sujeitos conscientes que os concebem, “pois é nessa qualidade que eles se apresentam a nós”. (DURKHEIM, 1999, p. 28).

Por seu lado, no cerne do processo de construção do conhecimento e demarcação do campo de estudos da antropologia, um conceito lhe aparece como sendo bastante caro: cultura. Um longo caminho remonta a origem deste conceito, que foi, ao longo da história, utilizado das mais diversas formas, para designar uma infinidade de coisas, tal como nos demonstrou Sapir (1970) e Kuper (2002). No cerne deste processo, encontra-se o debate franco-alemão dos séculos XVIII e XX, onde emergem duas concepções diferentes: uma particularista, de tradição alemã, utilizando o vocábulo cultura para designar e delimitar a consolidação das diferenças nacionais. Enquanto que na tradição francesa, o mesmo termo permanecia com uma conotação universalista, coletiva, sendo utilizado para caracterizar a ideia de gênero Humano (CUCHE, 1999; KUPER, 2002). Tal como assevera Denis Cuche:

Ao longo do século XIX, a adoção de um procedimento positivo na reflexão sobre o homem e a sociedade, resulta na criação da Sociologia e da Etnologia como disciplinas científicas. A etnologia, por sua vez, vai tentar dar uma resposta objetiva a velha questão da diversidade humana. Como pensar a especificidade humana na diversidade dos povos e dos costumes (CUCHE, 1999. p. 33).

A diversidade cultural deixaria de ser explicada em termos biológicos, através da categoria *raça*, e passaria a ser explicada por esta nova categoria. Dois grandes modelos explicativos emergiram: um privilegiou a unidade, reduzindo as diferenças a uma questão temporal, enquanto que na outra, quase que numa via oposta, enfatiza a diversidade, mostrando que ela em si mesma, não vai de encontro à unidade fundamental humana.

Contudo, o que nos interessa aqui é assinalar, tal como Sordi (2011), que o conceito de cultura passou a ser utilizado cada vez mais para designar

o carácter absolutamente distintivo do ser humano frente aos seres naturais, sobretudo em relação àquelas espécies que, do ponto de vista evolutivo, nos são mais próximas, como os bonobos, os chimpanzés e outros primatas. O conceito de cultura soa tão exclusivo aos seres humanos que até mesmo seu irmão e correlato conceito de ‘sociedade’ goza de maior aceitação quando aplicado para além dos limites do humano (SORDI, 2011, p.4).

Não há problemas em falarmos de “animais sociais”, contudo, se substituíssemos o social pelo cultural, certamente encontraríamos vários problemas. De acordo com Ingold (1995), foi em oposição a ideia de animalidade que se construiu a ideia ocidental de humanidade. Ideia esta que contribuiu para a constituição de uma relação que ressalta mais as diferenças que as similitudes entre uma e outra espécie. Assim, ser humano implica na posse de uma série de atributos que os outros animais não possuem: razão, linguagem, intelecto e consciência moral. Ser humano é, no limite, ser tudo aquilo que os demais animais não são. Para Ingold (1995), a cultura delineia a identidade do humano não como ser biológico, e sim, como sujeito moral, o que justificaria a diferença terminológica e semântica nos vocábulos de língua inglesa *humankind*, a espécie, e *humanity*, a condição moral.

Neste processo, outra categoria – que está carregada de sentido moral – adquire centralidade: *pessoa*. Em seu clássico ensaio, Marcel Mauss traça uma genealogia da noção de *pessoa*, mostrando como essa categoria – tão naturalizada entre nós – foi sendo construída ao longo de vários processos históricos. Da noção clássica de *persona* enquanto máscara ou

personagem, pouco restou. Foi o sentido latino, romano, que se perpetuou: pessoa enquanto um fato fundamental do direito, uma *persona* civil, uma *persona* moral. Com essa conotação, adquire um caráter de individualidade, “pessoa” se torna algo além de um personagem, começa a se tornar uma substância, “um sentido de ser consciente, independente, autônomo, livre e responsável por si” (MAUSS, 1974, p.233). A partir de então, várias influências se somaram, para se chegar a ideia tal como a concebemos hoje:

De uma simples mascarada à máscara, de um personagem a uma pessoa, a um nome, a um indivíduo, deste a um ser de valor metafísico e moral, de uma consciência moral a um ser sagrado, deste a uma forma fundamental do pensamento e da ação – venceu-se o percurso (MAUSS, 1974, p. 241).

Tal como aponta Mayra Ferrigno (2011) o texto de Marcel Mauss sobre *As relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia* (2003[1934]) é bastante emblemático no que diz respeito a demarcação e delimitação de certos campos de estudo. Neste texto, Mauss não apenas demarca as diferenças e áreas de atuação numa e noutra disciplina, mas também define o que para ele constitui objeto maior da sociologia como algo totalmente voltado para o humano:

Sei que toco aqui na difícil questão das sociedades animais. Estas atraindo, um dia, espero, a atenção de jovens cientistas que certamente realizarão novos progressos. Mas, até lá, convém proceder com rigor e uma certa arbitrariedade em todas essas delimitações preliminares. As sociedades humanas são, por natureza, sociedades animais, e todos os traços dessas se verificam naquelas. Mas há outros traços que as distinguem, até nova ordem. Não percebemos, no comportamento dos antropóides mais desenvolvidos, nos bandos de mamíferos mais sólidos e permanentes, nas sociedades de insetos mais altamente evoluídas, não percebemos, repito, nem as vontades gerais, nem a pressão da consciência de uns sobre a consciência de outros, as comunicações de ideias, a linguagem, as artes práticas e estéticas os agrupamentos e as religiões – em uma palavra, as instituições que são o traço da nossa vida comum (MAUSS, 2003, p. 320).

Talvez, tenha sido por essa ênfase no humano – coerente até, com o contexto de surgimento da disciplina – que antropologia tenha demorado em se abrir para perspectivas que incluem outros partícipes do mundo social, tal como o não humano animal. Não é que a disciplina tenha negligenciado por completo a relação entre homens e animais em suas reflexões. Estudos clássicos como *Os Nuer*, de Evans-Pritchard (1978), colocou o gado como sendo um elemento fundamental para o povo Nilota, mostrando que o ciclo

econômico, o calendário, o tempo, a estrutura social e de parentesco, se orientavam em torno desses animais. Em “*O pensamento selvagem*”, Lévi-Strauss (1989) nos fala de aves e demais seres totêmicos como sendo humanos metafóricos. Geertz (1989), nos fala da briga de galos em Bali como um jogo absorvente, um microcosmo expressivo, que reflete algo maior, como a própria “estrutura” da sociedade balinesa.

Contudo, tal como destaca Samuel Lez   (2002, *apud* Sordi, 2011), a antropologia sempre privilegiou e concentrou a abordagem com rela     aos animais em dois focos principais: um representacional, onde os animais eram tomados apenas como símbolos, totens; e outra funcional, onde se pontuava a “fun    ” desses para a sociedade humana. Deixou-se, assim, de lado, uma abordagem interacionista, que, retomada por esforços recentes, está passando a configurar um novo campo de estudos: antropologia das relações humanos/animais.

Nessa perspectiva interacionista, o que se procura levar em considera     é o caráter de “agente” que faz dos animais algo mais do que símbolos ou seres passivos, salientando a mutua dependência entre as espécies, ou, o que Donna Haraway (2003) chama de co-evolu    .

De acordo com Caetano Sordi, esse movimento de retomada do caráter “agente” dos animais – e mesmo do não humano –    também algo que está ocorrendo no interior de outras áreas do conhecimento, fora do círculo das humanidades:

...uma série de biólogos, geneticistas e primat  logos – como Frans de Waal, Jane Goodall e Marc Bekoff – têm se aproximado da metodologia e das discussões próprias às ciências humanas, como os conceitos de cultura e política. É comum a estes pesquisadores que sejam acusados, por alguns de seus pares, de incorrer em antropocentrismo, projetando sobre o não humano características e estados mentais próprios aos seres humanos sem maior rigidez epistemológica. Paradoxalmente, sublinham Mullin (1999), Schaeffer (2009) e De Waal (2010), primat  logos japoneses têm chegado a resultados não somente diferentes como também mais conclusivos sobre as relações sociais de algumas espécies de primatas que seus colegas europeus e norte americanos. Para Mullin, isto se deve às concepções mais fluídas, no contexto japonês, acerca das fronteiras ontológicas entre animais e humanos (SORDI, 2011, p.6-7).

Todo esse apanhado foi necessário para que pudesse aqui formular uma quest    : como, uma disciplina que se constituiu em torno do conceito de cultura, muitas vezes colocado como sendo uma particularidade e uma capacidade toda humana, pode ser

utilizada para tratar de questões que tratam do não humano, algo que aparentemente estaria fora do seu domínio?

Refletir sobre o não humano na antropologia requer alguns descentramentos. De acordo com o antropólogo islandês Gísli Pálsson, o momento em que vivemos atualmente nas “Humanidades” pode ser caracterizado por uma série de tentativas de se superar uma crise epistemológica:

Nos anos recentes [...], o fatigado debate entre materialismo e razão cultural tem sido substituído por uma ainda mais fundamental: a distinção entre natureza e sociedade, uma das chaves construtoras do discurso moderno, tem se tornado objeto de discussão crítica em diversos campos, incluindo a antropologia e a história ambiental [*environmental history*]. Este desenvolvimento, parcialmente uma resposta ao pós-moderno, a virada linguística [*Linguistic turn*], aos problemas ambientais globais, à moderna tecnologia da informação, ao advento do discurso ‘verde’ na esfera pública [*greening of public discourse*], e ao redesenho das fronteiras disciplinares, impõe novos desafios a teoria social e à prática etnográfica, compondo o palco para uma nova forma de antropologia ecológica [*ecological anthropology*] (PÁLSSON 1996, p.64 apud SORDI, 2011, p.5).

Na antropologia, um conjunto de autores tem apresentado contribuições interessantes no sentido oferecer para a “ciência do homem”, elementos para se refletir sobre o não humano no interior da disciplina. Trabalhos como os de Bruno Latour (2004; 2002) e Michel Callon no âmbito da sociologia da ciência; uma “antropologia ecológica” proposta por Tim Ingold e Gísli Pálsson, respectivamente na Universidade de Aberdeen na Escócia e Rejkavik, na Islândia. A crítica feita por Philippe Descola à oposição entre natureza/cultura, para ele sendo algo próprio à cultura ocidental. Trabalhos como o de Samuel Lezé (2002), Molly Mullin (1999), Nathalie Blanc (2003), que têm se disseminado na Europa; demonstram algumas dessas iniciativas, que abrem cada vez mais o campo do não humano enquanto possibilidades de estudos para antropologia e demais ciências sociais.

No Brasil, os primeiros esforços já começam a aparecer. Destacamos aqui os trabalhos do antropólogo da Universidade de Brasília (UNB), Guilherme Sá, que no âmbito da antropologia da ciência, desenvolveu pesquisas interessantes entre primatólogos (2013) além de organizar o Dossiê Especial do Anuário Antropológico da UNB com o tema Antropologia das Relações Humano/Animais. O professor de antropologia da UFRGS

Bernardo Lewgoy, que coordena o grupo de pesquisa Espelho Animal: Antropologia das Relações humanos e Animais, nessa mesma instituição. Desse grupo de pesquisa, têm saído trabalhos interessantes, como o de Caetano Sordi (2011) sobre abolicionistas animal em Porto Alegre e o de Liziane Matos, sobre sensibilidades e moralidades envolvidas no cuidado e na proteção aos animais no PPGA/UFRGS (2012).

A excelente dissertação de mestrado de Mayra Ferrigno, “Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico”, PPGAS/UNICAMP (2012) também aparece como uma grande contribuição para esse debate que se forma. Nesse mesmo sentido, também vale mencionar o trabalho de Ernesto Nunes, dissertação defendida na PPGCS-PUC (2010), sobre grupos de *veganos* na cidade de São Paulo. Felipe Ferreira Vander Velden atualmente professor da Universidade de São Carlos, vem contribuindo com pesquisas sobre a relação humanos/animais entre a população indígena Karitiana (2010; 2011), bem como uma série de outros pesquisadores que pouco a pouco vêm pautando esse tema de pesquisa e ampliando o seu alcance dentro da própria antropologia brasileira. Uma última iniciativa interessante foi a criação de um Grupo de Trabalho na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) “Animais e humanos em contextos urbanos e rurais novas perspectivas sobre relações interespecíficas”, coordenado pelo já mencionado Felipe Ferreira Vander Velden, na cidade de São Paulo (2012).

Ainda que esta pesquisa não tenha como foco a interação humano/animal não humano, a inserção dela no meio desta temática se torna legítima na medida em que possui, como foco central, sujeitos que a partir de suas demandas e questões, se orientam através de um discurso que reivindica uma mudança radical na maneira como as relações humano/animais não humanos foram e são constituídas até os dias de hoje. Desta forma, nos interessa saber também, a maneira pela qual esses discursos ganham forma e se materializam na forma de ações, manifestações e mobilização política. Vejamos adiante, quais são as principais questões e argumentos colocados pelos ativistas dos direitos animais, apoiando-me, inicialmente, em autores consagrados sobre esse debate.

Ética e direitos animais

Sem o peso de qualquer dúvida, a vida humana é marcada pela relação com os demais animais nos mais variados níveis. Eles nos aparecem como animais de estimação, muitas vezes “companheiros” da mais alta fidelidade. Também são consumidos na forma de alimento e utilizados como transporte ou cobaias em experimentos científicos, ou ainda, enquanto matéria prima para vestimentas, apenas para citar alguns exemplos de sua “relacionalidade próxima” (HARAWAY, 2011). Contudo, tal como pode ser percebido nos exemplos citados, estabelecemos relações muito diferenciadas, com objetivos e finalidades distintas com as inúmeras espécies de animais não humanos.

Não escolhemos qualquer tipo de animal de estimação, tampouco elegemos como comestíveis qualquer tipo de animal não humano. De uma maneira geral, trazemos para o interior de nossas casas – em contextos culturais ocidentais – cães e gatos, ao mesmo tempo em que comemos bois e porcos. Alguns recebem nomes e são singularizados, humanizados, enquanto outros não cogitamos ter qualquer tipo de relação, pois causam repulsa, medo, asco, nojo, temor.

Classificar é uma palavra chave nesse debate. No clássico texto de Durkheim e Maus sobre *Algumas formas primitivas de classificação* (1981), esses autores afirmam que classificar é uma necessidade dos seres humanos. Constitui não apenas uma maneira de compreender e se situar diante do mundo, mas também de organizá-lo e torná-lo inteligível:

... classificar, não é apenas constituir grupos: é dispor estes grupos segundo relações muito especiais. Nós os representamos como coordenados ou subordinados uns aos outros, dizemos que estes (as espécies) estão incluídas naqueles (os gêneros), que os segundos agrupam os primeiros. Há os que dominam, outros que são dominados, outros que são independentes entre si. Toda classificação implica uma ordem hierárquica da qual nem o mundo sensível nem nossa consciência nos oferecem o modelo. Deve-se, pois, perguntar onde fomos procurá-lo. (...) Estes fatos levam à conjectura de que o esquema da classificação não é um produto espontâneo do entendimento abstrato, mas resulta de uma elaboração na qual entraram todos os tipos de elementos estranhos (DURKHEIM e MAUSS, 1981, p. 403).

Classificamos os animais em um repertório de categorias repleto de oscilações. O termo “mamíferos” se constitui em um ótimo exemplo para refletirmos sobre essa questão. Se, por um lado, a classificação biológica inclui nessa mesma categoria os humanos e uma

enorme variedade de outros animais – como gatos, cachorros, tigres, morcegos, bois e porcos – por outro lado, parte do sistema classificatório constituído nas relações sociais define alguns como comestíveis enquanto outros não (FERRIGNO, 2011).

Para Marshall Sahlins (2003), é a participação do “animal” na qualidade de sujeito ou objeto na vida social dos humanos que vai definir as relações que iremos desenvolver com cada um deles. De maneira análoga, para Ferrigno (2011), “é o lugar de cada animal no sistema de classificações que define o comportamento humano em determinadas situações”. Por seu turno, os ativistas pelos direitos animais criticam ferrenhamente a maneira como construímos essas relações. Tratar cães e gatos como membros da família e levar para o abatedouro bois e porcos é para esses sujeitos mais que uma contradição. Vejamos abaixo duas imagens, sendo a primeira delas um dos *banners* da Ong VEDDAS/RN²³ exibido em uma das manifestações que eu pude acompanhar, e a segunda imagem de uma campanha da SVB. Ambas expressam muito bem a percepção dos ativistas pelos direitos animais com relação a essa questão²⁴:

²³ “Rico em proteínas, rico em ferro, rico em sensibilidade, rico em vontade de viver. Sorte dele não ter nascido galinha!”

²⁴ Ato ocorrido em 22/09/2012, em ocasião do Dia Mundial contra a crueldade e experimentação animal. Evento que será narrado adiante no Capítulo IV.



Imagem 1 – “Sorte dele não ter nascido galinha!”



Imagem 2 – “Se você ama um, por que come outro?”

Mais do que uma grande contradição, trata-se de uma *esquizofrenia moral*, conforme Gary Francione, ou de *especismo eletivo* para Sônia Felipe. Numa pergunta: por que uns e não outros?

quando se percebe que a vida de uns depende da morte de outros, qual o limite social de tal parentesco que engendra a interdição dos outros seres com os quais compartilhamos o planeta? Percebe-se um limite possível e socialmente aceito quando se considera outros símbolos, como o “arbitrário humano” e o “poder de escolha (símbolos ainda mais caros à sensibilidade atual que valoriza a liberdade humana frente as ‘imposições’ da natureza, da qual ‘nos afastamos’ e na qual outros seres estão supostamente a ela limitados), que levam o humano, a partir de sua criatividade, para além dos determinismos da cadeia alimentar (FERRIGNO, 2012, p. 7).

É importante salientar aqui questões que são norteadoras para o movimento de defesa dos animais, porque é justamente na agenda desses movimentos que o uso do termo “direito” ganha força e adentra em um cenário de disputas por espaços sociais a fim de legitimar na esfera pública suas pautas, discursos e perspectivas. Em nome desses “novos sujeitos morais”, leis têm sido criadas ou modificadas, práticas tradicionais têm sido questionadas ou proibidas²⁵. De acordo com Targore Trajano, o Movimento pelos Direitos Animais pode ser entendido como um “novo movimento social”, desta vez, atento a outras formas de exclusão que não apenas raça, gênero, sexualidade ou classe, mas também, “espécie”:

O movimento dos direitos dos animais propõe uma modificação do atual significado jurídico. A discussão acerca de uma hermenêutica jurídica que inclua os animais perpassa pela mudança de pensamento de que o direito é uma instituição social destinada exclusivamente para o homem (TRAJANO, 2008, p.2891).

No meu entendimento, o argumento utilizado acima pode ser tomado como uma das premissas mais centrais para a constituição de “direitos animais”. Pois, na medida em que humanos e demais animais dividem os mesmos espaços e mundos sociais, seria necessário a existência de regras que regulamentassem e estabelecessem limites bem definidos para o bem estar de todos aqueles que (co)habitam este planeta.

²⁵ A título de exemplo, vaquejadas, rodeios ou mesmo touradas em lugares como a Cataluña, ou em Portugal.

A existência de um Direito Animal tem como fundamento a busca de proteção para os animais não humanos, sobretudo, aqueles animais com os quais não temos uma proximidade afetiva:

[...] assim, independentemente da existência de um amor pelos animais, de se gostar ou não deste ou daquele indivíduo, desta ou daquela espécie, o respeito pressuposto na ideia de direito e ética, teria de ser, na perspectiva, moralmente garantido (FERRIGNO, p.6, 2011).

Contudo, falar de “direito animal” na esfera jurídica requer nuances. Toda a constituição de direitos carrega consigo o igual pressuposto de deveres. Mas ao falarmos de “direito animal” estaríamos tratando de uma maneira muito particular de direitos na medida em que os “direitos animais” implicariam em **deveres humanos** para com os outros animais. Em poucas palavras, os animais teriam que ter seus direitos garantidos prescindido de deveres diante dos animais humanos (FERRIGNO, 2011).

Na legislação brasileira os animais são amparados basicamente por meio de dois dispositivos, sendo um decreto e um artigo. O decreto 4.645 do ano de 1934²⁶, entende que “os animais de todo o país são tutelados pelo Estado”, estabelecendo penas e sanções contra a prática da crueldade contra os animais não humanos. No artigo 9.605, de 12 de fevereiro de 1998²⁷, que dispõe sobre “as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente” torna crime contra a fauna, com pena de três meses a um ano e multa “Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos”. Através da maneira como os animais não humanos estão protegidos pela legislação, Ferrigno faz um apontamento bastante interessante:

... em nossa cosmologia, o animal parece estar na fronteira entre uma e outra esfera – a da tutela, tal como seres humanos vulneráveis, e a do “meio ambiente”, tal como quaisquer espécies da fauna e da flora, localizadas em território nacional. Ou, em outras palavras, entre a “cultura” e a “natureza”, inseridos, neste sentido, ora em uma, ora em outra esfera (FERRIGNO, 2011, p. 7).

²⁶ Disponível em: http://www.apasfa.org/leis/decreto_34.shtml . Acesso em 15.01.2012.

²⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm . Acesso 15.01.2012.

Alguns autores foram fundamentais para a construção desse debate que envolve temas delicados tais como ética e direito animal. Aqui, a questão não é sobre “essa” ou “aquela” dieta, se a carne faz bem ou mal a saúde. A dieta alimentar vegetariana, é, no interior do veganismo, apenas uma consequência, um reflexo de um posicionamento ético e político.

No interior desse debate, emergem algumas perguntas chave: os seres humanos têm o direito moral de se utilizar de outros animais em seu próprio benefício? Será que a finalidade da existência desses mesmos animais é única e exclusivamente servir os humanos? Temos o direito de tratá-los como objetos, coisas ou propriedades? Quais animais estariam incluídos nesses direitos?

Para refletir sobre essas questões formuladas preliminarmente, julgo necessário abordar o pensamento de alguns autores clássicos que considero como sendo centrais na construção e disseminação dessas ideias. Embora não tenha a pretensão de fazer um debate exaustivo, acredito que seja mais que pertinente, traçar uma breve discussão teórica acerca dos princípios que orientam e fundamentam a prática do veganismo.

Peter Singer

Peter Singer (1946) é um dos nomes mais conhecidos no contexto do movimento de defesa animal. Australiano, ele é filósofo e historiador com formação nas Universidades de Melbourne e Universidade de Oxford (Reino Unido), esta última em nível de pós-graduação. Atualmente, Singer leciona a cadeira de Bioética na Universidade de Princeton (Estados Unidos). Seus trabalhos mais conhecidos são *Ética Prática* (1979) e *Libertação Animal* (1975). Boa parte do seu pensamento se constrói em relação ao seu engajamento filosófico com a escola utilitarista, que tem os ingleses Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873) como principais expoentes. Fábio Britch (2005), em seu texto sobre a ética utilitarista, consegue captar algumas passagens que formam o escopo do pensamento desses autores:

A primeira lei de natureza, para Bentham, consistiria em buscar o prazer e evitar a dor, sendo necessário para alcançar tal escopo que a felicidade pessoal fosse alcançada pela felicidade alheia. (...) A solução para encontrar a cooperação entre os homens, ele a aponta na identificação de interesses,

factível através da atividade legislativa do governo (BENTHAM, apud BRYCH, 2005, p.01).

Nessa mesma direção, Stuart Mill afirma algo parecido:

A utilidade ou o princípio da maior felicidade, como fundamento da moral, sustenta que as ações são certas na medida em que elas tendem a promover a felicidade e erradas quando tendem a produzir o contrário da felicidade. Por felicidade entende-se prazer e ausência de dor, por infelicidade, dor e privação do prazer (MILL, apud BRYCH, 2005, p.02).

Se a ética é para esses autores a ciência que permite fazer distinção entre o bem e o mal, a totalidade das ações humanas deveria se orientar de acordo com a seguinte premissa: toda ação que gera felicidade é considerada boa, enquanto que o seu contrário, as ações que geram sofrimento, são consideradas más. Talvez colocar a argumentação nesses termos seja simplificar demais. Porém, acredito que seja suficiente para que se tenha uma ideia geral sobre o contexto e as bases que influenciaram o pensamento de Singer. Ainda que de maneira não categórica, Peter Singer traz alguns desses pensamentos para si, e constrói seus alicerces filosóficos a partir de um modelo de utilitarismo que vem sendo denominado por “utilitarismo de preferências”:

... que exige que o sujeito moral, ao realizar uma ação, analise todos os interesses em questão e adote um curso de ação que, examinadas todas as possíveis alternativas, resulte nas melhores consequências para todos aqueles que serão atingidos por seus desdobramentos, direta ou indiretamente (BEZERRA, 2012)²⁸.

Tentei até aqui apenas situar e contextualizar as principais influências que orientam o pensamento de Peter Singer. Vejamos agora como elas são apresentadas no livro que mais interessa à esta pesquisa: *Libertação Animal*, título que, aliás, ultrapassou os limites da própria obra e diz respeito na atualidade a um movimento global vegetariano/vegano de mesmo nome – *Animal Liberation*. O livro foi escrito em um contexto marcado por efervescência política, onde vários movimentos e mobilizações políticas começaram a surgir

²⁸ BEZERRA, Felipe Adriano Saraiva Lustosa. “Igualdade para os animais: especismo e sofrimento animal sob a perspectiva utilitarista singeriana”. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 17, n. 3197, 2 abr. 2012. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/21412>>. Acesso em: 20.07. 2013.

e/ou ganhar mais força, tal como o movimento feminista, o ambientalismo, o pacifismo, além de outras correntes e formas de expressão contracultural, entre outros movimentos que fizeram desta época, final da década de 1960 e início de 1970, um período de intensa reivindicação por liberdades e garantias de direitos.

Libertação Animal é um texto militante, escrito – para atingir um grande público – por alguém que tinha como objetivo bem definido denunciar os abusos cometidos pela “indústria da carne” e fazer com que o leitor questionasse a ideia de *especismo*, discriminação contra outros seres pelo fato deles não fazerem parte da nossa própria espécie. Abaixo, podemos perceber o autor traçando seu programa:

Este livro fala da tirania dos animais humanos sobre os não-humanos. Esta tirania provocou e provoca ainda hoje dor e sofrimento só comparáveis àqueles resultantes de séculos de tirania dos humanos brancos sobre os humanos negros. A luta contra esta tirania é uma luta tão importante quanto qualquer outra das causas morais e sociais que foram defendidas em anos recentes (SINGER, 2008, I).

Em tom de indignação, fala em outro momento:

As nossas atitudes atuais para com estes seres se baseiam numa longa história de preconceito e discriminação arbitrária. Defendo que não pode haver qualquer razão – com exceção do desejo egoísta de preservar os desejos do grupo explorador – para a recusa de inclusão de membros de outras espécies no princípio básico da igualdade (SINGER, 2008, IV).

Singer nos fala nessa passagem de algumas questões que são muito caras ao seu pensamento. O que se entende por “princípio básico da igualdade” ou de igual consideração? O que igualaria homens e animais não humanos para Singer? Isto se aplicaria a todos os tipos animais? Para desenvolver sua argumentação o autor retoma o pensamento de Jeremy Bentham:

Poderá existir um dia em que o resto da criação animal adquirirá aqueles direitos que nunca lhe poderiam ter sido retirados senão pela mão da tirania. Os franceses descobriram já que a negrura da pele não é razão para um ser humano ser abandonado sem mercê ao capricho de um algoz. Poderá ser que um dia se reconheça que o número de pernas, a vilosidade da pele ou a forma da extremidade do *os sacrum* são razões igualmente insuficientes para abandonar um ser sensível ao mesmo destino. Que outra coisa poderá determinar a fronteira do insuperável? Será a faculdade da razão, ou talvez a

faculdade do discurso? Mas um cavalo ou cão adultos são incomparavelmente mais racionais e comunicativos do que uma criança com um dia ou uma semana ou mesmo um mês de idade. Suponhamos que eram de outra forma - que diferença faria? A questão não é: Podem eles *raciocinar*? nem: Podem eles *falar*? mas: Podem eles *sofrer*? (BENTHAM, Jeremy, *apud* SINGER, Peter. 2008, p. 19).

Para Singer, uma característica fundamental iguala homens e animais não humanos: a *senciência*, ou a capacidade que ambos possuem de sentir dor, de sofrer, e também ter alegria:

Se um ser sofre, não pode haver justificação moral para desprezar esse sofrimento ou para recusar considerá-lo de forma igual ao sofrimento de qualquer outro ser. Mas o inverso é também verdadeiro. Se um ser não for capaz de sofrer, ou sentir prazer, não há nada a ter em conta (SINGER, 2008, p.134).

A partir do deste argumento, Singer iguala humanos e demais animais pela característica da *senciência*. Para ele, isto é condição mais que suficiente para que haja *consideração moral* para com esses outros seres:

Uma pedra não tem interesses porque não é capaz de sofrimento. Nada que lhe façamos fará a mais pequena diferença em termos do seu bem-estar. A capacidade de sofrimento e alegria é, no entanto, não apenas necessária mas também suficiente para que possamos afirmar que um ser tem interesses - a um nível mínimo absoluto, o interesse de não sofrer (SINGER, 2008).

O “princípio de igualdade” ou de “igual consideração de interesses”, possui, no pensamento de Singer, o *status* de princípio moral básico, que deve sempre ser levado em conta, independente das capacidades que cada um possua, seja quando se trata de seres humanos, seja quando se trata de outros animais, uma vez que ambas as espécies possuem a capacidade de sofrer. Apesar de incluir os termos “felicidade” e “dor” em sua definição de *senciência*, é esta última que adquire centralidade em sua obra. Por isso mesmo, ao seu ver, devemos pautar as nossas atitudes sempre do ponto de vista daqueles que sofrem por ocasião dessas atitudes.

No livro, o autor também procura demonstrar que a capacidade de *senciência* animal requer a existência de alguns elementos constitutivos importantes: um sistema nervoso – para que a dor seja sentida – e um grau de inteligência em tal nível, capaz de sentir aflições, e, no limite, ter consciência de sua própria dor. No caso de alguns mamíferos e aves, Singer destaca

serem eles possuidores de capacidades ainda mais complexas, tal como a de discernimento e também prospecção, tal como fazer pequenos planejamentos, sentir medo e temor. Segundo Ferrigno (2012), o princípio utilitário da igual consideração de interesses proposto por Singer,

... pressupõe uma igualdade no processo de julgamento de cada situação, que considerará os diferentes interesses individuais em jogo, dando o mesmo peso aos interesses similares, ou seja, que trazem o mesmo *quantum* de benefícios, independentemente da espécie dos indivíduos envolvidos na situação (FERRIGNO, 2012, p.61).

Assim, para o autor, o “especismo” permite estabelecer a diferença entre a dor ou o prazer dos seres humanos, vistos e entendidos como mais importantes, e a dor ou o prazer dos animais não humanos. Para Singer, este pensamento deve acabar:

Para evitarmos o especismo, devemos admitir que os seres que são semelhantes em todos os aspectos relevantes têm um direito semelhante à vida - e a mera pertença à nossa própria espécie biológica não pode constituir um critério moral válido para a concessão deste direito (SINGER, 2008).

Evitar o especismo e se pautar pelo princípio de *igual consideração* é trazer os animais não humanos para a esfera da preocupação moral, o que implica, para Singer, em não tratá-los com banalidade, como simples objeto ou coisa. Tornar-se vegetariano, é, para este autor uma maneira de fazer isso. Em poucas palavras, tornar-se vegetariano, é uma maneira de evitar o especismo, e, através do *boicote* aos produtos de origem animal, não contribuir para a manutenção e perpetuação de uma indústria que gera tanto sofrimento.

Apesar de Singer e seus argumentos serem utilizados como base fundamental em favor da constituição de direitos animais, vale salientar que o próprio autor nunca pôs as coisas nesses termos. A centralidade de suas ideias está concentrada no argumento da *igual consideração*, e não exatamente nos direitos. Singer está preocupado principalmente com a redução do sofrimento dos animais, o que seria uma preocupação também compartilhada por aqueles que defendem direitos aos animais. Por outro lado, a linha de pensamento de Singer em outros pontos certamente não coaduna com o pensamento de um defensor de direitos animais e/ou direitos humanos.

Dentro do movimento de defesa animal, ele não é consenso. Há muitas críticas ao seu utilitarismo. Uma delas se constrói com relação a vivissecção, que não estaria em desarrajo

com a “fórmula” utilitarista – que objetiva maximizar a felicidade e minimizar os sofrimentos – se os avanços em termos de tratamentos médicos fossem maiores que os malefícios causados aos animais utilizados nesse processo. A postura de hierarquização, ao estabelecer determinados critérios – sensibilidade e consciência – para quais seres seriam “beneficiados” pelo princípio de igual consideração incomoda a muitos, pois, ao proceder desta forma, Singer estaria indo no caminho contrário da construção de um paradigma mais holístico, que enfatiza o valor intrínseco de cada ser, independente da sua espécie. Se opõem também a Singer àqueles que trabalham a noção de *biocentrismo* e também da chamada *ecologia profunda* (*deep ecology*). Nessas linhas de pensamento, há uma ênfase imponente no dissipar de fronteiras, não apenas dentro do reino animal, mas entre todos os seres vivos ou inanimados.

Tom Regan

Ativista há mais de trinta anos pelos direitos animais, Tom Regan (1938) foi professor emérito de filosofia na Universidade da Carolina do Norte, instituição pela qual se aposentou no ano de 2001. Possui inúmeros artigos publicados em periódicos científicos, e também alguns livros, sendo *Jaulas Vazias: encarando o desafio dos direitos animais*, um dos mais populares, talvez por isso mesmo, seu único título traduzido para o português. Ao lado de Peter Singer e Gary L. Francione, Regan é um dos grandes nomes do movimento de defesa dos direitos animais. Diferentemente de Singer, Tom Regan enfatiza, sobretudo, a importância de se constituir direitos para animais não humanos, partindo do pressuposto de que estes animais *são sujeitos de suas vidas*, e sua existência possui uma finalidade por si só, que não a servir aos interesses humanos.

Falar de direitos animais é, para Regan, reconhecer que esses possuem direitos morais. Estes direitos devem funcionar como uma espécie de “barreira protetiva” com o propósito de coibir a desconsideração de interesses, mediante uma ética que se pauta pelas noções de igualdade e respeito. Para ele, essas duas últimas palavras são elementos chave, constituindo-se como os direitos mais fundamentais legados a um indivíduo. Segundo o autor, todos os outros direitos – direito a vida e a liberdade, por exemplo – são provenientes da aceitação desse princípio central.

O que Regan propõe como questão fundamental é que sejam estendidos para os demais animais os direitos básicos que já são concedidos aos humanos, pelo simples fato desses também serem considerados *sujeitos de uma vida*.

Animais humanos e não-humanos possuem direitos morais que devem ser objetos de consideração. Os direitos morais podem ser vistos em todas as cartas e declarações de direitos do homem, visando proteger os cidadãos da posse de seus direitos. A teoria do direito animal apenas reafirma a extensão desses direitos mais básicos aos outros seres como forma de se estabelecer um estatuto moral para os animais (TRAJANO, Targore. p. 2894, 2008).

Como definir, então, quem é ou não *sujeito de uma vida*? De acordo com Regan, os *sujeitos de uma vida* são aqueles que possuem capacidade de consciência e senciência, além de outras características que fazem de um determinado ser, um ser único.

Diferentemente do utilitarismo Singeriano, para Regan os seres possuem um *valor inerente*. Isto pode ser considerado uma grande diferença entre esses dois pensadores, pois, a questão central no paradigma dos direitos animais, não está diretamente relacionada a quantidade de sofrimento envolvida em um determinado ato. Do contrário, seria plenamente aceitável a utilização de animais para qualquer finalidade, desde que esse processo não envolvesse sofrimento. A grande contribuição de Regan, no meu entender, está situada na ideia de que a vida dos animais possui um *valor inerente*, sendo estes, *sujeitos de uma vida*:

Direitos animais é uma ideia simples porque, no nível mais básico, significa apenas que os animais têm o direito de serem tratados com respeito. É uma ideia profunda porque suas implicações têm amplas consequências. Vamos ter de parar de criá-los por causa de sua carne. Vamos ter de parar de matá-los por causa de sua pele. Vamos ter de parar de treiná-los para que nos divirtam. Vamos ter de parar de usá-los em pesquisas científicas (REGAN, 2006, p.12).

Tal como aponta Ferrigno (2012), colocar esse debate em termos de direito levanta uma discussão sobre a arbitrariedade da nova fronteira jurídica estabelecida: se humanos eram os únicos beneficiados pela garantia legal de direito à vida e a proposta é de que os animais sejam os novos sujeitos-de-direito, por que outros seres, como as plantas, supostamente também não o seriam? (p.68). Para tal pergunta, Regan responde com uma dose de bom humor:

... os tomates tem a nossa estrutura anatômica e fisiológica? As jabuticabas tem um sistema nervoso central como o nosso, e um cérebro? Se alguém disser ‘o alecrim quer passear um pouco’, será que temos a mais nebulosa ideia do que essa pessoa esteja falando? Não; acho que não. O modo como nós argumentamos em favor dos direitos animais não nos compromete, pela lógica, a argumentar a advogar direitos para alcachofras (REGAN, 2006. p. 77).

Numa “clássica” passagem do seu livro, Regan nos fala: “a verdade dos direitos animais requer jaulas vazias, e não jaulas mais espaçosas” (REGAN, 2006, p. 12). A posição assumida por Regan, que aponta muito mais para mudança do que mesmo para reforma, ficou conhecida como “abolicionista animal”, uma vez que propõe que todas as formas de exploração animal sejam extintas (MUNRO, 2012).

Gary L. Francione

Gary L. Francione (1954) é advogado e professor emérito de Direito na Universidade de Rutgers (Nova Jersey, Estados Unidos), onde trabalha e leciona há mais de vinte anos. Devido à sua influência e prestígio, essa universidade foi a primeira nos EUA a ter em sua grade um curso específico sobre direitos animais. Seus principais trabalhos publicados até o momento são: *Animals, property and the law* (1995), *Introduction to animal rights: your child or the dog?* (2000) e, o mais recente, *Animals as person: essays on the abolition of animal exploitation* (2009).

Pelo seu trabalho como ativista e pela repercussão de suas publicações, suas ideias vêm ganhado força e sendo muito bem aceitas no contexto brasileiro desde o início dos anos 2000, quando seus textos começaram a ser traduzidos e divulgados através da internet. É considerado, por muitos ativistas, como o autor que apresenta as ideias mais radicais e, ao mesmo tempo, mais “coerentes” sobre o tema do abolicionismo animal.

Sua teoria sobre o abolicionismo animal se constrói em contraposição a outro conjunto de ideias: o “bem estar animal”. Se o pensamento abolicionista propõe a ideia – tida por muitos como radical – de que seja extinta toda e qualquer utilização de animais como recurso para os humanos, os defensores do bem estar animal buscam criar regulamentações como forma de melhorar as condições de vida dos animais, a título de exemplo, em abatedouros, tal

como é a política do abate humanitário. Vejamos abaixo um trecho extraído do site da mais conhecida instituição de bem-estar animal da atualidade, a WSPA:

Com base em evidências científicas indiscutíveis, passou-se a reconhecer que os animais são seres sencientes, ou seja, capazes de sofrer ou expressar satisfação e felicidade. Portanto, esses animais não devem ser levados ao sofrimento desnecessário. O bem-estar deve sempre estar presente em todas as etapas de sua vida, garantindo o manejo adequado desde a criação até o momento do abate²⁹.

Diferentemente de Singer, e do próprio Tom Regan, que mesmo se colocando contra o “bem-estarismo” admitem que essas regulamentações representem pequenos avanços, ou seja, o início de uma mudança maior, para Francione, isto é considerado um retrocesso, uma vez que se preocupar com o bem estar ao invés de abolir a exploração, é perpetuar o uso de animais para fins humanos. Muda-se o caminho, mas em essência a finalidade permanece a mesma, e os animais continuarão a morrer. Vejamos abaixo o trecho de um artigo do biólogo abolicionista Sérgio Greif acerca dessa questão:

Quando colocamos no papel leis injustas apenas para satisfazer a moralidade do contexto no qual estamos inseridos, corremos o risco de engessar o processo de evolução dessa moralidade. Leis injustas podem ser redigidas e representar algum ganho imediato a curto prazo, mas se elas não forem revogadas ou modificadas pouco tempo depois, sua existência coloca em risco o próprio processo que elas pretendem ajudar. (...) Leis de bem-estar animal apresentam o principal problema de não reconhecerem, e dessa vez por escrito e com o apoio de proeminentes vultos da “proteção” animal, que animais têm direitos. Quando sociedades “protetoras” de animais ou pessoas de reconhecida militância na causa animal apoiam uma lei que diz que animais “de consumo” têm de ser abatidos de determinada forma, eles estão reconhecendo que existem animais que de fato nasceram para serem de consumo e que existe uma forma correta de abatê-los. Significa que não é errado matá-los, desde que isso seja feito da forma correta. O animal em si não tem direitos³⁰.

Em resumo, para Francione, os animais não humanos necessitam de um único e exclusivo direito: o de não serem considerados propriedade. É aqui que reside a questão mais fundamental. É o direito de propriedade delegado aos seres humanos – e tomado quase como

²⁹ Disponível em: <http://www.worldanimalprotection.org.br/>. Acesso em 22/05/2012.

³⁰ Texto disponível em : <http://www.anda.jor.br/03/11/2009/em-defesa-dos-direitos-animais-uma-analise-critica-da-argumentacao-de-um-filosofo-bem-estarista>. Acesso:22/05/2012.

“sagrado” no mundo neo-liberal – que garante a existência de um outro direito fundamental: a liberdade humana de poder usar e desfrutar da sua propriedade para qualquer finalidade. Assim, tal como vêm sendo concebidos atualmente, os animais são considerados como propriedade, como bens, tanto para pessoas jurídicas, tal como no caso de frigoríficos (Sadia ou Perdigão), quanto para os pequenos criadores. Se fossem reconhecidos direitos aos animais, estaríamos diante de um conflito de direitos: o direito à vida dos animais, e o direito à propriedade dos humanos. De acordo com Ferrigno:

Acabar com esta liberdade humana, fazendo prevalecer o direito do animal à vida (pois a vida pode ser vista como um direito superior ao direito de propriedade, se esta for desnecessária a subsistência – e o que é ou não “necessário” em nossa sociedade de consumo é bastante complicado de medir), atingiria não apenas setores da pecuária e do agronegócio, mas da indústria farmacêutica (pois os animais não seriam propriedade para que se pudesse usa-los como cobaias) e de muitos alimentos industriais (que usam indiretamente os ingredientes de origem animal), mas, sobretudo, atingiria aos consumidores humanos – nesses sentido, atingiria milhões de pessoas, algumas dentre as quais a ascensão financeira caminha junto o crescente aumento no consumo de carne (FERRIGNO, 2011, p.15).

Francione também é responsável por introduzir no debate sobre direitos animais o conceito de *esquizofrenia moral*:

Quando eu falo sobre esquizofrenia moral, estou procurando descrever o modo ilusório, enganado, confuso de pensarmos sobre os animais em termos sociais e morais. Essa confusão pode, é claro, incluir maneiras conflitantes ou incoerentes de olhar para os animais (alguns são membros da família; outros são jantar), mas isso não significa que eu esteja descrevendo uma múltipla ou dupla personalidade clássica. Nossa esquizofrenia moral, que envolve enganarmos a nós próprios quanto à senciência animal e às semelhanças entre os humanos e os outros animais, e uma enorme confusão quanto ao status moral dos não-humanos, é um fenômeno bastante complicado e tem muitos aspectos³¹ (FRANCIONE, 2009).

Além disso, Francione também se diferencia de Singer e Regan por reconhecer apenas a senciência como critério para a constituição de direitos aos animais não humanos. Apesar de seu posicionamento repercutir bem entre os ativistas do movimento de defesa dos animais, ele vem recebendo algumas críticas a esse respeito. O filósofo brasileiro Carlos Naconecy (2007)

³¹ Texto publicado originalmente no blog de Gary Francione www.abolitionistapproach.com/, em 12.08.2009 e traduzido por Regina Rheda, disponível em: <http://www.anima.org.ar> . Acesso 24.05.2012.

nos fala que o critério da senciência englobaria uma parte mínima dos animais existentes no planeta. Para ele, trata-se de uma ética ou direito que se volta para os mamíferos ou vertebrados, o que faz o autor propor um debate em torno de uma “ética da vida” dos quais os animais são parte integrante. Por sua vez, o advogado e filósofo norte americano Steven Wise (Apud NACONECY, 2006), argumenta que o movimento perde força se a “ética animal” tem por pretensão atribuir direitos tanto a chimpanzés quanto a mosquitos, sendo provável que a nenhum deles sejam conquistados direitos.

Alguns autores e militantes do bem estar animal acreditam que não se pode deixar de lado a tentativa de amenizar o sofrimento destes seres em nome de um futuro que para muitos é muito distante, quando não impossível.

Tentei até aqui fazer um balanço das principais ideias que estão em jogo quando o tema em questão é ética e direitos animais. Assim o fiz apresentando a contribuição de alguns autores que são referência nesse campo. Contudo, é preciso deixar evidente, que o abolicionismo animal não é uma simples opinião ou pensamento que se revela apenas nas palavras ou discursos. Para os sujeitos dessa pesquisa, o abolicionismo é uma “maneira de estar no mundo” (SORDI, 2011, p.22), algo que possui consequências e desdobramentos nas suas vidas cotidianas nos mais variados níveis. Serão justamente esses desdobramentos que tentaremos demonstrar no próximo capítulo.

CAPÍTULO II – VEGANISMO: TRAJETÓRIAS, MOTIVAÇÕES, PROCESSOS E CONFLITOS

Nas linhas que seguem abaixo, tentarei evidenciar os caminhos percorridos por esses sujeitos no processo de tornar-se *vegano*, respondendo assim algumas questões levantadas no início deste trabalho: quem são essas pessoas? O que fazem? Como o *veganismo* apareceu em suas vidas? Em que contexto? O que está em jogo na experiência do tornar-se *vegano*? Qual a importância da alimentação, do corpo e da saúde nesse contexto? Como essas pessoas se relacionam em círculos sociais mais amplos como família e amigos? Há conflitos nessas relações? Quais? Por que essas pessoas buscam construir grupos de afinidade?

Para contextualizar minimamente o leitor sobre o universo social que investiguei, início este capítulo traçando um breve perfil dos sujeitos dessa pesquisa. Realizei um total de 11 entrevistas com pessoas que residem em Natal. Com exceção de um dos entrevistados, que possuía mais de 35 anos, os demais possuíam idade entre 19 e 28 anos. Das onze entrevistas, nove delas foram feitas com integrantes do grupo Veddás/RN, enquanto as outras três com pessoas que participavam esporadicamente de alguns dos seus eventos. São jovens, alguns já formados no ensino superior, outros com a graduação em andamento na UFRN ou UNP (Universidade Potiguar) em cursos como Letras, Ciências Sociais, Matemática, Engenharia de alimentos, Nutrição, Artes Visuais, entre outros. Parte considerável destes estudantes que estão com a graduação em andamento, ainda não ingressaram no mercado de trabalho, o que certamente deve influenciar no fato de muitos dos interlocutores dessa pesquisa residirem com seus familiares.

Apenas três dos entrevistados possuem um trabalho formal. Um deles é formado em Direito, estuda Engenharia e trabalha em um escritório. Um segundo dá aulas de inglês e trabalha com edição de vídeo. Um outro é auxiliar de cozinha em um restaurante *vegano* ao mesmo tempo em que conclui sua graduação na UFRN. Somado aos anteriores, contabilizo mais um interlocutor proprietário de um restaurante vegano, lugar este bastante frequentado por todos os interlocutores da pesquisa. Os demais possuem bolsas de estudo como fonte de renda (bolsas de iniciação científica ou similares), ou fazem estágio remunerado nas áreas em

que estão realizando sua graduação. Entre os entrevistados, seis são homens enquanto os outros cinco são mulheres. Para preservar a identidade desses sujeitos, utilizei pseudônimos ao longo do texto. Parte dos entrevistados manifestaram essa vontade, e sem nenhuma resistência, procedi conforme o desejo de alguns deles.

Dada às características traçadas nesse breve perfil, de imediato aparecem dois recortes que poderiam ser explorados ao longo desse trabalho: *classe* e *geração*. Essas pessoas pertencem em sua maioria às camadas médias de Natal, morando na Zona Sul da Cidade, predominantemente. Mais do que em outros lugares, isso em Natal quer dizer bastante coisa, uma vez que se estabeleceu uma divisão desigual entre Zona norte e sul da cidade, numa dinâmica em que o local de residência está de alguma maneira relacionado a certo prestígio social (VELHO, 2013). Tal divisão, não é só simbólica ou social, mas também geográfica, uma vez que um rio e algumas pontes separam Zona sul e norte.

Contudo, apesar de *classe* e *geração* serem fatores que certamente se relacionam com a temática do veganismo, é preciso deixar evidente que isso não pode ser tomado como uma determinação. Existem muitos *veganos* fora da faixa etária dos interlocutores dessa pesquisa, pessoas que são *vegan*as há mais 30 ou 40 anos. O próprio Veddass/RN conta com a colaboração de pessoas que ultrapassam essa faixa etária, entre eles uma senhora com mais de 60 anos de idade, que participa dos eventos, inclusive de manifestações. Quando inquirir uma das interlocutoras dessa pesquisa sobre o recorte de classe no universo *vegano*, ela me falou:

A maioria dos *veganos* que eu conheço, são de classe média, classe média alta, mas, existem exceções que me fazem refletir.. é mais fácil embora não seja determinante. Se uma pessoa da classe baixa, se alimentar apenas de legumes e frutas, vai sair muito mais barato do que comprar carne. É uma questão de como você se alimenta, de como é o seu *veganismo*, se voce quer um *veganismo* de comprar tudo num supermercado e de comprar tudo industrializado, eu acho que sim, acho que você precisa ter dinheiro para ser *vegano*, mas se for um *veganismo* de comer muita fruta e verdura, de você ir na ceasa e comprar muita fruta e verdura, não, não precisa de muito dinheiro para ser *vegano* (DÉBORA, 16/02/2013).

É predominantemente nas classes médias e nos setores universitários que se dissemina o *veganismo*. Não podemos deixar de considerar que existem trajetórias e experiências sociais com fronteiras mais ou menos bem delimitadas que favorecem a emergência ou não de determinadas questões em dados segmentos sociais (VELHO, 2013). Contudo, tal como

afirmou a interlocutora acima, não se trata de uma determinação. Afirmar isso implica em não incorrer num certo “fatalismo sociológico”, onde uma vez nascido na “classe trabalhadora” ou “média”, seu desenvolvimento intelectual e emocional, estivesse por assim definido e marcado de maneira quase inescapável. A esse respeito, Gilberto Velho nos diz coisas importantes:

As próprias noções de classe média e trabalhadora são excessivamente vagas e podem escamotear diferenças consideráveis como, por exemplo, o tipo de trajetória social ou a natureza da rede de relações sociais (*network*) em que se movem os indivíduos, mais ou menos aberta. [...] Por outro lado, o contato com outros grupos e círculos pode afetar vigorosamente a visão de mundo e o estilo de vida de indivíduos situados em uma classe socioeconômica particular, estabelecendo diferenças internas. A interação com redes de relações mais amplas e diversificadas afeta o desempenho dos papéis sociais (VELHO, 2013, p.93).

No próprio contexto dos sujeitos investigados, muitos não se enquadram em termos financeiros e econômicos exatamente nesse contexto. Em outras oportunidades, também conheci *veganos* que viviam em condições socioeconômicas bem modestas, alguns deles assalariados, trabalhadores fabris, mas que por frequentarem universidades e circuitos “undergrounds” ou “alternativos”, acabaram por ter contato com um universo amplo de questões, que fizeram com que a sua experiência existencial ultrapassasse a sua origem numa determinada classe. Ernest Laclau (1986) em seu hoje clássico texto sobre os “novos movimentos sociais”, nos fala que devemos abordar os agentes sociais não como uma entidade unificada ou homogênea, mas sim em termos de sua pluralidade e de suas várias *posições de sujeito*, considerando que as identidades desses sujeitos são construídas mediante várias referências, “sem decorrerem unilateralmente das relações de produção” (LACLAU, 1986, p.1). De maneira análoga, Marcus afirma que, “a identidade de alguém, ou de algum grupo, se produz simultaneamente em muitos locais de atividades diferentes, por muitos agentes diferentes, que têm em vista muitas finalidades diferentes” (Marcus, 1991, p.204), o que nos leva a buscar compreender em que momento essas identidades se aglutinam e em quais contextos e circunstâncias.

Por fim, é preciso evidenciar que não tenho a intenção de fazer um estudo quantitativo-estatístico, nem de considerar a amostragem de *veganos* em Natal, mas sim descrever em linhas gerais o “mundo social” que estou investigando.

Tornando-se vegano: algumas motivações

Tornar-se *vegano* é na maioria das vezes um processo que envolve algumas etapas. Entre o grupo de sujeitos dessa pesquisa, absolutamente todos eles, primeiro tornaram-se ovo-lacto-vegetarianos (OLV) para depois tornarem-se *veganos*³². Não obstante, é justamente o caminho percorrido nesse processo que pretendo evidenciar abaixo. Começarei pelas motivações. O que fez os sujeitos dessa pesquisa tornarem-se OLV e depois *veganos*?

Débora tornou-se vegetariana por motivações que definiu como “subjetivas”, a partir do contato que teve com um conjunto de ideias que classificou como sendo “orientais”. Assim, ao ler sobre o budismo, descobriu que nessa tradição espiritual/filosófica, não se comia carne. Curiosa sobre esse *tabu* alimentar, começou a fazer pesquisas na internet, descobrindo aí que para além das motivações religiosas e espirituais presentes no budismo, existiam uma ampla série de motivos que fundamentavam o vegetarianismo, referindo-se a questões éticas e ambientais, a título de exemplo.

A partir dessas pesquisas, encontrou um documentário que ao lado de imagens bastante fortes de animais sendo abatidos, elencava uma série de depoimentos de especialistas e ativistas, que apontavam o quão prejudicial – em amplo sentido – era o hábito de comer carne. Tratava-se do vídeo *A carne é Fraca* (2005), que é bastante conhecido, mesmo entre aqueles que não são *veganos*. Para ela, assistir esse vídeo foi crucial. Ela disse que, ao ver as imagens, decidiu ali mesmo, no momento em que assistia, que não iria mais comer carne, ou, em suas palavras, “se alimentar de morte, sofrimento”.

Durante os mais de três anos em que esteve OLV, Débora afirmou que nunca havia parado para pensar no veganismo. Disse que talvez isso tivesse ocorrido pelo fato de que a base maior da sua motivação inicial para se tornar vegetariana, tenha sido encontrada numa certa ideia de “espiritualidade”,

³² Esse mostrou ser o percurso mais comum. Contudo, já ouvi relatos fora do contexto da pesquisa de pessoas que se tornaram *veganos* sem antes tornarem-se OLV.

no sentido de não absorver as energias de certos tipos de alimentos, e também não contribuir diretamente com a morte, pra mim, assim, eu estava com a consciência limpa, digamos assim, por não consumir carne, mesmo consumindo ovos e leite. Só que quando eu entrei no VEDDAS, e comecei a ter essa perspectiva do abolicionismo animal, do fato de que os animais tem direito a liberdade, os animais tem direito a não serem tratados como produtos ou como mercadoria, é que eu realmente comecei a pensar, poxa, não é só uma questão subjetiva, mas sim, uma questão objetiva dos direitos deles, e que, enquanto eu continuar a consumir produtos que venham dessas situação de exploração animal, eles são colocados numa situação de escravidão, de aprisionamento e sendo explorados, continuava a agir de forma não ética e continuava contribuindo para o sofrimento (DÉBORA, 16/02/2013).

Me falou sobre como se tornou *vegana*:

Foi todo um processo, de vendo em cada refeição se era difícil tirar o leite, e ir substituindo, e, principalmente tendo o respaldo teórico, vendo alguns vídeos relacionados a produção de leite, a produção de ovos, então **juntando tudo isso**, eu pensei, é possível, vou me tornar vegana, e, em novembro de 2012, eu comecei (DÉBORA, 16/02/2013).

Antônia teve uma trajetória inicial um pouco parecida com a de Débora, sobretudo, no processo de tornar-se OLV. Explicou que fazia aulas de Yoga há algum tempo, quando se deparou com o que chamou de “conceito moral de não-violência presente no hinduísmo”. A partir desse momento, começou a fazer pesquisas sobre o assunto. Quando fazia suas buscas na internet surgiu o tema do vegetarianismo e, então, começou a ter contato com questões que envolvem ética e direitos animais. É *vegana* há cerca de 4 anos. Antônia não consegue lembrar exatamente como foi o processo, mas ela me contou que um dos momentos mais marcantes foi quando começou a fazer sua monografia³³ e ter contato direto com autores que tratavam do tema. Esses autores fizeram-na atentar, sobretudo, para as questões de caráter ético na relação entre animais humanos e não humanos. Para ela, mais do que compaixão, o veganismo é uma postura ética.

Já o caso de Fernando foi um pouco diferente dos dois anteriores, tanto na forma de se deparar com a questão como em suas motivações. Tornou-se primeiramente OLV de uma forma que definiu como sendo bastante “trivial”. Conversava com uma amiga pela internet que lhe falou que estava naquele momento preparando “sagu”, uma opção *vegana* para a

³³ Graduou-se em Ciências Sociais na UFRN defendendo uma monografia sobre a questão dos Direitos Animais.

gelatina: “e eu falei aquele clichê de todo mundo, ah, admiro pessoas que conseguem ser vegetariana, mas deve ser muito difícil”. A amiga de Fernando lhe respondeu dizendo que não havia dificuldades e, como conversavam no começo da noite, ela lhe sugeriu naquele momento que fizesse um teste: experimentasse um jantar vegetariano, e, depois disso, tornariam a conversar sobre as supostas “dificuldades”. Fernando aceitou o teste. Não falou nada para sua família e jantou sem consumir nenhum tipo de carne. Pela manhã, repetiu a dose e, assim, continuou durante os dias subsequentes. Passou três anos OLV. Durante esse período, achava que o veganismo era algo muito radical, e por isso mesmo, por um bom tempo, isso não lhe parecia uma opção: “eu tô me privando, eu já tô fazendo a minha parte em não matar; a exploração, eu achava que ‘tudo bem’, eu não enxergava realmente como funcionava a indústria”. Fernando falou que, naquele momento, era importante para ele não estar contribuindo diretamente para a morte dos animais – ideia que parece ser amplamente compartilhada por OLV. Perguntei, então, o que aconteceu para que ele, mesmo achando que o veganismo era algo radical, tivesse se tornado *vegano*. Ele me respondeu:

eu recebi a informação, vi que eu estava enganado, que o veganismo era o mais correto, e ainda assim, mesmo com a informação, eu passei um tempo, sabendo da realidade e consumindo. Ai depois eu percebi que não, a usurpação, como qualquer direito, o direito a vida, o direito a liberdade, o direito a integridade física, também são direitos que a gente não pode suprimir (FERNANDO, 10/02/2013).

Os primeiros passos de Fernando a caminho do veganismo se deu a partir do contato com textos dispersos sobre ética e direitos animais em *sites* especializados da internet. Esse processo também foi marcado por uma forte influência da sua companheira, que havia se tornado *vegana*, e começou a lhe dirigir vários questionamentos com a intenção deliberada de lhe causar incômodo. Ele me narrou algumas situações. Por exemplo, quando saiam para lanche, ele pedia o sanduiche com queijo e ela sem. Começavam a discutir sobre isso. Até que um dia, por insistência dela, ele resolveu pedir um sanduiche sem queijo. Explicou que, ainda assim, o sanduiche continuava muito saboroso, e, no final das contas, “o queijo não fazia tanta diferença”. Desse maneira, decidiu se tornar *vegano*, não obstante ao conjunto de ideias, mas também quando percebeu que poderia fazer refeições saborosas sem precisar consumir ingredientes de origem animal.

Em outro caso, Luiza me explicou que o principal motivo que a levou a se tornar vegetariana e depois *vegana* foi o incomodo com a exploração animal:

eu tinha noção do sofrimento dos animais, da morte dos animais desde o começo, antes de eu virar vegetariana, eu achava errado comer animais, e, a partir disso, fui conhecendo melhor e sabendo da exploração e da escravização das vacas e das galinhas, essas coisas... e percebi que isso era errado (LUIZA, 06/02/2013).

Após um período de três anos OLV, tornou-se *vegana* quando assistiu a uma palestra pela internet. Tratava-se de um famoso vídeo que circulou e ainda hoje circula bastante na rede, onde o “ativista” norte americano Gary Yourofsky³⁴ defende com muita segurança e boas argumentações uma série de motivos para que as pessoas deixem de consumir produtos de origem animal e se tornem *veganos*.

Pela sua recorrência, destaco aqui a importância que os vídeos possuem na tomada de decisão dos sujeitos dessa pesquisa para se tornarem OLV e também *veganos*. Além de Luiza e Débora, os vídeos e documentários também foram decisivos para que Alex e Pedro também viessem a se tornar OLV. Os dois falaram de seus motivos:

Ética animal, a questão senciência. Meus amigos vinham com o discurso teórico que pra mim não fazia muito sentido... daí eu assisti Terráqueos. Foi um choque. Depois que eu vi eu me senti um nazista. Eu que na época já pensava tanta coisa sobre questão de igualdade, liberdade, percebi uma falha muito grande no meu discurso: questão da ética animal, de como eu me relacionava com os outros animais (ALEX, 21/02/2013)

Eu assisti Terráqueos, e realmente assim, me mudou totalmente, eu não conseguia olhar para carne do jeito que eu olhava antes, eu comecei a ter repúdio, e fui diminuindo a cada dia (PEDRO, 23/12/2012).

Se o documentário Terráqueos (2005) foi crucial para Alex e Pedro se tornarem OLV, aquela mesma palestra do Gary Yourofsky – mencionada por Luiza como sendo decisiva para que viesse a se tornar *vegana* – também o foi para Alex. Ele me falou que estava em Campina Grande, na companhia de *veganos/punks/anarquistas*, quando assistiu a tal palestra:

fiquei com mesma coisa que eu senti em 2007 quando eu assisti terráqueos... meu discurso continua falho, tenho que ser vegano. Outubro, novembro fui

³⁴ Disponível em: www.youtube.com/watch?v=8bH-doHSY_o

me adaptando, pra em dezembro na virada do ano novo começar, meio promessa assim (ALEX, 21/02/2013).

A trajetória de Natália também possui algo de semelhante com a de Alex, não exatamente por causa dos vídeos, mas pelo pano de fundo em que o vegetarianismo e o veganismo apareceram em suas vidas. Os primeiros contatos que ela teve com essas ideias ocorreram a partir do seu envolvimento com grupos anarco-punks na cidade de Natal-RN, mais especificamente em meio aos debates sobre “dominação”, “poder”, “autoridade”, “hierarquia”, “anti-capitalismo”, entre outros temas bastante difundidos nos meios punk/anarquista/hardcore. Depois de um ano OLV, Natália me falou sobre os motivos que a levaram a se tornar *vegana*:

Comecei a enxergar que na verdade o mercado de leite, queijos, ovos, iogurte, esses derivados, são tão ruins e as vezes até pior do que os de carne propriamente dito, porque eles geram um sofrimento contínuo muito mais frequente né, para os animais. O abate ‘tudo bem’ é um sofrimento ali né, foi abatido, oh que merda, mas, e a vaca que passa quatro anos com um negocio grudado na teta dela pra sair leite, um leite que era pra ser pro bezerro, que na verdade vira vitela, umas coisas assim, muito sinistras, e eu acabei começando a querer me desvencilhar de todas essas coisas (NATÁLIA, 08/02/2013).

Questionei Alex sobre a relação entre veganismo e anarquismo. Assim me falou:

questão de desigualdade, opressão, relação de dominação. O anarquismo sempre expôs essas questões da desigualdade, hierarquização social e a proposta de uma sociedade, ou grupo ou vida, que subverta essas relações, relações mais igualitária, e eu acho que o veganismo tem tudo a ver com isso, mas, por vezes, não por definição, mas por vezes se limita a questão dos animais não humanos. Pra mim, pro meu anarquismo e pro meu veganismo, o anarquismo não pode deixar de lado a questão dos outros animais, nem o veganismo pode deixar de lado a questão do próprio ser humano (ALEX, 21/02/2013).

Apesar da ética ser apontada na maioria dos casos como uma espécie de “carro chefe” das motivações, isso parece ser o resultado de um amadurecimento conquistado com o tempo e aprofundamento em relação tema, e não enquanto algo que está evidente desde o início.

As dificuldades em deixar de consumir alguns alimentos

Por mais que o discurso de boa parte dos militantes do Movimento de Defesa Animal negue em alguma medida que haja dificuldades em se tornar *vegano*, a maioria dos depoimentos que pude coletar para esta pesquisa me apontaram justamente o contrário: deixar de consumir alguns alimentos envolve uma série de dificuldades – principalmente no começo. Todavia, é bastante compreensível que tenham esse tipo de postura, negando ou mesmo suavizando tais dificuldades. Proceder desta forma também faz parte do “ativismo”, pois, é uma maneira de não desencorajar outras pessoas a se tornarem *veganos*, elas poderiam desistir diante das “dificuldades” antes mesmo de começar. Vejamos abaixo algumas questões a esse respeito.

Tornar-se *vegano* para Leonardo foi um processo marcado por várias tentativas. Assim, ele me contou: “atualmente, faz seis meses que estou *vegano*, mas, foi em 2007 que eu me tornei *vegano* pela primeira vez”. Esse processo foi marcado pelo que ele chamou de recaídas. Vejamos a primeira:

A primeira vez foi quando eu morei cinco meses no Canadá, que, na família que eu tava era muito difícil, e eu me incomodava muito com o trabalho que eles tinham comigo, com a atenção exagerada, e numa determinada noite eu me rendi, e eu passei uma noite normal com eles, que toda noite eles tomavam chocolate quente, e foi o chocolate que me fez cair dessa dieta (LEONARDO, 06/02/2013).

Passemos a segunda:

A segunda foi agora há pouco tempo, eu morei um ano na França, onde lá eles têm o hábito estranho de comer queijo de manhã de tarde e de noite, nas três refeições eles põem queijo, e como eu tava na universidade alojado lá, eu não tinha muito opção de comida, tinha que comer queijo três vezes por dia (LEONARDO, 06/02/2013).

As falas acima podem, entre outras coisas, me auxiliar no entendimento do ponto que estou tentando destacar: a do veganismo como um processo. Dificilmente alguém se torna *vegano* de uma hora para outra. Este percurso é marcado por uma série de etapas, que

envolvem dificuldades, descobertas, adaptações, conquistas, “tentações” e repulsas. Entendamos melhor:

Aconteceu uma coisa curiosa comigo, tanto quando eu deixei de comer carne quanto eu deixei de comer leite. Depois de vários meses sem comer carne, o cheiro da carne me causava repulsa, me deixava agoniado, eu não sentia a mínima vontade de comer. Lógico que existem algumas coisas como milk-shake que demora um pouco pra você sentir essa mesma repulsa. Eu comecei a sentir assim depois de um tempo, ao próprio leite de vaca assim, um copo, não sentia mais a mesma vontade. Depois que você deixa, você sente falta assim, é de forma abrupta né, aí nos dias posteriores eu sentia vontade, mas, depois passou (ALEX, 21/02/2013).

Vejamos outro caso:

Quando você está com fome, por exemplo, alguns cheiros de comida que tem carne, ainda despertam muito o apetite; alguns não, eu criei um certo enojamento de alguns cheiros fortes de comida que tem carne, eu acho que o estomago não aceitaria mais, então nem sinto apetite com esses, mas, alguns mais sutis sim, como o cheiro de uma pizza que está assando com queijo, e você está com fome, aí dá uma vontade sim, motivada pelo aroma, mas, quando você vê mesmo e tem o contato visual, não dá mais vontade” (RENATO, 22/02/2013).

Nos dois casos acima, nota-se que há uma dificuldade inicial em se deixar de consumir alguns alimentos. Dificuldade esta que com o passar do tempo vai deixando de ser um obstáculo porque os próprios sujeitos deixam de considerar “aquilo” – outrora queijo ou leite, a título de exemplo – enquanto possibilidade de ingestão. É como se o passar do tempo retirasse de alguns “alimentos” – aqueles de origem animal – a própria qualidade de alimento, estando estes, nesse novo “sistema de classificações”, agora convertidos, ao leque de coisas não comestíveis. Desta maneira, aquela pergunta constante – “você não sente falta de comer carne?” – a qual muitos *veganos* estão acostumados a ser inqueridos, deixa de fazer sentido, porque, no limite, não há como sentir falta daquilo que não se percebe mais enquanto comida.

Contudo, diferentemente do exemplo mencionado acima, no caso dos *veganos* há um componente importante que não pode de nenhuma maneira ser desconsiderado: a memória. Muitos sabores ficam guardados e a possibilidade de não senti-los mais pode dificultar o processo para muita gente. Tal como assevera Sidney W. Mintz:

Os hábitos alimentares podem mudar inteiramente quando crescemos, mas a memória e o peso do primeiro aprendizado alimentar e algumas das formas sociais aprendidas através dele permanecem, talvez para sempre, em nossa consciência, como atesta a amada *madeleine* de Proust, o caso mais famoso (MINTZ, 2001, p.32).

Talvez, seja por isso mesmo que as indústrias de produtos *veganos* e os próprios restaurantes tentem, em algum nível, reproduzir, simular ou mesmo imitar determinados alimentos e sabores da culinária usual em que a carne e os ingredientes de origem animal ocupam um lugar mais que central. Como me disse um interlocutor, “com os ingredientes certos e nos lugares certos, é possível se fazer ou imitar praticamente tudo”. A lista é longa: vários tipos de queijo vegetal, mortadela, empada de falso camarão, sushi, moqueca, hambúrgueres, bifes, salsichas, coxinhas, sorvetes, chocolates, entre tantas outras coisas.

Se no início do processo de tornar-se OLV, e principalmente *vegano*, uma das dificuldades apontada é justamente superar “a falta” que alguns alimentos fazem, o passar do tempo acaba por despertar um sentimento contrário ao do desejo: as pessoas passam a demonstrar repulsa. Isso nos ajuda a reforçar a ideia de que a própria concepção do que é ou não é visto como saboroso e desejado é engendrada no interior da nossa cultura, das nossas experiências, trajetórias e contextos:

A sensação do gosto traduz uma cultura incorporada, tem um caráter coletivo que não se opõe ao individual, que o complementa, produzindo ou reproduzindo relações entre o corpo e o alimento. Segundo Canesqui e Garcia, o gosto e o paladar, em vez de se naturalizarem, são cultivados no emaranhado da história, da economia, da política e da própria cultura (CARVALHO, Maria; LUZ, Madel; PRADO, Shirley. 2011, p.160).

Nada é em si saboroso. Aprendemos a gostar e a desgostar também. E isso não acontece apenas com vegetarianos. A título de exemplo, tenho prestado atenção à fala de amigos que me relataram que detestaram *sushi* quando o comeram pela primeira vez. No entanto, aos poucos foram “aprendendo a gostar”, a descobrir o seu sabor, a ponto de atualmente, declararem ser extremamente “viciados”.

A sensação gustativa, ou a percepção do sabor, é um processo que requer aprendizado, ou, numa palavra, familiarização (MACIEL, 2001). Neste processo, o gosto acaba por adquirir uma importância crucial na medida em que é através dele que o sabor é percebido.

Recorrendo a etimologia das palavras, *saber* e *sabor* possuem uma origem similar, do latim *sapere*. Gosto e conhecimento se misturam, e, no limite, ter gosto é também ter conhecimento.

De acordo com Maciel (2001), a sensação gustativa possui uma dupla conotação – informação e emoção – que se inscrevem num dado contexto sociocultural. A comida, muito mais do que saciar uma necessidade nos remete a aspectos bastante subjetivos que se relacionam ao plano da memória e dos sentimentos. Basta ouvir relatos de brasileiros que passaram alguma temporada no exterior para constataremos a validade de tal assertiva: há sempre saudade do nosso “feijão com arroz”. Além disso, as expressões “comida de mãe” ou “comida caseira” podem ser também consideradas como bons exemplos para pensar a dimensão subjetiva, mais propriamente relacionada ao plano afetivo, questão que se verá como central para esse trabalho. Ambas expressões nos remetem a tudo aquilo que é familiar, próximo. O toque caseiro na combinação dos ingredientes evoca o sentido de intimidade que logo se contrapõe à impessoalidade do toque profissional dos grandes restaurantes e das cadeias de comida *fast food*, tal como o MacDonald’s (RITZER, 2005).

Retomando os sujeitos da pesquisa, notamos que dentre os alimentos apontados como sendo mais difíceis de serem deixados de consumir, o queijo, ao lado dos laticínios e doces foram os mais mencionados. Certa vez assistia estava em um evento sobre veganismo quando ouvir o palestrante falar que havia levado mais tempo para se tornar *vegano* porque gostava muito de comer pizza, e, para ele, “pizza era sinônimo de queijo, muito queijo”. Ele só se tornou *vegano* depois que descobriu que existiam pizzarias especializadas que utilizavam queijos vegetais (tofu, vegarella, tofupiri, mandioqueijo). Nessa mesma direção, um dos interlocutores dessa pesquisa me relatou: “eu era OLV, daí eu comia ovo, leite e queijo, o último que eu deixei de comer foi o queijo, que era o mais difícil” (PEDRO, 23/12/2012).

Pelo que pude notar, isto ocorre porque na esmagadora maioria dos casos, as pessoas ao se tornarem OLV e cortarem a carne e seus derivados da alimentação, acabam, em contrapartida, por acentuar o consumo de ovos e laticínios. Nesse processo, o queijo passa a ser o alimento mais consumido, e, talvez, por isso mesmo, um dos mais difíceis de serem largados.

Outro interlocutor me falou sobre suas dificuldades:

As vezes, se dá vontade de comer algo que tenha elementos animais, são naquelas comidas que você não vê que existem uma parte animal naquilo. Por exemplo, você vê um pavê na rua, você não reconhece o animal que está

ali; então eu acho que isso influência pra ainda ter vontade de comer aquilo, vontades que eu ainda tenho de comer algumas coisas desse tipo, mas eu sempre tento substituir porque eu gosto de cozinhar, então eu tento fazer comidas como doce, que não leva.. então, quando dá vontade de comer, quando não tem outra coisa, mas, se tiver outra opção, você nem sente aquela vontade (RENATO, 22/02/2013).

Autocontrole parece ser uma questão crucial nesse processo. Quase que o tempo inteiro os *veganos* têm que lidar com essa questão ao se depararem em casa, na rua, na TV, nos restaurantes, com uma série de produtos que possuem alguma origem animal ou que foram testados em animais. Algumas falas expressam bem esse exercício: “cair em tentação”; “apego ao paladar”; “se render ao paladar”³⁵. A noção de estar com a “consciência tranquila”, “comer sem culpa” por não ter contribuído com nenhum tipo de sofrimento ou exploração animal, parece ser o elemento que conforta e faz os *veganos* seguirem em frente, mesmo diante das “tentações”. Não por um acaso, muitos dos interlocutores utilizavam o termo “comida livre de sofrimento” para se referir à uma comida *vegana*.

Na maioria dos casos, o que torna mais difícil o processo de tornar-se *vegano* não é, ao contrário do que possa parecer, parar de comer a carne, e sim, aqueles alimentos que são de origem animal e que, por serem processados, modificados ou diluídos, perderam a referência inicial ao animal que lhe deu origem. Muitos ativistas procuram recuperar essa “origem perdida” como forma de incentivo tanto no processo de tornar-se *vegano*, quanto no ato de convencer outras, buscando identificar as partes ou componentes de origem animal que estão “mascarados” quando o produto assume sua forma final. A título de exemplo, uma interlocutora me falou que uma das coisas que mais sentiu falta ao tornar-se *vegana* foi ter que parar de comer doces, principalmente gelatina. Perguntei o que havia de origem animal na gelatina. Ela me disse: “porque contém colágeno”. Perguntei a ela do que se tratava e, assim, ela me respondeu: “pele e ossos de animais triturados e faz o pó e botam corante” (DÉBORA, 16/02/2013).

É por este motivo que os *veganos* geralmente acabam adquirindo o hábito de ler os rótulos de todo e qualquer produto que for consumir, atentando para os ingredientes utilizados na composição de um dado produto ou alimento. Quem diria que numa inocente gelatina

³⁵ O que mais me chama a atenção são os termos utilizados: “recaídas”, “cair em tentação”, “se render”, são termos utilizados geralmente para se referir a estados de doença, no primeiro caso, e o outro, parece ter uma tradição mais religiosa, no sentido de que, cair em tentação é cometer algum pecado.

contém pele e ossos triturados de animais? O que dizer então de uma jujuba que também possui colágeno? E do leite animal que possui pus? E quanto ao corante cochonilha³⁶ presente em biscoitos, iogurtes, entre outros, cuja fonte é um inseto esmagado?

Por outro lado, temos que ressaltar que há todo um trabalho de *marketing* nas empresas para mascarar ou mesmo dissociar o seu produto do animal que lhe deu origem. A esse respeito, me explicou um interlocutor:

empresas brasileiras que mostram o franguinho sorridente, enquanto animais estão sendo mortos, muitas vezes de maneira brutal, simplesmente por uma questão de paladar e também de status. Existe mesmo essa manipulação, mas, independentemente dela, existe também uma grande ignorância das pessoas (LUIS, 08/02/2013).

Estas questões serão melhor exploradas no capítulo seguinte, no momento em que darei mais evidência as questões que envolvem o “ativismo” *vegano*. Apenas para situar o leitor, adianto-lhes que umas das estratégias de ação mais praticadas pelos ativistas do movimento de defesa animal inclui trazer à tona, através de diálogos, panfletos, e, sobretudo imagens, o processo existente entre o produto final e o animal que lhe deu origem.

A importância do grupo

No processo de tornar-se *vegano*, pude notar que, entre os sujeitos dessa pesquisa, o grupo de pessoas que já estão estabelecidas no veganismo e possuem conhecimento, experiência teórica e prática sobre o assunto, possuem uma importância enorme para dar apoio, suporte e mesmo encorajar as pessoas que estão inclinadas a também se tornarem *vegan*s. Isto parece ser algo tão crucial que recentemente a ONG ONCA³⁷ criou um projeto chamado “Anjo Vegano”, justamente para oferecer suporte às pessoas que estão tentando tornar-se *vegan*s:

³⁶ De acordo com o portal de informações *vegano* Vista-se, “Cochonilha é um pigmento vermelho intenso feito com *Dactylopius Coccus*, um inseto mexicano. São necessários cerca de 70.000 insetos esmagados e fervidos para produzir apenas 450 gramas deste corante”. O corante é utilizado para dar cor a biscoitos e leites de soja sabor morango. <http://vista-se.com.br/redesocial/ha-insetos-no-seu-refrigerante/>. Acesso em 22/02/2013.

³⁷ <http://www.onca.net.br/>. (Acesso em 22/02/2013).

O Anjo Vegano é um projeto inspirado em outros programas de tutoria/mentoria já existentes em todo o mundo, como o da Vegan Society, e do Brasil, como o Bike Anjo. Queremos ajudar interessados em descobrir o veganismo a fazer a transição através do auxílio presencial de um voluntário vegano porque acreditamos no potencial desse contato pessoal e constante. Um anjo vegano é um voluntário que acompanha uma pessoa, responde suas dúvidas sobre o veganismo e lhe orienta sobre como viver fazendo escolhas veganas. O anjo vegano mantém contato constante, presencial e à distância, mostra locais da cidade onde se pode comprar coisas veganas e bons restaurantes vegetarianos. O anjo vegano é um amigo e um contato que está sempre disposto a ajudar.³⁸

Nenhum dos sujeitos dessa pesquisa recorreu a este projeto. Contudo, a importância do grupo foi, por muitas vezes, decisiva em todo o processo. Para Renato, se as pessoas tivessem a oportunidade de ter contato com *vegan*as em seus cotidianos tudo poderia ser muito diferente:

mesmo sabendo do que acontece com os animais, alguns, a maioria, continuam acostumados com aquilo. Se chocam na hora, mas, quando chegam em casa, acabam **saciando o paladar** já que não têm outra opção. Por isso que o contato próximo com outros veganos é tão importante. Porque mesmo ela sabendo daquilo, ela vai acabar **se rendendo ao paladar** quando chegarem em casa. Então, não, as pessoas não comem carne por falta de informação, e sim, com a falta de contato direto com outro meio de vida (RENATO, 22/02/2013).

Dois outros interlocutores me explicaram:

meus amigos começaram a conversar comigo, explicando que a dieta vegetariana era mais fácil, depois me mostrando vídeos; eles sempre me levavam para os restaurantes, me apresentavam comidas veganas interessantes, mas a decisão mesmo venho de mim (PEDRO, 23/12/2012).

A partir de um documentário, e outras coisas também que reforçavam o discurso do documentário, pelas pessoas que tavam virando vegetariana também, o próprio sentimento de grupo, de outras pessoas tarem virando vegetarianas e eu não, essas coisas de adolescência, eu acho que tudo isso influenciou bastante (ALEX, 21/02/2013).

Para Débora, foi através do contato desenvolvido com um grupo de pessoas que formaram o VEDDAS-RN que ela percebeu que era possível tornar-se *vegana*. Mais que isso:

³⁸ Disponível em: <http://anjovegano.com.br/> (Acesso em 10/01/2012).

conhecer o pessoal do Veddás e manter um envolvimento era uma possibilidade de explorar, fazer com que outras pessoas **despertassem**. Muitas pessoas não são *veganos* porque realmente não sabem o que acontece (DÉBORA, 16/02/2013).

É importante mencionar que Débora entrou no grupo de voluntários do VEDDAS em abril e tornou-se *vegana* em novembro do mesmo ano de 2012. Perguntei como era sua relação com os demais integrantes, dado o caráter abolicionista do grupo. Respondeu que ocorreram dificuldades, mas que as compreendia:

Tive. É curioso porque, desde que eu me tornei vegana, eu conheço ovo-lactos, então, quando pessoas comem ovos e leite perto de mim, já existe outra percepção, eu fico imaginando que na época em que eu era ovo-lacto e quando eu comia queijo perto deles, eu sentia, e, era óbvio que existia um olhar diferente, existia um certo olhar de... de... como se diz... censura, um olhar de censura. Ai sim, eu acho que isso incentivou um pouco, daí, de certa forma eu comecei a sair com eles e eu pensei, poxa, como é que faço parte de um grupo, principalmente que eu vou para as bancas VEDDAS e distribuindo panfletos de SEJA VEGANO! E eu não sou? E eu saio de lá comendo ovos e leite, contribuindo com isso tudo, então para mim também, depois de entrar no VEDDAS ser vegana foi muito uma questão de ser coerente, eu acho que se eu continuasse a consumir ovos e leite eu continuaria numa postura incoerente, e qualquer pessoa que me conhecesse de uma certa forma poderia chegar e dizer, poxa, como é que vc defende o veganismo e não é vegana? Então enfim, foi tudo isso junto que contribuiu (DÉBORA, 16/02/2013)

O grupo também é importante em outro processo: passar informações e mesmo alertar as pessoas em alguns casos. Segue abaixo alguns trechos retirados do meu caderno de campo, capazes de ilustrar tais situações:

Estava com alguns dos interlocutores dessa pesquisa em um estabelecimento não *vegano*. Um deles pegou o molho inglês e adicionou a sua refeição. De imediato, uma voz se levantou, alertando-o: “molho inglês tem carne”. Visivelmente irritado, ele falou diante da mesa que não sabia. Alguém falou, em tom de brincadeira: “vai começar do zero!”, se referindo a contagem do tempo de quando havia se tornado *vegano* (Caderno de Campo, 28/08/2012).

A seguir, temos outro exemplo que aponta para a mesma direção, refletindo a preocupação por parte desses sujeitos em não se consumir nenhum produto de origem animal:

Era noite de sexta-feira, dia da confraternização do congresso em Recife. Fomos até o centro da cidade numa rua que possui vários bares e em um deles, entre outras coisas, servia comida vegetariana e *vegana*. Quando chegaram os *kebab* de *falafel* que os interlocutores dessa pesquisa haviam pedido, um dos *veganos* do grupo perguntou: Vocês lembraram de pedir para eles fritarem o *falafel* no óleo? As vezes eles fritam na manteiga (Caderno de Campo, 28/08/2012).

O fato abaixo demonstra também que os *veganos* estão muito atentos às políticas de algumas empresas ao redor do mundo. A Nívea é uma das marcas que por muito tempo foi utilizada pelos *veganos* pelo fato de não fazer nenhum tipo de teste em animais. Através de informações divulgadas na internet descobriu-se que especificamente para atender a uma política de segurança da China e comercializar seus produtos nesse país, a Nívea teve que testar seus produtos em animais. De imediato, os *veganos* reagiram divulgando tal episódio na internet e incentivando as pessoas a boicotarem os produtos dessa empresa. Alguns dos meus interlocutores lamentaram este fato, uma vez que implicaria na diminuição de produtos acessíveis como desodorante, sabonete, etc.

A esse respeito, há também inúmeros fóruns nas redes sociais que tratam dessas questões. Um deles é o SAC *vegano* – Serviço de Atendimento ao Consumidor *Vegano*. Nele, os integrantes procuram tirar dúvidas sobre os ingredientes presentes nos mais variados produtos com o objetivo de identificar se há neles algum componente de origem animal ou se foram testados em animais. Há também nesse fórum postagens sobre a resposta que algumas empresas dão aos consumidores quando indagados sobre a composição dos seus produtos.

Conflitos em casa

O processo de tornar-se vegetariano desencadeou uma série de mudanças na vida desses sujeitos, mudanças essas que reverberaram em vários aspectos de suas vidas, sendo, por vezes, marcadas pela eclosão de conflito. É dentro de casa, no interior das relações familiares, que esses conflitos aparecem primeiramente. Como venho fazendo, apresentarei a seguir alguns exemplos capazes de ilustrar essas situações.

Natália me relatou que de início, ainda quando OVL, não enfrentou nenhum problema em casa, seus pais compreendiam e aceitavam muito bem a ideia de ter uma filha vegetariana. Segundo ela, achavam até “bonitinho” ter uma filha “que se preocupava com os animais”. Os

impasses começaram a aparecer quando ela se tornou *vegana*, posicionamento considerado bastante radical por eles.

Uma das dificuldades apontadas por Fernando foi o fato de sua família, além de não ser vegetariana, consumir carne em níveis elevados. Ciente que não ia ter muita aceitação e sem saber, ao mesmo tempo, como fundamentar sua escolha para os seus familiares, Fernando me disse que esperou bastante tempo para contar-lhes que havia se tornado vegetariano.

A decisão de tornar-se vegetariana também desencadeou um processo de mudança na rotina alimentar da família de Luiza. Ela contou que sua mãe “já possuía alguma noção de como a carne era produzida” e, assim, procurava consumir o mínimo possível do produto. Desta forma, Luiza falou que não demorou muito tempo para que “sua casa” aceitasse essa nova rotina alimentar. Sua mãe e seus dois irmãos aderiram sem grandes problemas. Com o seu pai, foi um pouco diferente. Não aderiu, mas, em sinal de respeito à decisão da família, passou a comer carne apenas fora de casa.

Para Débora foi um pouco mais difícil. Não recebeu o apoio da família, sobretudo do seu pai, que falava para ela que iria obrigá-la a comer carne, que iria colocar fígado em sua boca e, sobretudo, se, eventualmente, viesse a ficar doente³⁹, não iria levá-la a nenhum hospital. Sua mãe tentava compreender um pouco mais, embora ainda sim, reprovasse a decisão da filha. Os primeiros meses foram os mais difíceis. Fazendo uma auto crítica, Débora reconheceu que os problemas com os seus familiares se deu não apenas pela falta de compreensão da parte deles, mas também pela própria maneira como ela inseriu esse debate para a família, falando de uma maneira por ela descrita como “hostil” e “áspera” sobre o vegetarianismo e o processo mediante o qual os animais eram submetidos para chegarem até a mesa da sua casa e das demais famílias, fato que gerava bastante desconforto, principalmente quando tratado no momento em que ocorriam as refeições. Aos poucos, Débora falou que foi mudando sua postura, deixando ser “hostil” e dialogando mais, afinal de contas, disse ela: “tinha que manter a harmonia dentro da minha casa”. Esta última frase é bastante ilustrativa. Em casa, por maior ou menor que sejam os desentendimentos, eles começam a ser negociados

³⁹ Isto é algo bastante recorrente. Certa vez estava em um evento quando uma mulher começou a falar que tinha uma boa saúde, que procurava se alimentar bem, fazer exercícios físicos e pouco adoecia. Contudo, parecia espantosa para ela o fato de que em sua casa, toda vez que porventura ficasse doente, seus familiares a diziam que só havia ficado em tal estado porque não estava comendo carne. É interessante refletir sobre tal associação, ou mesmo representação, que coloca a carne como sinônimo de força, vigor, saúde e virilidade.

para que o ambiente familiar não se torne um ambiente de conflito. Para tanto, estratégias são criadas:

No começo eu tinha mais, ficava incomodada e tal, aí hoje em dia, na mesa do almoço, tudo é vegan, o arroz, o feijão o purê, menos a carne... o que eu arranjei de método foi deixar a carne no outro extremo da mesa, eu fico do lado ela fica do outro... (NATÁLIA, 08/02/2013).

Depois que me tornei vegetariano o pessoal lá de casa começou a fazer comida separada, ou mesmo adaptar pratos. No começo foi o conflito, mas depois tiraram a carne do feijão e ficou de boa (ALEX, 21/02/2013).

Ficar no outro extremo da mesa, tirar a carne do feijão ou fazer versões vegetarianas de pratos comuns podem ser consideradas estratégias mais que interessantes, realmente necessárias. O importante é que o conflito seja evitado e o ambiente familiar seja mantido mediante um pacto mútuo de compreensão, uma espécie de “você não fala da minha carne, eu não falo dos seus animais”.

Aprendendo a cozinhar – conhecendo outros alimentos, nutrição e saúde

É justamente em meio a essas dificuldades e também pela falta de opções vegetarianas cotidianas – no local de trabalho, nas universidades, na lanchonete da esquina – que a maioria absoluta dos sujeitos dessa pesquisa depois de se tornar OLV e, sobretudo *veganos*, aprenderam a cozinhar:

Quando eu me tornei vegetariana eu fazia tudo com ovos e com queijo, então, era meio que assim, eu não explorei muito a cozinha, porque de certa forma, eu só aumentei a quantidade daquilo que eu já comia antes. Mas quando eu me tornei vegana, eu fui obrigada a cozinhar realmente, era muito fácil preparar um ovo no almoço, mas agora como não tem mais essa facilidade eu comecei a fazer pratos, cozinhar grão de bico, feijão, soja (JOANA, 16/02/2013).

Aprender a cozinhar é, além de uma questão quase de sobrevivência, também uma forma de ter o mínimo de autonomia sobre o que se come, controlar a alimentação:

Não, não foi difícil em relação a minha escolha, que eu já vinha há um tempo pensando sobre isso, mas a minha família foi bem difícil de ser aceito. A partir daí comecei a criar uma curiosidade sobre a cozinha, que eu tinha que cozinhar os meus alimentos, para poder ter certeza que ali não ia ter nada de origem animal (JOANA, 16/02/2013).

É também uma estratégia de convencimento e autoafirmação, no sentido de mostrar para o grupo de *veganos* e também para as demais pessoas que é possível se alimentar de forma saudável e saborosa sem utilizar ingredientes ou produtos de origem animal⁴⁰:

principalmente aqui no nordeste, no RN, muitas pessoas nunca ouviram falar no veganismo, e elas não imaginam sequer a possibilidade de você se alimentar sem ovos, sem leite e sem carne, então a comida, eu acho que é muito isso, de aproximar uma realidade e de mostrar para as pessoas que é possível, que você pode sim se alimentar sem ovos sem leite sem carne, que existem comidas gostosas e que você não vai se privar do prazer de comer, que existe receitas e receitas e possibilidades distintas de se alimentar desse modo. O veganismo existe toda uma teoria, uma parte teórica que fundamenta o veganismo, mas eu acho que se as pessoas não tiverem a noção da prática, de que é possível, de que todas as ideias podem fundamentar uma prática e de que ela é possível, não adianta, vai ficar só no campo das ideias, as pessoas nunca vão cotidianamente se alimentarem de modo vegano e fazerem escolhas veganas (DÉBORA, 16/02/2013).

Um outro aspecto alimentar - presente na fala acima - me aparece bastante interessante. Como já referido anteriormente, praticamente todos os sujeitos dessa pesquisa, ao tornarem-se OLV, acabaram por acentuar consideravelmente o nível de consumo de laticínios, sobretudo queijos e ovos. Por outro lado, ao se tornarem *veganos*, o contato com outros tipos de alimentos que não se faziam presentes de maneira assídua quando onívoros ou OLV, começam a ocorrer. Assim me falou uma interlocutora:

Quando me tornei vegetariana, eu agreguei muito mais ingredientes a minha alimentação o que deixou a minha alimentação muito mais saborosa. Eu nunca atentava para questão do sabor dos vegetais, e na realidade, se você comer a porra de um pedaço de carne cru vai ficar uma merda (ANTÔNIA, 10/02/2013).

Depois de vegano, comecei a comer mais verduras, o que eu fiz foi começar a comer mais verduras, couve-flor, tomate, cenoura, beterraba, folhas e legumes coisa que não fazia antes (ALEX, 21/02/2013).

⁴⁰ Veremos mais coisas a respeito da alimentação enquanto uma questão política no capítulo III.

Isto significa dizer que, na maioria dos casos, tornar-se *vegano* implica também ter contato com outro universo alimentar que passa pela inclusão de legumes e verduras às refeições, como também de outros grãos, como lentilha e grão-de-bico – grãos relativamente desconhecidos nas mesas mais tradicionais do Nordeste brasileiro – o que constitui uma evidência etnográfica bastante interessante, pois, se por um lado a escolha em não se consumir produtos de origem animal apresenta-se na forma de restrição alimentar em um primeiro momento, por outro, abre-se uma infinidade de possibilidades que pouco seriam exploradas se essa pessoa mantivesse sua dieta alimentação anterior.

Apesar de parecer uma consequência natural – já que não se come nada de origem animal, restam os vegetais – uma coisa que pude perceber é que esses sujeitos, em parte considerável dos casos, possuíam um conhecimento significativo sobre nutrição. Isto se desdobra em saber como e onde buscar os nutrientes necessários para suprir as demandas do nosso corpo:

... não basta a pessoa retirar os produtos de origem animal se a pessoa num faz uma mistura harmônica na comida, de maneira que a pessoa supra suas necessidades nutricionais. Acho que em poucos meses, eu conseguia mesmo, assim, estar satisfeito com a maneira que eu organizava minha comida (LUIS, 08/02/2013).

Um outro interlocutor, falou:

... quando me tornei vegetariana não. Mas quando eu me tornei vegana, foi uma preocupação importante, eu consumia muito leite, e eu via leite como fonte de cálcio. Minha preocupação ao me tornar vegana foi, poxa, se eu não mudar minha alimentação, se eu não incluir principalmente folhas verdes, se eu não incluir outras coisas, eu ficava imaginando, eu vou ficar carente de cálcio, eu vou ter osteoporose eu vou desenvolver algum problema nesse sentido (DÉBORA, 16/03/2013).

Apesar da preocupação inicial de Débora com o cálcio, em termos nutricionais, a vitamina B12 é a única que não pode ser obtida em uma dieta vegetariana estrita – sem adição de qualquer ingrediente de origem animal. Contudo, isso não chega a ser um problema, tampouco um impedimento para se tornar *vegano*, uma vez que existem no mercado empresas especializadas que comercializam tais suplementos. Entre o grupo de pessoas aqui investigada, a absoluta maioria suplementava. Certa vez questionei um interlocutor com a seguinte questão: por que essa preocupação exacerbada com a B12, se muitas vezes o sujeito

que a suplementa é o mesmo que não se alimenta bem e acaba carecendo de fontes mais básicas como ferro, cálcio, a título de exemplo? Sem titubear, ela me respondeu: “faz parte do ativismo”. Suplementar a B12 é mais uma forma de mostrar para as pessoas que é possível buscar formas alternativas para a carne e seus componentes proteicos.

Não obstante a “saúde” ser considerada importante no contexto dos sujeitos investigados, ela não é, com efeito, uma finalidade do veganismo. Como me falou certa vez uma interlocutora: “por causa do veganismo, raríssimas vezes fico doente”. Isto torna evidente que saúde aqui, é, antes de tudo, a consequência de um estilo de vida (VELHO, 2013) e de uma alimentação orientada por um pensamento que exclui das suas possibilidades de consumo qualquer ingrediente ou produto de origem animal:

Pra mim ser vegano não é porque ‘ahm quero emagrecer’, não é por saúde, até porque eu como muita besteira também, é por respeito aos animais, por ética, e por ver que a minha vida não depende da perda de vida de outros animais, eu não preciso tá matando hoje em dia pra tá sobrevivendo (LEONARDO (06/02/2013)).

Um outro interlocutor me falou que quando se tornou *vegano* não teve nenhum tipo de preocupação nutricional, embora isso tenha surgido aos poucos, principalmente na relação com sua namorada, que além de *vegana* estudava Nutrição. Ele me disse que se não fosse esse contato com sua companheira, pouco teria se interessado pelo tema, seria um “gordo vegan”. Essa expressão me pareceu bastante interessante, e, ao mesmo tempo, posicionada e expressiva. Apesar de poder indicar em um primeiro momento, o termo “gordo vegan” não possui uma relação necessária com obesidade ou peso. Ele é utilizado para se referir, de acordo com um dos interlocutores “a pessoas que são *vegnas* e que exageram numa alimentação junkie food”. Mais do que isso, a expressão “gordo vegan” é uma tentativa de deixar claro que a opção por ser *vegano* não está diretamente relacionada com saúde ou dieta, sendo assim, uma maneira de afirmar e reafirmar os motivos éticos que balizaram suas escolhas.

Contudo, é preciso reconhecer que existem muitas pessoas que aderem à uma dieta vegetariana por motivos de saúde. Perguntei a um dos interlocutores se, do ponto de vista prático, sem o suporte ideológico do veganismo, se essa iniciativa não seria válida, afinal de contas, seria uma pessoa a menos contribuindo com a indústria da carne. Assim ela me respondeu:

assim, no sentido da consequência, eu acho válido, é mais uma pessoa que não tá consumindo, que não tá contribuindo para aquilo. Mais o que eu percebo, é que essas pessoas que pararam por questões de saúde, param temporariamente, comem carnes em ocasiões especiais, come peixe de vez em quando. Quando é por questão de saúde, é muito mais flexível do quando você tem uma causa. Eu me sensibilizei e não acho coerente contribuir para essa situação, aí você não consome nunca (RAQUEL, 16/02/2013).

Mais do que saúde, outras questões aparecem como sendo mais importantes:

Acho que todo vegano tem que ter o abolicionismo animal como um norte. É muito prático quando se pode ir ao supermercado e comprar tudo vegano, de fato. Mas do ponto de vista do objetivo maior que é a abolição animal, faz pouca diferença. Não é uma questão de ter mais opções de mercado, é realmente de colocando de forma mais utópica, é que realmente no mercado não exista nenhuma opção não vegana, é que não exista exploração animal (RAQUEL, 16/02/2013).

Conflitos fora de casa

Se é em casa que as mudanças repercutem primeiramente, é preciso salientar que elas não cessam aí, pois acarretam ainda consequências fora do ambiente doméstico.

Como estudante de Engenharia de Alimentos, Leonardo desejava fazer o curso de graduação em Gastronomia, algo que não foi possível, uma vez que, sendo aluno do curso, ele teria não apenas que cozinhar alimentos de origem animal, mas também prová-los, condição a qual não estava disposto a se submeter.

Luís me disse que na época em que se tornou *vegano* estudava no CEFET⁴¹ e não havia nada no refeitório que ele “pudesse” comer: “não que eu não pudesse comer, mas que eu achasse ético comer”. Por sua vez, Fernando me contou que o processo de se tornar *vegano* foi marcado por grandes dificuldades, principalmente por questões de praticidade: “aí já não foi mais pelo paladar, eu acho que foi pela questão de tipo, eu não posso mais comprar um salgado na rua, um bolo, é difícil por esta questão, você se sente meio no ostracismo”. As queixas de Fernando me fazem lembrar de uma outra situação de pesquisa que tive a

⁴¹ Centro Federal de Educação Tecnológica, atualmente Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.

oportunidade de desenvolver sobre o veganismo no contexto de um grupo de punks/anarquistas:

A falta de possibilidades de alimentos *veganos* em supermercados, eventos ou coisas do gênero, fez com que esses sujeitos construíssem seus próprios espaços e estratégias para se alimentar. De tão cansados de se explicar, e nem sempre serem compreendidos, muitas vezes ao chegarem a um estabelecimento comercial para comer, a título de exemplo, dizia-se simplesmente: “olha, eu tenho alergia a ovo e a lactose, esse produto possui esses ingredientes? Como a maioria das respostas sempre foram positivas, não raro, sempre que se saía de casa carregava-se na mochila alguma comida. Dizer que tem alergia, é também uma forma de sensibilizar aqueles vendedores que, na gana de vender seus produtos, poderiam omitir informações que para esses sujeitos seriam fundamentais (VILELA, 2012, p.12).

De fato, como conhecer a composição dos alimentos é algo crucial para os *veganos*, se não há rótulos nos produtos, qualquer ida a um estabelecimento se fará mediante uma série de perguntas: “como esse feijão foi feito?” “Cozinhou a carne junto?” “Usou caldo de carne ou galinha?” “E o macarrão, foi feito com qual molho?”

Deixar de consumir produtos de origem animal implicou para Débora uma série outra de privações. Ela me explicou que uma das coisas que sentia mais falta, no sentido de deixar de fazer, foi de sair com a família, “sentar numa praça de alimentação e não poder mais tomar sorvete”. Outras mudanças também ocorreram. Em reuniões ou festas familiares, passou a levar sua própria comida para evitar o risco de não ter o que comer. Pelas dificuldades de acesso a comida vegetariana, a maioria dos sujeitos dessa pesquisa, ao se tornarem *veganos*, começaram a procurar lugares determinados para comprar produtos específicos e condizentes com os seus princípios.

Foi justamente esse o caso de Walter. Depois de *vegano*, passou a frequentar lojas e restaurantes que lhe oferecessem mais opções. Mesmo em grandes supermercados da cidade, escolhia fazer compras naqueles que tivessem uma sessão de produtos naturais mais farta. Ao perguntar sobre como ele lidava com o fato de comprar produtos *veganos* ou naturais em lugares que também comercializavam carne, Walter me respondeu:

Então, eu vejo por dois lados essa questão. Quando a gente vai em um restaurante, e consome um produto vegetariano em um restaurante ‘carnista’, por um lado a gente tá dando dinheiro para uma instituição que promove a exploração dos animais. Por outro lado a gente tá estimulando que se criem

mais opções, que irão gerar praticidade, que pra mim é um dos carros chefes. Acho que não podemos caminhar sem o consumo consciente (WALTER, 10/02/2013).

De fato, essa questão possui ao menos dois lados. Os interlocutores *veganos* envolvidos com movimentações punk/anarquistas parecem ter uma opinião se não distinta, ao menos um pouco mais “crítica” ou radical com relação a essas questões. Quando se referiu a alguns *sites* de produtos *veganos*, um desses interlocutores me falou:

eles tem uma visão de uma indústria vegetariana, eles não tem esse interesse com a quebra do capitalismo, com o consumo, com a ideia do faça você mesmo, não é existente pra eles; então o que eles são felizes é poder comprar um hambúrguer de soja, comprar um iogurte de soja, comprar um leite de arroz, essas coisas assim. É você financiar uma empresa capitalista, porém vegana, é a mesma merda! (NATÁLIA, 08/02/2013).

Boicotar produtos que se utilizam do ideal do veganismo para ter lucro (ALEX, 21/02/2013).

Percebe-se que os *veganos* que têm uma trajetória de vida pautada por outras questões, tal como o anarquismo, o feminismo, entre outros movimentos e propostas político-ideológicas, não basta o produto não conter elementos de origem animal para poder ser consumido. Isto fica evidente na situação descrita abaixo, retirada do meu caderno de campo:

Chegamos à praia e logo nos dirigimos ao primeiro guarda sol; um cardápio sob a mesa e uma questão surge de imediato: que cerveja vamos beber? Estava acompanhado de dois *veganos/ queer/anarquistas*, logo, um deles se pronunciou: “nova schin não tomo por causa da propaganda machista do homem invisível, a brahma patrocina rodeios, devassa nem precisa falar... Pode ser a skol? (Caderno de campo, dia 31/08/2012).

No mesmo sentido, vejamos o comentário de uma interlocutora que, além de *vegana*, é também feminista e anarquista, comparando o especismo com outras formas de dominação, como o machismo, o sexismo:

são indústrias que estão ligadas, assim como a indústria de cervejas, não que eu seja contra as pessoas beberem cerveja, até bebo de vez em quando, mas, não dá pra negar que eles usam a imagem de mulheres sensuais para vender seu produto, eu particularmente não gosto, eu acho desagradável às mulheres (NATÁLIA, 08/02/2013).

Podemos dizer que, em alguns casos, não é apenas o veganismo que está em jogo na hora da compra de produtos alimentares e outros mais. É necessário que estes produtos estejam alinhados a outras matrizes ideológicas para, então, se constituir em produto passível de consumo. É também interessante notar que essas concepções influenciam diretamente a própria ideia e também prática que cada pessoa tem sobre veganismo, que não pode ser considerado algo homogêneo e/ou uniforme.

Em outra ocasião, estava em um bar com alguns de meus interlocutores. De fato, muitos *veganos* se recusam a consumir marcas de cervejas como a Brahma ou a Skol porque elas patrocinam rodeios. No bar, todas as mesas eram amarelas, marcadas com o símbolo da Skol, enquanto que a Brahma era a cerveja que estava em promoção no dia. Tomamos Brahma, mas uma questão surgiu na mesa: “não estaríamos sendo contraditórios?”. Seguiu-se um debate em que comentaram que, sempre que havia condições e podiam escolher, optavam por uma cerveja que não tinha a sua marca vinculada a eventos onde se maltratam ou exploram animais, tais como, por exemplo, a Heineken ou a Budweiser. Contudo, uma das pessoas que estava sentada a mesa falou que não “aplicava” – por falta de um termo melhor – rigidamente essas questões no consumo da cerveja. Seguiu explicando que, em outros países, muitas marcas se utilizam de um corante de origem animal para deixar a cerveja um pouco mais escura, enquanto que no Brasil há uma lei que proíbe a utilização desse corante. Por tal ponto de vista, as cervejas brasileiras seriam naturalmente *veganas*, a questão que complicava não seria os ingredientes em si da bebida, mas os tipos de eventos que essas marcas estavam apoiando. Assim, comprar um produto de uma indústria totalmente *vegana* é preferível, embora, em alguns casos, os interlocutores dessa pesquisa não tenham se demonstrado totalmente inflexível com relação a isso.

Certa vez, conversando com um amigo, ele me falou que procurava ter uma alimentação *vegana*, estendendo o veganismo para outros âmbitos de sua vida. Como exemplo, ele me contou que um dia foi comprar protetor solar. O produto da marca que realizava testes em animais tinha um preço muito inferior àquele comparado aquele que não realizava, mas naquela situação ele teve que optar pelo produto mais barato, pois não tinha dinheiro para comprar o produto *vegano*:

Nós, assim, não temos muitas vezes condições de aplicar o veganismo em todas e em cada parte de nossas vidas; nós fazemos o que nós podemos né, e nos esforçamos para mudar a situação, caminhando a abolição mesmo da exploração animal, caminhando ao ideal vegano (LUIS, 08/02/2013).

Isso fica mais evidente quando se trata de situações limite, tal como nos casos de doença em que a pessoa necessita ser tratada com a utilização de remédios, obrigatoriamente testados em animais:

Eu acho que a ética não se mede num estado de necessidade. A ética você consegue medir quando você tem opção de escolha. Mas, acontece muito quando a gente forja esse estado de necessidade. Então se toma o remédio para gripe porque eu comecei a espirrar ontem, entende?. Eu procuro usar muito a alopatia. ...eu quase não uso, mas, se eu me ver na situação, eu duvido muito que eu não vá usar (FERNANDO, 10/02/2013).

Alguns anos atrás, noutro contexto de pesquisa, uma amiga *vegana* me falou que teve que tomar um remédio⁴² porque sentia uma dor insuportável em seu corpo. Tomou um anestésico bastante forte que dispunha em sua casa. “Infelizmente”, disse ela, “não tive outra alternativa”. Esses e outros exemplos nos servem para mostrar que há limites, contradições e conflitos que permeiam o cotidiano desses sujeitos, que fazem do que comumente é tratado como uma simples ida a um bar, algo deveras complexo. Esses conflitos me parecem importantes para ilustrar um pouco da dinâmica e das dificuldades enfrentadas por essas pessoas na tentativa de por em prática e serem coerentes com aquilo que acreditam. Ao dar tais exemplos, não quero mostrar que os interlocutores dessa pesquisa são pessoas contraditórias, não se trata disso. Ao contrário, pareceria muito mais estranho que pessoas vivessem rigidamente seus princípios sem passar por nenhuma falha ou dificuldade. Trata-se de evidenciar que a prática impõe a essas e a outras pessoas situações em que seus princípios têm de ser negociados, na maioria dos casos, pela falta de opção, pelas contingências das situações e momentos.

Durante certa entrevista, tive uma grande surpresa. Uma interlocutora me falou que não achava que o veganismo fosse a maneira mais ética de se alimentar:

⁴² A maioria dos laboratórios farmacêuticos realizam testes em animais. Quando não é a questão dos testes que está em jogo, outro problema aparece: as capsulas dos remédios possuem propriedades de origem animal. Opta-se, quando há opção, por capsulas vegetais.

Também não acho que o vegetarianismo seja a forma mais ética de alimentação. Por exemplo, a gente continua participando de toda estrutura de injustiça né, a gente toma iogurte de soja da batavo, que é uma indústria que vende laticínios, enquanto que tem algumas escolhas que me parecem mais éticas, tipo, o frugivorismo, participa menos de uma situação de exploração... eu acho que tudo é uma procura para se desvencilhar dessa situação dessa exploração (ANTÔNIA, 10/02/2013).

Nessa fala, explicita-se bem a concepção de veganismo que Antônia possui. Para ela, ser *vegana* é uma das formas de causar o menor dano possível, já que “não causar danos”, seria impossível. Isso me fez chegar à uma conclusão preliminar bem importante para o desenvolvimento da pesquisa: uma vez que não é possível ser *vegano* o tempo inteiro, o veganismo, é, antes de tudo um tentar ser, algo que se está o tempo inteiro tentando ser posto em prática.

Rupturas e novas sociabilidades

Durante a realização de uma entrevista, dois interlocutores me falaram sobre algumas das consequências de terem se tornado *veganos*: “inevitavelmente, você passa a ter um círculo de amizade vegetariano. Felizmente, o meu melhor amigo na época, virou vegetariano junto comigo” (LEONARDO, 06/02/2013). “Depois que eu me tornei vegetariana passei a procurar nos lugares onde ia, não só restaurantes, como também, pessoas vegetarianas, identificações vegetarianas em outras cidades” (NATÁLIA, 08/02/2013). Essas falas me parecem ser bastante ilustrativas das dinâmicas identitárias, marcadas, sobretudo, pelos movimentos de distanciamento e aproximação. É justamente isso que parece ocorrer com os sujeitos dessa pesquisa. Tornar-se *vegano* implicou, para a maioria deles, na construção de novos laços de amizade, ao mesmo tempo em que alguns outros foram rompidos ou mesmo atenuados.

Tornar-se *vegano* implicou para Antônia algumas consequências. Em certo nível, significou o rompimento com alguns de seus amigos. Ela me contou que começou a discutir muito com alguns deles e, para evitar maiores consequências, diminuiu a intensidade do contato que tinha com essas pessoas. Passou, então, a frequentar lugares em Natal que encontrasse vegetarianos, tal como o restaurante *A Casa* ou aqueles que tivessem opções em seu cardápio, mesmo não sendo deliberadamente *vegano*, tal como é o caso do *Rachid's*, um restaurante de comida árabe que serve *kebab* de *falafel*. Contou ainda de um bar, o *Jazzy*, que um dos donos era vegetariano e, assim, encontravam-se opções de comida sem carne no local.

Mesmo depois de *vegana*, Antônia permaneceu fazendo a maioria de suas compras em supermercados comuns, embora frequente algumas lojas para comprar coisas mais específicas – como tofu, massa para rolinho primavera, cogumelos e molhos variados, tal como a loja Kouzine, um pequeno estabelecimento na rua São José que comercializa produtos naturais.

Algo parecido ocorreu também com Luiza. Oriunda de outra cidade, passou a construir em Natal o seu círculo de amizades predominantemente com pessoas *vegas*. Ela me explicou os motivos que a incomodaram em suas experiências anteriores:

Ter que ficar calada quando as pessoas estão comendo carne na sua frente, comendo queijo na sua frente, você tem que ficar calada, ter que reprimir aquele incomodo que é muito grande, principalmente com pessoas que você gosta, que você quer ter abertura para falar sobre qualquer coisas né, e você fica engolindo seco, dando sorrisos falsos (LUIZA, 06/02/2013).

Correntemente, ela disse preferir frequentar lugares que são ou que possuem opções *vegas*. Em Natal, falou que também frequentava, tal como Antônia, principalmente o restaurante *A Casa* e o bar *Jazzy*.

Walter também me falou algo a esse respeito. Contou que passou e ainda passa por algumas situações ocasionais, tais como confraternizações de trabalho, em que procurava participar sem grandes restrições. Para ele, deixar de ir, é criar um pouco a imagem do *vegano* como uma pessoa “esquisita”, “isolada” e antissocial. Contudo, me confessou que se sentiu incomodado, certa vez, quando uma dessas confraternizações terminou em uma churrascaria:

Pra churrascaria eu fui uma vez, e ai depois as outras eu não aceitei mais ir. Nessa ocasião eu não me senti bem com a experiência, de ter pagado lá... Mas é muito simbólico, na realidade não tem diferença entre uma churrascaria e um restaurante que é ‘carnista’ assim, os dois fazem exploração animal, mas é mais simbólico, e quanto aquilo na verdade trouxe de incomodo para mim... aquele desfile de carne (FERNANDO, 10/02/2013).

Joana falou que nunca enfrentou esse tipo de situação, mas sabe que pode a qualquer momento ser convidada, a título de exemplo, para uma festa de aniversário. Perguntei como reagiria e disse que recusaria, se não fosse uma pessoa muito especial. Com relação ao ciclo de amigos, ela me disse que acabou mudando um pouco. Se alguém lhe convida para comer, as possibilidades são mais restritas. Assim, quando passou a conviver com pessoas

predominantemente vegetarianas, ela também passou a frequentar lugares específicos. Novamente, indicou o restaurante *A Casa* como um lugar que ia com mais frequência. Passou também a consumir e a comprar produtos específicos, tal como o hambúrguer e o creme de soja do supermercado *Nordestão*; o shampoo e o condicionador de marca *Phitoervas*; o sabonete *Granado*; o creme dental *Contente*. Falou, porém, da dificuldade que tinha em encontrar cosméticos de empresa que não fizesse testes em animais. Antes, ela usava muitos produtos da marca *AVON*, mas deixou de usá-los quando soube que a empresa testava os seus produtos em animais.

Estar em grupo é também ter as suas práticas e seu pensamento reconhecido, não ter que ficar respondendo a perguntas o tempo inteiro ou mesmo sendo tratado com exotismo. Mariana se sentia bastante incomodada com isso e chegou a contar de algumas situações vividas por ela na companhia de amigos e familiares:

Saímos pra jantar e pedimos um risoto, um restaurante normal, pedimos para tirar os ingredientes de origem animal, tava todo mundo comendo lá, até que uma amiga da minha irmão falou, ‘ah, se tivesse uma carninha ai ia ficar melhor né?’, eu disse, não, tá bom o prato, quer experimentar? ‘não, obrigado, não me apetece’. Como se fosse uma coisa exótica, fora do comum, era um risoto do restaurante que eles tavam comendo! (MARIANA, 10/02/2013).

Referindo-se à outra situação:

Tava com meu cunhado, e daí eu tinha levado pra casa dele uma glutadela, um tipo embutido de glúten E daí ele disse ‘ai não vale, vocês querem comer as mesmas coisas que a gente?’. A questão não é que você queira se desvencilhar de sua estrutura cultural alimentar; macarronada, é uma estrutura cultural, a gente aprendeu isso. A gente quer se separar da exploração animal. Ele colocou isso, como se fosse uma punição, quer ser vegetariano, se puna! (MARIANA, 10/02/2013).

De modo diferente, Raquel também estava passando por uma experiência que lhe era nova. Estava namorando um rapaz que não era *vegano*, “sequer, vegetariano”, segundo suas palavras. Contou um pouco de sua relação com o rapaz:

Isso as vezes a incomodava, mas, encarava isso como uma opção dele, e, assim, o respeitava. Ele era a primeira pessoa não vegetariana com quem me relacionei desde que me tornei vegetariana. Eu achei que ia ser mais difícil,

pra ser sincera, mas ele me respeita muito, e tem momentos que ele mesmo não come carne e se alimenta como eu, quando eu cozinho ele come a minha comida, na casa da mãe dele, ela sempre faz soja pra mim, feijão sem carne, e ele come dessa comida comigo. ”[...] não dá pra chegar e dizer vire vegetariano e ele virar vegetariano por minha causa e quando terminar o namoro ele deixar de ser vegetariano, do que adianta? Eu prefiro que ele esteja comigo, entenda o que eu penso, e quem sabe um dia ele se tornar vegetariano por conta própria (RAQUEL, 08/02/2013).

Se Raquel se permite viver um relacionamento com uma pessoa que não é *vegana*, isto aparece como uma possibilidade impossível para outras pessoas. Conversava informalmente com um dos interlocutores dessa pesquisa e ele me falou que já havia tentado sem sucesso se relacionar com pessoas que não fossem *veganas*: “se for vegetariano, ainda dá pra conversar, mas se nem isso for, não dá, com o tempo, os conflitos só aumentam” (LUCAS, 23/05/2012).

Segue abaixo um trecho retirado do meu caderno de campo quando esse tipo de questão surgiu no meio da noite:

A rua estava cheia, os bares movimentados. Uma das pessoas com quem estava falou: “ei, é muito difícil pro *vegano* sair pra paquerar né?”, alguém o olhou e disse, “por que?”, rapidamente ele respondeu, “imagina, você olha uma menina bem bonita passando e depois vê ela comendo um pedaço de queijo de tira gosto, acabou o encanto, é broxante”. “E você nunca ficou com ninguém que não fosse *vegano*?”, perguntou outra pessoa. Ele, respondeu: “depois que me tornei *vegano*, não” (Caderno de campo, dia 28/08/2013).

Ao longo desse capítulo tentei demonstrar algumas das principais questões que atravessam o processo do tornar-se *vegano*. Contudo, na trajetória desses sujeitos tal como me foi apresentado ao longo da pesquisa, chegou um dado momento que “apenas” demonstrar suas ideias e inquietudes com a exploração animal por meio das escolhas de consumo não era mais suficiente. “Era preciso fazer mais”. A maneira que alguns dos sujeitos dessa pesquisa encontraram para fazer esse “algo mais” foi justamente ir para as ruas, para as universidades, fazer eventos, organizar manifestações, dentre outras atividades relacionadas à ideia de ativismo. Como ouvir certa vez de uma liderança em um dado momento dessa pesquisa, “não basta não fazer parte do problema, é preciso também fazer parte da solução”. É justamente sobre esse tema, o ativismo *vegano*, que trabalharei no próximo capítulo.

CAPÍTULO III – TORNANDO-SE E DEFININDO-SE COMO ATIVISTA VEGANO: TRAJETÓRIAS E PROCESSOS

Nesse capítulo, irei proceder de maneira análoga ao anterior, tomando por consideração as trajetórias dos sujeitos para, em seguida, refletir sobre questões maiores que ultrapassam os próprios limites das trajetórias individuais e também dos grupos, tentando perceber como diferentes biografias se cruzam em torno de *projetos*, aqui compreendidos como conjunto de ideias e condutas que possuem um objetivo predeterminado (VELHO, 2013).

O tema principal aqui abordado será o “ativismo”. Um número significativo de sujeitos dessa pesquisa se auto intitula *ativistas* pelos direitos animais. Começarei narrando como esse fenômeno – o ativismo – surgiu na vida de alguns deles, chegando a se tornar na maioria dos casos algo central para as suas vidas. Mais do que isso, caberá aqui também discorrer sobre o que essas pessoas entendem por ativismo, como o exercem, qual a repercussão dessa postura nas suas vidas, o que esperam alcançar com isso.

Luis se auto denomina *ativista* pela defesa dos direitos animais. Não lembra exatamente quando tudo começou, mas contou, sem muita precisão, que acreditava ter sido meses depois de ter se tornado *vegano*:

Eu percebi mesmo que apenas a não compactuação com a exploração animal, não iria mudar a situação vigente, então, do que adiantaria eu boicotar isso tudo, se eu não expressasse minhas opiniões, se eu não fosse um anti-especista (LUIS, 08/02/2013).

Os motivos que o fez se tornar *ativista*, se assemelham àqueles apresentados por outras pessoas. Tanto para Mariana quanto para Walter, o processo de tornar-se *ativista* se iniciou quando participaram do ENDA – Encontro Nacional pelos Direitos Animais – realizado na cidade de Porangaba (São Paulo), no ano de 2010. Nessa época, ela era estudante da graduação em Ciências Sociais da UFRN, e havia feito o seu trabalho de conclusão de curso sobre direitos animais. Uma das pessoas que ela havia entrevistado para a sua pesquisa a convidou para apresentar os resultados do seu trabalho em tal evento. Walter a acompanhou. Foi nesse encontro, a partir dos contatos e da convivência com um número significativo de

pessoas das mais variadas partes do Brasil, que ela “percebeu”, “que deu o estalo que a gente devia ser ativista, e a questão de ser *vegana* na nossa sociedade não era suficiente, a questão de escolha de consumo não era suficiente”.

Tornar-se ativista repercutiu na vida de Mariana de uma maneira crucial, influenciando-a diretamente na decisão de fazer um segundo curso de graduação na UFRN, desta vez, em Nutrição:

Eu acho que uniu duas coisas, primeiro quando eu comecei a ler sobre o assunto, eu vi essa perspectiva, essas possibilidade de ter isso como uma atividade profissional, e depois, a nutrição aqui no Brasil é uma forma de ativismo também né, porque a gente acaba dando suporte para as pessoas que têm interesse em se tornarem vegetarianas, veganas, não é uma informação tão disseminada, existem vários mitos (MARIANA, 10/02/2013).

Para Luiza, ter assistido a famosa palestra do ativista Gary Yourofsky foi o impulso final para que ela viesse a se tornar não apenas *vegana*, mas também ativista. Decidiu que “não podia ficar parada, tinha que fazer algo, contribuir para mudar aquela situação” – se referindo à condição a qual os animais são submetidos.

É interessante notar, que esse sentimento ou vontade de fazer algo, nem sempre é acompanhado de muita precisão ou discernimento. A certeza presente é apenas a de que algo precisa ser feito, o que indica que o processo de se tornar ativista, é, antes de tudo, um aprender a ser:

Eu não sabia direito o que fazer, assim, não sabia o que eles queriam, não sabia se eles eram especialistas em alguma coisa, eu achava que eu não tinha nada para oferecer, foi meio foda, sou muito tímida; e aí eu fiquei lá, quando eles falavam que precisavam fazer alguma coisa, eu dizia, eu faço, eu faço (LUIZA, 06/02/2013).

Certamente, um aprender a ser, mas para alguns desses sujeitos o que é ser ativista?

ativista pra mim, é qualquer pessoa que está ativa, pra o que ela pensa, ela acredita, e a missão dela, é procurar **divulgar, passar pras outras pessoas** aquilo que ela acredita. Se aquilo é importante, **eu tenho obrigação** de tá passando aquilo pra outras pessoas (LEONARDO, 06/02/2013).

Ativismo pra mim tá nesse sentido. Movimentação, construir eventos, propor discussões (ALEX, 21/02/2013).

E o ativismo é isso. Eu acredito, tenho pra mim que o vegetarianismo, o veganismo é uma ferramenta importante na nossa vida, e eu gostaria de passar isso para o máximo de pessoas possíveis (FERNANDO, 10/02/2013).

Nesse processo de “aprender a ser ativista”, o grupo de pessoas mais experientes com a “causa”, possui, mais uma vez, importância fundamental. Isto é evidente tanto nas trajetórias anteriores quanto nas que serão apresentadas adiante.

Foi a partir do contato com os integrantes do VEDDAS, que Renato começou a fazer parte do grupo e participar das reuniões e das atividades que em sua opinião lhes eram possíveis participar. Contou que se considerava um ativista e procurava exercer seu ativismo sempre que podia. Também falou que gostaria de fazer mais coisas pela “causa”, e justificou, dizendo que não o faz por ser uma pessoa bastante atarefada e também dedicada ao seu curso de graduação. No momento, tem exercido seu ativismo mais virtualmente:

Eu entrei no VEDDAS logo quando o pessoal teve a ideia de formar a ONG aqui em Natal, e participei o quanto me era possível, no sentido de que eu nunca foi muito bom na teoria, nunca pesquisei muito sobre; eu vi que era algo que eu me identificava e acabei participando mesmo não me informando muito sobre aquilo. E o VEDDAS para alguns tipos de atividades precisa de um nível maior de informações, as quais até hoje algumas eu não a tenho, então eu acabo participando das ações mais práticas. Eu tô procurando agora uma educação maior sobre o assunto, para ficar responsável por uma atividade de **conscientização** com as pessoas numa banca na rua (RENATO, 22/02/2013).

Apesar de se considerar ativista, Renato reconhece que ele próprio possui o que chamou de “algumas limitações”. Essa postura de autocrítica pode ser também notada, nas falas de outros interlocutores. Vejamos alguns exemplos.

Joana me falou que era uma ativista, embora também tenha dito que não se considerava uma “ativista completa”, por achar que precisava melhorar principalmente na maneira como abordava as pessoas.

Já Leonardo, apesar de participar de várias ações do VEDDAS/RN, ainda não se achava merecedor de ser chamado de ativista. Me disse que a ideia que ele tinha de ativismo exige uma entrega muito maior que aquela que ele dispendia no momento. Ainda assim, reconhece que “faz alguma coisa”. Por seu lado, Antônia também tem seus questionamentos internos, mas se reconhece e se afirma como ativista publicamente:

Eu sou muito crítica comigo, e... as vezes eu acho que eu falho como ativista, eu acho que eu deveria me dedicar mais, porque a questão da dedicação mesmo, eu acho que o ativista, eu acho que ele não mede esforços para defender a causa em que ele atua, mas como papel político, a gente não pode se desvencilhar desse papel de ativista né, agente tem uma obrigação política de se colocar como ativista (ANTÔNIA, 10/02/2013).

Essa autocritica presente nas falas de algumas pessoas revela a valorização de um modelo quase idealizado do que é ser “ativista”, entendido como alguém que se dedica inteiramente a “causa”, mergulha de “corpo inteiro”, muitas vezes sacrificando parte de sua vida pessoal ou profissional pelo seu ideal. Essa ideia de sacrifício, de alguém que está abrindo mão de uma série de coisas para por em prática aquilo em que se acredita, também parece ser uma constante, ou, no mínimo, algo bastante valorizado entre os sujeitos aqui investigados. Parece que quanto mais entrega, quanto mais se abre mão de coisas pela “causa”, mais respeito há por essas pessoas. Algumas vezes ouvir relatos dos interlocutores dessa pesquisa, ora falando de si, ora falando de outros ativistas, que haviam perdido disciplinas na Universidade, emprego, família ou relacionamentos para se dedicar ao ativismo:

Acho que é você se esforçar para sair da sua zona de conforto pra tentar fazer alguma coisa de fato. Poderia simplesmente virar vegana, acabar com aqueles incomodo que eu tinha com a exploração animal e ficar na minha, achar que eu já tinha feito o suficiente. Quando você é ativista você se esforça, você tem que dispendir seu tempo e sua energia, escolher o caminho mais difícil (LUIZA, 06/02/2013).

Numa outra fala a mesma interlocutora segue apontando algumas dificuldades ou consequências para aqueles que enveredam no caminho do ativismo. Contudo, finda reafirmando, que apesar de algumas consequências, é algo que vale a pena:

Desgaste; perder muito tempo que poderia tá estudando; procurando emprego; é melhor perder esse tempo do que ficar parado e se deparando com o tempo inteiro com o se acha errado (LUIZA, 06/02/2012).

Apesar deste trabalho dar mais ênfase a um grupo específico, o VEDDAS, é preciso salientar que também existem pessoas que se auto intitulam “ativistas” e desenvolvem atividades, sem que estejam ligados diretamente a um ou outro grupo. Foi exatamente isso

que me disse uma interlocutora. Perguntei se ela se considerava ativista. Ele respondeu que sim, embora não participasse de nenhum grupo específico. Continuou falando que respeitava essas pessoas, mas não participava. Simplesmente, disse que fazia “ativismo em seu cotidiano”, pelas suas escolhas diárias:

todos os dias optar em alimentos que não colaboram com as coisas a qual eu não acho legal. Pra mim, isso é um ativismo, e, até, um dos ativismos mais válidos, como o boicote de produtos..., é um ativismo silencioso, mas eu acho que é muito válido e as vezes mais eficaz. ...acho que eu intervenho as vezes muito mais nessas minhas escolhas do dia a dia, do que saindo na rua, apontando o dedo na cara, dizendo que você é uma exploradora de animais... (NATÁLIA, 08/02/2013).

Uma outra interlocutora, explicou:

Meu ativismo é mais individual, no sentido do boicote, fazer o possível de boicotar qualquer produto que seja testado em animal, qualquer produto que contenha algo de origem animal, de realmente, qualquer lugar que eu como, perguntar, ‘olha, isso tem leite, ovos, manteiga, margarina?’ (JOANA, 16/02/2013).

Na primeira fala, uma das coisas que me chama atenção, é o fato dessa interlocutora demonstrar certo incomodo com a maneira tal qual algumas pessoas divulgam os direitos animais, segundo ela, “apontando o dedo na cara, dizendo que você é um explorador de animais” . Depois, tanto na primeira quanto na segunda fala, aparece algo bastante sintomático das novas maneiras de participar, agir e intervir politicamente na sociedade contemporânea:

Interessa destacar que o enfoque do consumo político não aborda apenas consumidores engajados em movimentos sociais institucionalizados, mas enfatiza também, e principalmente, aqueles atores sociais ‘não organizados’ e difusamente politizados que se situam entre o anonimato e a vontade de exercer um papel político, entre as preocupações cotidianas da esfera privada e a vontade de participar de uma esfera publica mais ampla (PORTILHO, p. 102, 2011).

Um outro interlocutor utilizou um termo interessante para definir o tipo de ativismo que exercia:

Não sou muito de ir pra rua, meu ativismo é mais gastronômico. Eu prefiro convencer as pessoas com a minha comida. Aqui mesmo no meu restaurante

várias pessoas vêm e acabam virando vegetariana porque veem que é possível comer bem e sem bichinhos (ALFREDO, 21/03/2013).

Nas falas citadas podemos perceber que os caminhos para o exercício do ativismo, podem ser bastante diferenciados uns em relação aos outros. Enquanto uns escolhem ir para as ruas e demais espaços públicos, outros privilegiam o “ativismo silencioso”.

O termo “ativismo gastronômico” me aparece como sendo bastante interessante na medida em que confere a cozinha e a alimentação um papel que vai muito além daquele de suprir uma necessidade básica dos seres humanos. Este termo confere à cozinha e a alimentação um papel político, na medida em que a comida passa a ser portadora de uma mensagem, de um conjunto de ideias que busca ressaltar que é possível se alimentar bem, de forma saudável e saborosa, sem a necessidade de que outros animais sejam mortos. Isto fica bastante evidente na fala abaixo:

[...] a gente tenta **acordar** as pessoas de várias formas: educando, chocando, e num sei, fazendo festas, como no dia mundial vegano, não tinha nada ‘ah, vamos **veganizar** as pessoas’, aquela preocupação, era mais a questão de alimentação mesmo, as pessoas vão mais pela comida mesmo, se a pessoa experimenta uma comida gostosa daí já pensa, ‘ah é possível ser vegano’ e hoje em dia já possível imitar um monte de coisa, até camarão... empada de falso camarão (PEDRO, 23/12/2012).

Uma série de fatores que envolvem risco alimentar⁴³, práticas de consumo consciente, conhecimento científico sobre a nutrição, bem como outros mais desencadeados principalmente na década de 1990, acabaram por contribuir para que a alimentação fosse pensada enquanto um campo de ação política, tanto em suas formas de produção e distribuição, quanto de aquisição e consumo (PORTILHO, 2011, p.100). Fátima Portilho tem chamado bastante atenção para essas questões:

A nova abordagem da alimentação como campo político pode ser compreendida dentro de quadros mais amplos de análise dos processos de ambientalização e politização da vida privada e cotidiana, traduzidos, em especial, na percepção e no uso do consumo como prática política, o que tem sido chamado de consumo político (PORTILHO, 2011, p.101).

⁴³ Doenças como a *vaca loca*, febre aftosa, gripe aviária.

De acordo com Nunes (2010), o consumo político pode ser definido como o conjunto de ações de indivíduos ou grupos que fazem escolhas com o intuito de tentar alterar objetivamente as práticas de mercado: “Suas escolhas são baseadas em atitudes e valores que levam em conta a justiça, a ética ou outras razões não econômicas.” (NUNES, 2010, p.16).

Práticas de consumo e hábitos alimentares como os que estão implicados no *veganismo*, indicam que pessoas e grupos se utilizam de determinados “filtros” para consumirem ou deixarem de consumir, filtros esses que passam por questões éticas, políticas, ideológicas, ambientais. De acordo com Portilho (2011), tal atitude desencadeia mudanças na própria maneira como o consumo vem sendo abordado nas Ciências Sociais, deixando assim os consumidores de serem “vítimas”, “escravos” ou meras “marionetes” de uma “sociedade de consumo” para passarem a ter um papel mais ativo e decisivo:

Com isso, o consumo deixa de ser apenas uma forma de reprodução das estruturas sociais reinantes para se tornar também, e cada vez mais, um instrumento e uma estratégia de ação política que incorpora valores como solidariedade e responsabilidade socioambiental (PORTILHO, 2011, p. 101).

Longe de ser um ato inocente, o processo de escolha dos bens/mercadorias é capaz de expressar “as relações sociais e os valores que mais lhes importam, fazendo com que o ato da compra se transforme num meio de conferir objetividade a certos valores” (PORTILHO, 2009, p. 210). Trata-se de uma maneira de reapropriação do universo dos objetos materiais, desta vez, de acordo com as nossas maneiras:

Como bem assinala McCracken (1990) ‘a cultura material faz a cultura material’, ou seja, materializa sistemas de classificação e princípios culturais dentro de certos limites sociais, históricos e geográficos. Estes ganham tangibilidade através de comportamentos, objetos, bens e serviços. Por meio dela estabelecem-se fronteiras entre grupos e indivíduos. Nas comunidades, estabelecem-se diferenças e reforçam-se semelhanças entre grupos e indivíduos. Nas comunidades, estabelecem-se diferenças e reforçam-se as semelhanças, a partir das quais são delineados os limites das relações sociais. A cultura material ‘comunica’, ou seja, funciona como uma espécie de código, no sentido de fornecer informações acerca das pessoas e do mundo que as cerca, materializando as categorias da cultura (BARBOSA, 2006, p.7).

A noção de *agência* na perspectiva de Sherry Ortner me parecer ser um bom caminho para compreender determinados tipos de ações marcadas pelo forte teor de intencionalidade,

diferindo assim das práticas de rotina (ORTNER, 2006). Para Ortner, é possível pensar a vida social como sendo tecida, ou mesmo, “jogada” de maneira mais ativa, na medida em que o que está sempre em “jogo” são as construções de metas e *projetos* tal como o ativismo pelos direitos animais. Ortner aponta dois eixos mediante o qual se desenvolveram os debates em torno da agência. Numa percepção *soft*, a intenção não é considerada como elemento central. Tal intencionalidade seria uma característica “rotineira da conduta humana e não implica que os atores tenham metas conscientemente mantidas no foco da atenção enquanto desenvolvem suas atividades.” (p.53). Numa percepção *hard*, é a intencionalidade que aparece como sendo mais central. Na verdade, é o próprio caráter de intenção quando contido nas ações traçadas pelos atores, o elemento que diferencia a “agência” das práticas de rotina. É justamente para esse último caminho que se dirige a perspectiva de Ortner em relação a agência.

Conscientização, sensibilização e autoatribuição de responsabilidade: elementos chave no discurso dos defensores dos direitos animais

Tal como tentei evidenciar acima, a concepção de ativismo apresentada pelos sujeitos dessa pesquisa está associada ao modo de por em prática e também difundir as ideias em que acreditam. Esse processo parece dar-se da seguinte forma: primeiro, os interlocutores demonstram incomodo com relação a “exploração animal” e tornam-se OLV e posteriormente *veganos*, boicotando todo tipo de produtos de origem animal. Depois, a ideia de que agir politicamente a partir das escolhas de consumo, apesar de importante, não é suficiente para confortar esse tal incômodo. Cientes de que estão corretos com relação ao que defendem, e, de alguma maneira portam a “verdade”, torna-se necessário intervir de maneira mais incisiva transmitindo suas concepções para as demais pessoas, em uma tentativa de gerar reflexão e mudança de ideias e hábitos com relação aos animais.

Quando perguntei a uma das interlocutoras o que pretendia alcançar exercendo o seu ativismo, obtive a seguinte resposta:

Eu busco mudança de consciência das pessoas, por isso que eu falo sempre de ética; eu acho que se todas as pessoas tiverem realmente uma noção de ética, um comportamento ético, eu acho que o mundo podia ser diferente, é uma noção mais ampla do que tentar socorrer animais (LUIZA, 06/02/2013).

Além de uma crítica direcionada aos chamados “bemestaritas”, no trecho acima aparece uma palavra chave no discurso do ativismo *vegano*: **conscientização**. Mas o que isto significa?

No Dicionário Aurélio o verbete conscientização é definido como “Dar consciência de”. Logo, o termo “consciência”, é definido pelo mesmo dicionário como “s.f. Conhecimento, noção do que se passa em nós: ter consciência de seus deveres. / Percepção mais ou menos clara dos fenômenos que nos informam a respeito da nossa própria existência: perder a consciência. / Sentimento do dever, moralidade: um homem sem consciência”.

A primeira definição é aquela que mais parece se alinhar à maneira como utilizada pelos sujeitos aqui em questão, embora as demais também sejam significativas. O emprego do termo conscientização carrega consigo um pressuposto básico: as demais pessoas não estão cientes de algo. Neste sentido, tornar consciente, é, então, evidenciar algo, torná-lo conhecido, exposto, nítido, fazer-se sabido.

A ideia de “ter consciência”, principalmente quando compreendida no contexto dos sujeitos aqui em questão, parece estar acompanhada a outra característica importante, também presente na definição do Aurélio: ela remete a um dever moral, uma quase obrigação carregada pelos “sujeitos conscientes” de levar para as demais pessoas esse saber. Isto ficou evidente no trecho: “se aquilo é importante, eu tenho obrigação de tá passando aquilo pra outras pessoas” (Ricardo, 06/02/2013). A título de exemplo, vejamos também uma chamada do grupo VEDDAS/PE para uma atividade, divulgada numa rede social:

Vamos realizar uma **ação de conscientização** (VEDDAS Carte) sexta-feira.
Local: em frente a Riachuelo do Shopping Boa Vista
Horário: das 16h30 às 19h30 Data: 05/07/2013 (sexta-feira). Esperamos todos lá para plantar sementes!!!

No caso dos sujeitos aqui em questão, aquilo que tem que ser passado para as outras pessoas diz respeito aos direitos animais. O “plantar sementes”, remete a ideia de fazer brotar, desabrochar, “despertar” outras pessoas para que estas possam se tornar *veganos* e quem sabe, também disseminar o veganismo “plantando outras sementes”. Destaco aqui um ponto crucial. A retórica dos ativistas parece partir do pressuposto de que as pessoas, de uma maneira geral, desconhecem o processo necessário para que a “carne” chegue até os nossos pratos. Tal como afirma Sordi:

Evocando uma das mais antigas figuras teóricas de Marx, seria como se a mercadoria carne (ou casaco de pele ou remédio) aparecesse ao consumidor como pura apresentação, ocultando atrás de si todo o processo produtivo que o conduziu até lá. O *filet mignon* que aparece no supermercado esconde o abatedouro, o confinamento, a reprodução *in vitro*, a engorda forçada. O cosmético que aparece na farmácia oculta o coelho do laboratório em que ele foi testado. Grande parte do trabalho retórico do abolicionismo consiste em lembrar – ou tornar manifesto – este processo; recordar o que existe entre o bife e a vaca (SORDI, 2010; p 19).

Numa pergunta: será mesmo que as pessoas desconhecem esse processo? Quanto a isso os interlocutores dessa pesquisa se dividem em suas opiniões:

Conhecer o pessoal do VEDDAS e manter um envolvimento, era uma possibilidade de explorar, fazer com que outras pessoas despertassem, muitas pessoas não são veganas, porque realmente não sabem o que acontece (DÉBORA, 16/02/2013).

Empresas brasileiras que mostram o franguinho sorridente, enquanto animais estão sendo mortos, muitas vezes de maneira brutal, simplesmente por uma questão de paladar e também de *status*. Existe mesmo essa manipulação, mas, independentemente dela, existe também uma grande ignorância das pessoas (LUIS, 08/02/2013).

Acho que todo mundo sabe em algum nível que é um bicho morto. No começo era difícil pra mim, porque, eu sempre tive essa noção de que era errado, mas, como eu era uma pessoa muito insegura, pessoalmente não conseguia tomar essa decisão de parar de comer carne, então foi difícil para mim me deparar com pessoas que realmente não achavam errado, cê tá comendo um bicho morto, como assim você não acha errado tá comendo um bicho morto? É óbvio que isso é errado. Mas com o passar do tempo você vai percebendo que as pessoas realmente naturalizaram aquilo, acreditam que é certo, que é normal, e por mais que elas saibam em algum nível como é, é diferente você ver um vídeo; cada pessoa se toca com uma coisa diferente, de repente você ver os olhos dos animais, porque que ela tá com o desespero ali... (LUIZA, 06/02/2013).

A maior prova que a grande maioria das pessoas, pelo menos aquelas que estão na universidade, tem conhecimento do sofrimento que se passa, quando você diz que é vegetariano, elas tentam se explicar o porquê não são. ‘ah, é muito difícil, eu não consigo’. Difícil é ser vegan em Mossoró, aqui é fácil. Ser vegan na Europa é muito simples, tem lugares que são mais fáceis, mas, você pode ser vegan onde quiser.” Falou que viajava muito pelo litoral do RN, e sempre dava um jeito; negociava preços mais baratos sem a carne; sempre tem um feijão sem carne... (NATÁLIA, 08/02/2013).

Para aqueles que acham que as pessoas desconhecem o processo que existe entre o bife e a vaca, fica mais fácil compreender a missão dos ativistas: estes mostrariam a “verdade” para as pessoas, que, uma vez cientes da realidade, poderiam deixar de comer carne e utilizar produtos de origem animal. Mas, se mesmo ciente do processo que ocorreu para que aquele “bife” chegasse até ao prato, por que, ainda assim as pessoas permanecem a comer carne? Se informação não é o suficiente, o que falta então?

Um dos interlocutores me respondeu que o desconhecimento é apenas uma parte do processo e que outros fatores também estão associados. Ouvi de várias pessoas que se tratava de uma questão “cultural”: “é difícil, infelizmente faz parte da nossa cultura comer alguns animais, daí a gente naturaliza isso, e não percebe a crueldade desse processo”. (LUIZA, 06/02/2013). Outro interlocutor me explicou, que na verdade, “o que existe mesmo é muito **comodismo** por parte das pessoas”.

Além do “comodismo”, ele se referiu ao que chamou de “egoísmo”, se utilizando do seu próprio exemplo pra explicar sua afirmação:

Egoísta porque eu tinha consciência do que eu estava provocando e ainda assim eu privilegiava os meus prazeres na alimentação, acima dos direitos daqueles animais que eu sabia que tava provocando... eu recebi a informação, vi que eu estava enganado, que o veganismo era o mais correto, e ainda assim, mesmo com a informação, eu passei um tempo, sabendo da realidade e consumindo (FERNANDO, 10/02/2013).

Na fala de outro interlocutor, pode ser percebido algo bastante semelhante:

Mesmo sabendo do que acontece com os animais, alguns, a maioria, continuam acostumados com aquilo. Se chocam na hora, mas, quando chegam em casa, acabam **saciando o paladar** já que não têm outra opção (RENATO, 22/02/2013).

Em um sistema que possui a carne como elemento central, uma alimentação vegetariana implica, de alguma maneira, em um processo que envolve rupturas e auto desconstrução de hábitos internalizados (FERRIGNO, 2011):

Se você não nasceu numa família vegetariana, o caminho normal da pessoa é o onivorismo. O vegetarianismo, precisa passar por um processo de questionamento. Vai ter que questionar o sistema, entendeu? As ideias de

que a carne é necessário, é natural, são ideias que contribuem para que as pessoas não se questionem (FERNANDO, 10/02/2013).

O ato de não comer carne não é apenas uma dieta, é um pensamento, um posicionamento, e porque elas estão tão incrustada naquele pensamento de sociedade que é certo comer carne, que obrigatório, que elas não aceitam alguém saindo um pouco da linha de pensamento, fugindo da norma (LUIZA, 06/02/2013).

Além da “cultura”, do “egoísmo” e do “comodismo”, no entendimento de alguns dos sujeitos dessa pesquisa, outro fator aparece como sendo central para a permanência do hábito de comer carne. Joana falou a respeito disso utilizando um termo que me parece crucial no desenrolar dessa pesquisa. Diz ela: “Para mim, a palavra chave é a **sensibilidade**, muitas pessoas sabem do que acontece com os animais nos matadouros, mas, ainda assim isso não é suficiente pra que elas se sensibilizem” (JOANA, 16/02/2013).

Sensibilidade é mesmo uma palavra chave no discurso *vegano*. Talvez, seja por esse entendimento demonstrado acima, que para convencer outras pessoas a pararem de comer carne e utilizar produtos de origem animal, os *veganos* buscam, com alguma frequência, “sensibilizar” as pessoas. Boa parte do aparato de mobilização que envolve produção de materiais, panfletos ou vídeos, trazem à tona a retórica da sensibilização. Alguns vídeos se destacam nesse processo como a produção do Instituto Nina Rosa *A carne é fraca* (2005), e também documentário mundialmente conhecido *Earthlings* (2005) apenas para citar alguns. Como demonstrei no primeiro capítulo, esses e outros vídeos foram para muitos dos interlocutores dessa pesquisa decisivos no processo de se tornarem *veganos*: “eu assisti Terráqueos, e realmente assim, me mudou totalmente, eu não conseguia olhar para carne do jeito que eu olhava antes, eu comecei a ter repúdio, e fui diminuindo a cada dia” (PEDRO, 23/12/2012).

No caso do grupo VEDDAS-RN, essa retórica da sensibilização aparece estampada também nos banners personalizados que carregavam para as atividades que desenvolviam, fossem em palestras, exibição de vídeos ou manifestações, tal como veremos mais adiante quando for descrever esses atos.

O ativismo também se realiza mediante a elaboração de certas estratégias. Alguns grupos de defensores dos direitos animais realizam com alguma frequência as chamadas “oficinas de ativismo”. Nesses cursos, basicamente se ensina como agir em determinadas situações, o que e como responder, quais as principais polêmicas em torno do tema. Trata-se

de uma capacitação para que o “ativista” esteja sempre pronto a responder, auxiliar e saber como proceder nos mais variados contextos e situações. Estar bem preparado é algo considerado muito importante, pois, para convencer outras pessoas a entrarem nesse *projeto*, ter bons argumentos e transmitir segurança, é algo imprescindível.

Ricardo me disse que desde que se tornou vegetariano o ativismo sempre esteve presente na sua vida. Falou que depois dos piqueniques que costumava ir, saía com seus amigos para distribuir panfletos, colar cartazes na rua. Entre as estratégias mencionadas, estava o de “associar os animais a amor”, e também modificar placas de trânsito como a placa de PARE, adicionando as palavras “de comer animais”, deixando a mensagem completa: “PARE de comer animais”.



Imagem 3 - Pare: de comer animais

Outro interlocutor me falou que uma das estratégias que mais utilizava para exercer seu ativismo era fazer surgir oportunidades de dialogar sobre direitos animais, seja em conversas pessoais ou em espaços públicos como em sala de aula, a título de exemplo.

Para Antônia, era importante distribuir alimentos *veganos* em manifestações e demais ocasiões, por entender que existem muitos estigmas com relação a esse tipo de alimentação:

Uma das coisas interessantes que a gente fez o ano passado e agora, o dia mundial vegano que a gente fez a festa, e agora com o VEGANONOVO, é interessante porque as pessoas participam em massa, e elas vêem, exatamente isso, que a gente é um grupo de pessoas normais, que a gente dança, come, bebe (ANTÔNIA, 10/02/2013).

Luiza me falou sobre o processo de realização de uma das atividades que tem sido apontada como aquela que vem trazendo mais resultado, no sentido mobilizar ou sensibilizar um número maior de pessoas:

A gente leva a TV pra rua, fica passando **filmes de sensibilização**, com imagens de abate e mal trato de animais, e a gente coloca os banners com umas frases de efeito, e agente espera as pessoas pararem, e daí a gente aborda elas, o que achou dos filmes, o que achou dos banners, entrega panfletos (LUIZA, 06/02/2013).



Imagem 4 - Mulher atenta aos filmes de sensibilização

Perguntei como as pessoas reagem diante da tela que veicula os “filmes de sensibilização”, assim ela me disse: “A maioria das pessoas tem a mesma reação, ficam perplexas. Uma vez fui abordar uma pessoa e ela chorou, ai eu vi que aquilo realmente dava certo, que valia a pena se esforçar para levar aquilo para rua” (LUIZA, 06/02/2013).

Este depoimento é particularmente importante, pois revela um certo “dilema” com o qual os ativistas pelos direitos animais têm que lidar. Ao mesmo tempo em que muitos deles tentam fundamentar suas ideias por meio de argumentos científicos, racionais, filosóficos e morais, durante os atos públicos o que parece mobilizar mais as pessoas são as questões que tocam o plano das emoções e sensibilidades, o que faz das atividades de “sensibilização” uma prática recorrente no ativismo *vegano*.

De toda forma, a “sensibilização emocional” está longe de ser algo presente apenas no movimento pelos direitos animais. Constitui um fator central na retórica de vários outros movimentos sociais. Apenas para citar um exemplo, ao pesquisar o ativismo de HIV/Aids na cidade do Rio de Janeiro-RJ, Carlos Guilherme do Valle mostrou como nos eventos públicos “havia a intenção de desestabilizar e criticar o preconceito e as práticas de estigmatização, além de estimular, através da presença corporal e da própria performance, uma mudança de atitude e favorecer o posicionamento crítico diante da epidemia.” (VALLE, no prelo). No DIDA – Dia Internacional pelos Direitos Animais – evento que será narrado mais adiante, essa estratégia chegou ao limite, uma vez que as pessoas que estavam participando desse ato seguravam cadáveres ou parte de corpos de animais em suas mãos, com o intuito de chamar a atenção das pessoas para a “exploração animal” e o mesmo tempo, sensibilizá-las, configurando um contexto em que as emoções são estrategicamente usadas pelos ativistas.

Se as pessoas estão “alienadas” com relação ao processo que envolve o abate até a chegada da carne ao prato, é preciso “despertá-las”, mostrá-las a “realidade”, tirá-las da “zona de conforto”, “abrir os olhos” da maneira mais direta e sagaz quanto possível. Isso é feito a partir da exposição de imagens fortes e explícitas de cenas de abate:

Mesmo que se paute por imagens bastante recorrentes ao abolicionismo, a pura e simples exposição do sofrimento de animais não é totalmente suficiente para fundar sua gramática e sua eficácia. É necessário aproximá-lo do sofrimento humano, demonstrar sua intimidade próxima. Um grau maior de reconhecimento é esperado daí, o que também tem ensejado algumas polêmicas (SORDI, 2011, p.20).

A atitude *vegana*, tal como descrita por Sordi, tem por característica o movimento de conferir ao animal um “estatuto de próximo” a partir da “exposição e reiteração de suas experiências negativas” (SORDI, 2011, p.18). Se no primeiro capítulo vimos que a ideia de humanidade constituiu-se em oposição à de animalidade (INGOLD, 1995) os ativistas pelos direitos animais parecem esforçarem-se na direção de movimento contrário, afirmando que os animais não humanos e humanos possuem várias características em comum. Muitas vezes, por meio de ações performáticas – mais uma vez, a exemplo do DIDA – esse tipo de estratégia busca estabelecer simetrias entre o sofrimento humano e o sofrimento animal⁴⁴, ou,

⁴⁴ Em algumas manifestações essa ideia de se colocar no lugar do “outro” não humano pode ser levada ao limite. Para lembrar de um caso recente, ocorrido em abril de 2012 na cidade de Londres, uma ativista se voluntariou

como ouvir certa vez de uma ativista “dor é dor, independente de ser humano ou não humano”. Conforme podemos ver no banner abaixo, exibido no rol do auditório do Centro de Ciências Sociais aplicadas da Universidade Federal de Pernambuco, ocasião em que foi realizado o III Congresso Mundial de Bioética e Direitos Animais, em agosto de 2012. Apesar do banner não ser do VEDDAS/RN, e sim das entidades SVB e GANAPATI, seu conteúdo se adequa perfeitamente às ideias partilhadas pelos sujeitos aqui em questão:

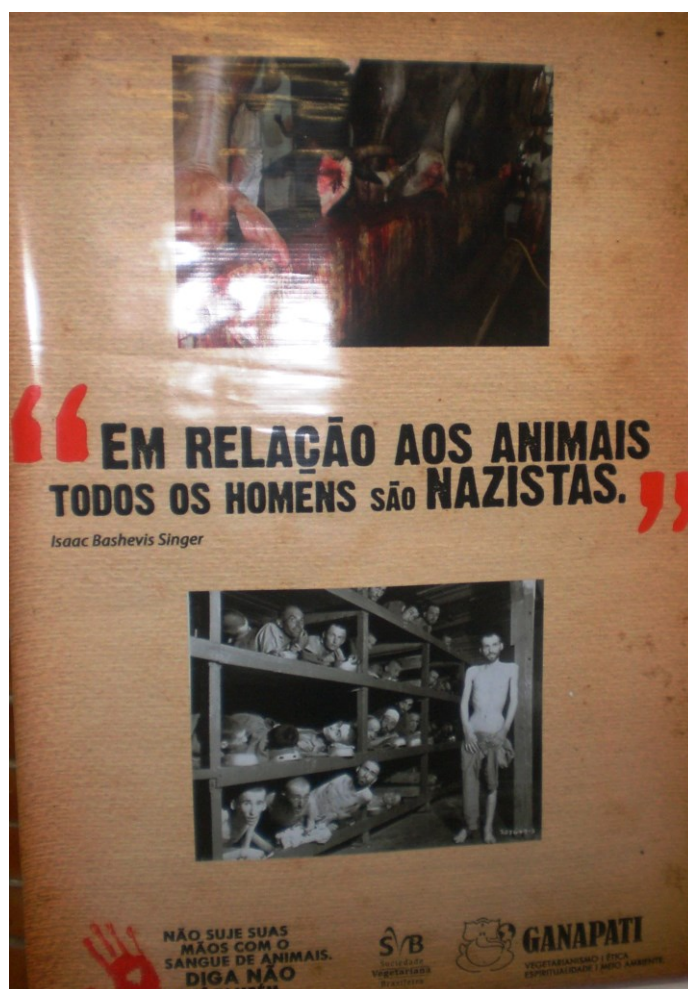


Imagem 5 – “Em relação aos animais, todos os homens são nazistas”

O que essas pessoas buscam, por meio do “estatuto do próximo” é abolir a dicotomia expressa por Sahlins (2010) em língua inglesa entre *meat*, a carne alimento, e *flesh*, a carne

para sentir na própria pele um dia de testes similares aos que são feito em animais pela indústria de cosméticos. <http://www.anda.jor.br/25/04/2012/mulher-vive-um-dia-de-cobaia-e-se-submete-aos-mesmos-testes-que-os-animais-sofrem-nos-laboratorios>

enquanto corpo vivo, “demonstrando que os animais considerados ‘carne’ podem sofrer ‘na carne’ como nós.” (SORDI, 2011).

Por fim, além de *conscientização* e *sensibilidade*, outro aspecto se evidencia como importante nas práticas e discursos dos ativistas pelos direitos animais aqui em questão: *auto atribuição de responsabilidade*.

Para o sociólogo alemão Ulrich Beck (1997), se na modernidade clássica a noção de “participação política” implicava principalmente na atitude de deixar a esfera privada para se dedicar à esfera pública, no mundo contemporâneo presenciamos o acontecimento de algo inverso: a invasão do político na esfera privada.

Experienciada como uma forma de ação política na esfera privada, o processo de *auto atribuição de responsabilidade* pode ser pensado como a consequência de alguns fatores como a globalização, reflexividade e destradicionalização (PORTILHO, 2008; GIDDENS, 1996). Esses fatores têm transformado práticas locais e experiências sociais:

Nossas atividades cotidianas são cada vez mais influenciadas por eventos que acontecem do outro lado do mundo. Do modo oposto, hábitos dos estilos de vida locais tornaram-se globalmente determinantes. Dessa forma, minha decisão de comprar um determinado artigo de vestuário tem implicações não só para a divisão internacional do trabalho, mas também para os ecossistemas terrestres (GIDDENS, 1996, p.13).

É como se o próprio universo do privado contivesse dentro de si a sociedade global (BECK, 1997). De acordo com Miller (2002), o ato de selecionar e escolher mercadorias, jamais pode ser pensado como algo que se restringe ao plano individual. Para este autor, o ato de consumo expressa uma relação tanto entre quem compra e para quem se compra, como também, uma relação cosmológica que transcende qualquer utilidade imediata, pois assume a forma não de sujeito ou objeto, e sim, dos valores aos quais as pessoas desejariam se dedicar (MILLER, *ibid*: p.27).

Tal como ressalta Portilho (2008), com o processo de politização do consumo, as nossas escolhas diárias passaram a envolver:

... materializações cotidianas de valores políticos, morais e ecológicos, além de um dos principais meios para o exercício concreto da solidariedade e da ética da responsabilidade, em que os indivíduos sentem-se diariamente responsáveis por melhorar o meio ambiente e a vida das pessoas (PORTILHO, 2008. p.5).

Trazendo esse debate para o contexto dos sujeitos dessa pesquisa, os valores que os sujeitos tentam espelhar nas suas opções de consumo diárias, se relacionam diretamente com os seus respectivos engajamento na defesa dos direitos animais. Os trechos abaixo evidenciam o que estou tentando demonstrar⁴⁵:

Você pode transformar; Quando você escolhe consumir a carne de algum animal, seja de um boi que desde o nascimento sofre com a separação de sua mãe, com a castração, com o confinamento, marcado por queimaduras, e tendo no final uma morte terrível... Seja de um peixe que morreu por sufocamento, esse ato da compra é uma escolha! Uma decisão sua!⁴⁶

Você tem o poder de abolir todos os produtos de origem animal da sua alimentação: ganha você, ganham os animais, ganha o planeta!⁴⁷.

A noção de auto-atribuição de responsabilidade também está relacionada à compreensão de que “ações individuais” são portadoras de alguma eficácia, o que pressupõe um reconhecimento acerca das consequências e repercussões que um dado comportamento potencialmente é capaz de ter. Neste sentido, não é apenas a indústria da carne que é responsável pela exploração animal. No discurso que envolve auto-atribuição de responsabilidade, outras pessoas e atores sociais são percebidos como igualmente responsáveis, na medida em que escolhem consumir determinados tipos de produtos. Vejamos dois banners exibidos durante as ações do VEDDAS/RN e que são capazes de expressar muito bem o que estou argumentando aqui:

⁴⁵ Isto ficará mais evidente no próximo capítulo onde será narrado as manifestações públicas, as mensagens contidas nos panfletos, nos banners, e as próprias palavras proferidas pelos sujeitos.

⁴⁶ Discurso de uma ativista durante o DIDA.

⁴⁷ Panfleto distribuído no DIDA.



Imagem 6 – “Seu Garfo”



Imagem 7 - “Você Compra, ele mata”.

Tanto nos trechos transcritos quanto nas imagens acima, isto fica bastante evidente. O pronome pessoal “você”, aparece o tempo inteiro indicando que o poder de mudança ou permanência está posto nas mãos das próprias pessoas, cabendo a elas a escolha e o poder de transformação. Depois, o consumo nas modalidades de boicotes e *buycotts*, aparecem como uma primeira estratégia de intervenção para que a desejada mudança seja alcançada.

A prática do consumo político assim como a noção de *auto atribuição de responsabilidade* pode acarretar nos seguintes desdobramentos: por um lado, há uma racionalização do consumo, o que implica no aumento da autoridade dos consumidores sobre sua vida diária, já que buscam se apropriar de conhecimentos e competências perdidos para especialistas (PORTILHO, 2008). Por outro lado, cria-se uma atmosfera de “culpabilização” do consumidor, este, agora também responsável por dar sustentação a toda a indústria da “exploração animal”.

CAPITULO IV – ATIVISMO VEGANO NAS RUAS: ETNOGRAFANDO EVENTOS E MANIFESTAÇÕES

Este capítulo é particularmente importante, pois, nele veremos a partir da descrição de alguns eventos e manifestações, a maneira tal qual o discurso dos defensores dos direitos animais em sua perspectiva abolicionista, se materializa e se concretiza a partir de algumas ações. Privilegiei aqui as manifestações que ocorreram em locais públicos, predominantemente nas ruas. Ao fazer isso, não estou querendo dizer que o ativismo não possa ser realizado em outros espaços, muito pelo contrário. No capítulo anterior, vimos que muitos dos sujeitos dessa pesquisa acreditam que o ativismo se faz no dia a dia, a partir das escolhas cotidianas e do diálogo com aqueles que lhes são mais próximos, como no ambiente familiar, nos lugares em que estudam ou trabalham.

Contudo, optei por destacar as manifestações e as ocupações dos espaços públicos por acreditar que esses espaços constituem o lugar por excelência do ativismo; são nesses espaços que esses sujeitos se deparam com pessoas e “realidades” diferentes das suas, que surgem as surpresas, o inesperado; é nas ruas que se realizam esses ativistas. É também aqui o lugar em que a *performance* acontece.

Entendo aqui *performance* tal como conceituado por Victor Turner (1987), um evento crítico, uma situação extraordinária, marcada por uma ruptura no fluxo da ação e da ordem social em que os atores estão de alguma maneira manifestando simbolicamente algo sobre os seus valores e sobre o seu mundo. Se referindo ao panorama teórico traçado por Victor Turner, Esther Jean Langdon afirma que:

Para Turner, a vida social é caracterizada por fluxos que incluem períodos conflituosos, estes que ele denomina “dramas sociais”. Ou seja, o equilíbrio social é continuamente interrompido por dramas sociais, nos quais os conflitos estouram ao redor de figuras de importância social. As crises se instalam e ameaçam a continuidade do grupo, assim, demandando uma resolução, e as tentativas de restaurar a situação são realizadas. Esta terceira fase do drama social, a das tentativas de restaurar a situação, é caracterizada pela de eventos rituais, no conceito mais amplo do rito. Turner especifica ritos tanto como processos jurídicos dentro da sociedade Ndembu da África, mas podemos reconhecer que na sociedade contemporânea os eventos conflituosos fazem parte de nossos dramas sociais, tais como greves na fase de crise, manifestações políticas até tumultos e motins violentos (LANGDON, 2007, p.8).

Tal como afirma Gilberto Velho (2013) “há uma linguagem, um código através do qual os projetos podem ser verbalizados com maior ou menor potencial de comunicação.” (p.10). Os projetos se expressam através de uma linguagem que tem o “outro” como finalidade. Pensando nas mobilizações políticas por meio da noção de *performance*, e tomando as ruas e a ocupação do espaço público como lugar por excelência para a realização dessas ações, veremos várias das categorias que compõem um vocabulário amplamente compartilhado pelos sujeitos dessa pesquisa em ação: *veganizar*; *animais não humanos*; *carnista*; *seres sencientes*; *comida livre de sofrimento*; *escravidão animal*; *holocausto animal*, etc. Aqui, veremos também as imagens, associações e metáforas mais poderosas do discurso abolicionista tomando forma e se materializando.

Muitas vezes, para que essas ideias sejam comunicadas para as demais pessoas e tenham visibilidade, durante as mobilizações políticas – nas ações e nos protestos – torna-se necessário utilizar uma série de artefatos que dão suporte aos atos e têm que ser levados em consideração, tais quais são os casos dos cartazes, banners, panfletos, megafones, faixas, camisetas, e por que também não considerar, o próprio corpo como elemento chave e dotado de significado para o ativismo:

El cuerpo puede contener el mensaje, ser soporte del mensaje, o ser él mismo el mensaje, ya que en el cuerpo se produce y articula la ideología política. Para que eso suceda es imprescindible que los cuerpos se muestren: la visibilidad de los cuerpos-protesta puede cuestionar los significados sociales, poner en marcha demandas sociales y dar forma a imaginarios sociales sobre la protesta y quienes protestan. Los cuerpos no solo median la protesta, son protesta (ENGUIX, 2012, p.886).

Para pensar sobre as estratégias corporais e suas técnicas no curso das ações coletivas, – tal qual protestos, manifestações – sobretudo, na relação “cuerpo y vestido”, a antropóloga Begonya Enguix propõe uma análise por meio de três diferentes níveis que, em conjunto, situam e significam o corpo no curso da ação social.

Nos dois primeiros Enguix nos fala da incorporação de certos – roupas, camisas, bottons e demais adereços com mensagens políticas ou de protesto – tomando-os como importantes marcadores identitários que geram pertença e reconhecimento, ao mesmo tempo em que converte o corpo em um elemento veiculador, um meio de comunicação como suporte para mensagens que faz da relação entre corpo e indumentária uma interseção atravessada por identidades e ideologias.

No terceiro nível a autora chama atenção para um tipo específico de indumentária: as “camisetas identificadoras”. Elas diferem das assinaladas anteriormente pelo fato de identificam uma entidade ou grupo, tornando os ativistas facilmente reconhecíveis:

[...] la construcción de un “nosotros” donde reconocerse y ser reconocido en el proceso de constitución de la identidad colectiva es permanente. En estas negociaciones sobre los objetivos y los medios a utilizar para conseguirlos, el modo de mostrar el cuerpo y la utilización de camisetas identificativas se erigen como marcadores de activismo: los cuerpos-protesta puestos en contexto revelan y condensan las tensiones, contradicciones, oportunidades, metas y deseos de las identidades individuales y colectivas que los atraviesan. (ENGUIX, 2012, p.907).

Isso poderá ser percebido ao longo das linhas abaixo, nos eventos e mobilizações políticas que eu pude acompanhar ao longo da pesquisa. Assim, seguirei a seguinte ordem de apresentação. Primeiro, trarei a “Semana Nacional Contra a Experimentação Animal”, evento que começou nas dependências da UFRN e teve como encerramento a “manifestação nacional antiviviseção”. Depois, narrarei duas experiências que figuram o campo das sociabilidades, uma em Campina Grande no evento Okupe-se, e outra em Recife, o 6º piquenique *vegano*. Em seguida apresentarei os atos e manifestações trazendo para o texto a “manifestação nacional antiviviseção” - ato final da Semana contra a experimentação animal – seguido do “Congresso Mundial de Bioética e Direitos Animais” e outra manifestação realizada em frente ao McDonald’s da Avenida Agamenon Magalhães, dois eventos ocorridos em Recife. Retornando a Natal, apresentarei o Dia Mundial Contra a Crueldade e Exploração Animal e o DIDA, Dia Internacional dos Direitos Animais.

I Semana Contra a Experimentação Animal

1º e 2º dia: exibição do vídeo “não matarás”

O documentário foi exibido nos dias 24 e 26 de abril na sala de vídeo da biblioteca central da UFRN. No primeiro dia, cerca de doze pessoas compareceram, no segundo, um pouco mais, cerca de 18. “Não Matarás”, é mais uma produção de grande repercussão do Instituto Nina Rosa - INR⁴⁸. O documentário possui como fio condutor o tema da

⁴⁸ Instituição sem fins lucrativos que possui sede em São Paulo -SP, que vem atuando desde setembro de 2000 na defesa dos direitos animais. Além de ações de caráter educativo, O INR também se tornou conhecido pelas suas produções de videográficas que tem em *A carne é fraca* (2004) seu maior destaque.

experimentação animal, articulando a fala de vários especialistas – médicos, filósofos, biólogos e ativistas – que colocam em xeque a legitimidade da utilização de animais para se produzir conhecimento científico.

Após a exibição do vídeo, o debate foi iniciado pelas pessoas que estavam organizando o evento. É difícil reproduzir tudo que foi conversado. Os temas e conversas surgiam de maneira muito difusa, o que dificulta qualquer tipo de reprodução escrita, que requer um pouco mais de organização e também de articulação. Contudo, tentarei descrever nas linhas abaixo, alguns dos momentos que me pareceram mais significativos.

Tudo começou com a sugestão de que o vídeo fosse exibido no Centro de Ciências Biológicas da UFRN. Além de desafiante, seria uma maneira de chamar a atenção dos profissionais da área da saúde, setor que está envolvido mais diretamente com a utilização de animais em sua metodologia de ensino. Um rapaz que estava presente se apresentou como estudante de biologia, falou que foi assistir ao vídeo porque o tema lhe pareceu interessante, apesar de ter afirmado que estava no 8º período da graduação em Ciências Biológicas e não havia cursado nenhuma disciplina que utilizasse animais no processo de aprendizado. Uma das pessoas que organizava o evento, falou que na graduação essa prática não era tão comum, contudo, a depender da área que se seguisse na pós-graduação, a realização dos testes em animais seriam quase que obrigatórias. Outro sujeito levantou a voz, afirmando que a própria UFRN possuía um biotério.⁴⁹ Lamentou-se que lugares como esse ainda existissem, e, o pior de tudo, bem próximo de onde estávamos.

Aqui, é a própria ciência, suas praticas e seus métodos que estão sendo questionados. O próprio documentário, e isso também foi bastante reforçado durante o debate, apontava que várias Universidades importantes da Europa e dos EUA já haviam abolido a prática da vivissecção há muito tempo. De acordo com informações da PEA (Projeto Esperança Animal) na Inglaterra e na Alemanha a utilização de animais na educação médica foi abolida. Na Itália, entre os anos de 2000 e 2001, mais de um terço das universidades abandonaram a utilização de animais para fins didáticos. Nos EUA, mais de 70% das faculdades de medicina não utilizam animais vivos nas aulas práticas. A intensão da fala era mostrar que não havia correlação direta entre a utilização de animais e o avanço do conhecimento. Falava-se que era possível seguir aqui no Brasil o exemplo desses outros lugares, que buscaram maneiras

⁴⁹ Biotério é o nome dado ao lugar onde são criados animais cobaias com finalidade de se fazer testes científicos.

alternativas de se produzir conhecimento sem que para isso animais tivessem que ser utilizados. Trata-se da utilização de simuladores mecânicos que reproduzem a anatomia, filmes e vídeos interativos, realidade virtual, auto-experimentação, entre outros⁵⁰. Para essas pessoas, a realização de eventos com o tipo de proposta que eles estavam encabeçando, constitui uma maneira, ainda que inicial, de trazer à tona questões silenciadas nas universidades brasileiras.

Segundo um dos participantes, era necessário combater a crença antropocêntrica que situa o homem no centro de tudo e de todas as coisas. Para ele, o ser humano é mais um, entre tantos outros animais que habitam planeta terra. É por possuir esse tipo de perspectiva, que a maioria dos *veganos* utiliza o termo “animal não humano” para se referir ao que nos acostumamos simplesmente a chamar de “animais”. Nas palavras desse mesmo sujeito que se pronunciou, “não deveria haver uma supremacia do animal humano”. Percebe-se nesse discurso, uma nítida tentativa de trazer os seres humanos ao seu *status* de também animal.

Outra pessoa seguiu questionando tais métodos, afirmando que a maioria dos testes que eram realizados já possuíam resultados conhecidos. Um exemplo mostrado no vídeo e que também foi mencionado no debate é o da prática do uso de estricnina⁵¹ nesses testes. Numa pergunta: “se não há dúvida que a estricnina irá matar, por que usá-la? Por que matar?”. Na perspectiva destas pessoas, se utilizar de animais vivos para fazer testes é sinônimo de “dessensibilização” e “objetificação” da vida.

Falaram também que os alunos que não quisessem realizar tais procedimentos, poderiam entrar com um recurso denominado por “objeção de consciência”, ou, o direito a não realizar determinados tipos de práticas, por não ser condizentes com seus princípios éticos, morais ou religiosos.

O rapaz que criticava o antropocentrismo está envolvido com a cena anarcopunk de Natal, já o conhecia de outros tempos, por também já ter circulado nesse meio. Ele deu início a um ponto de discussão que me pareceu bastante interessante. Falou que existem várias coisas que ele, assim como qualquer outro *vegano* se manifestam contrariamente. Contudo, apesar da contrariedade, são coisas reconhecidamente difíceis de serem modificadas. Em um plano ideal, seria ótimo pensar em um mundo onde ninguém comesse carne ou que nenhum

⁵⁰ Para uma lista completa ver <http://www.pea.org.br/crueldade/testes/index.htm>

⁵¹ Um substância com alto poder letal, bastante utilizada em pesticidas para matar ratos.

animal precisasse morrer para servir aos humanos. Contudo, apontou ele, existe uma esfera bem mais palpável e exequível, mais próximo do alcance de todos, que é a esfera do consumo. Dizia ele: “é possível deixar de escovar os dentes com Colgate, deixar de tomar suco Ades”.

Deixar de consumir produtos de empresas que fazem testes em animais seria uma boa maneira de demonstrarem, e, mais que isso, de por em prática tudo aquilo em que acreditam. Um dos panfletos que distribuíam incentivava o boicote a várias empresas. Dividido ao meio, o panfleto continha do lado esquerdo um número considerável de empresas que faziam testes em animais, e, de outro, também um número razoável de empresas que não faziam. Abaixo dessa imagem seguia a mensagem: “informe-se e BOICOTE todos os produtos testados em animais. Só a pressão do consumidor é capaz de mudar esse cenário de tortura e ganância”. Isso nos permite pensar que para essas pessoas a esfera do consumo constitui uma maneira de agir politicamente, de materializar ideias e objetificar pensamentos, tal como apresentamos nos capítulos anteriores (MILLER, 2002; PORTILHO, 2008).

Outro ponto interessante que foi levantado no debate se dirigiu para o campo da alimentação. Uma mulher começou a falar das situações por vezes conflituosas que já havia passado pela sua condição de *vegana*. Contou que tinha uma boa saúde, que procurava se alimentar bem, fazer exercícios físicos e pouco adoecia. Contudo, parecia espantosa para ela o fato de que em sua casa, toda vez que porventura viesse a adoecer, seus familiares diziam que só havia ficado em tal estado porque não estava comendo carne. É interessante refletir sobre tal associação, ou mesmo representação, que coloca a carne como sinônimo de força, vigor, saúde e virilidade⁵².

Certa vez, pude acompanhar uma discussão na rede social *Facebook*, quando uma pessoa havia postado o seguinte: “ei, alguém sabe me recomendar um nutricionista que saiba tratar com vegetarianos? Já fui há vários, e, todos eles não admitem a possibilidade de que uma pessoa possa viver de maneira saudável sem comer carne”.

Isso me fez pensar em algumas questões que pretendo aqui a penas esboçá-las: os médicos falam que a carne é indispensável porque ela é realmente indispensável para a nossa saúde ou porque possuímos um sistema alimentar em que a carne ocupa um lugar de

⁵² Alba Zaluar constata algo parecido em seu livro “A máquina e a revolta” (1985), indicando que a carne é no universo dos “pobres urbanos” o componente do prato que está associado à ideia de força. Para além desta representação, a carne também funciona como um importante demarcador de fronteiras, separando os pobres dos não pobres, ou, ainda, dos menos pobres.

centralidade tal, que não nos permite pensar nada fora desse sistema? Não seria a medicina um também um modelo explicativo, uma maneira de produzir respostas que possui suas raízes fincadas a contextos culturais que são específicos? Em outras palavras, não é a própria medicina um conhecimento cultural?⁵³

Após a fala sobre o tema saúde/doença, várias pessoas que estavam presentes no debate, socializaram experiências similares, revelando as tensões que enfrentavam em seus mundos sociais. Uma delas falou que nem sempre sua mãe dizia os ingredientes que realmente havia usado na preparo de uma determinada refeição. Outra falou que quando deixou de comer carne, sua mãe propositadamente fazia pratos que são considerados muito saborosos para o nosso paladar usual, numa tentativa de fazer a filha abandonar a ideia de se tornar *vegana*.

Sexto *picnic vegano* do recife de 2012 (27/05/2012)

Era tarde de um domingo de clima ameno no recife. O céu estava repleto de nuvens, ainda assim, sem nenhuma indicação de que iria chover. Cheguei mais cedo que a hora combinada. Tive tempo de circular um pouco pelo parque e observar o que as pessoas faziam. Havia bastante gente na Jaqueira. Muitas famílias, crianças brincando, casais de namorados, pessoas fazendo atividade física, alguns evangélicos distribuindo panfletos e nos pontos de grama do parque, havia dispersamente, toalhas estendidas com pessoas deitadas e/ou fazendo piqueniques.

Depois de passado vinte minutos após a hora marcada para o início do piquenique *vegano*, chegaram duas pessoas praticamente ao mesmo tempo no local indicado. Reconheci um deles por causa de suas fotos postadas no *Facebook*. Fui até lá, me apresentei e começamos a conversar. Passado alguns minutos, mais outra pessoa chegou.

Se referindo ao atraso, “é sempre assim...” disse um rapaz “daqui a um tempo, aparece mais gente”. Mais duas pessoas vinham em nossa direção. Chegaram bem perto e quando já estavam por se afastar, deram meia volta e voltaram para aonde estávamos. Perguntaram se éramos *veganos*. Fiquei calado, os demais responderam que sim. Essas pessoas se

⁵³ A resposta a essas questões podem ser buscadas no campo da Antropologia Médica Norte Americana, em autores como Arthur Kleinman e Byron Good, pensando que a própria cultura oferece modelos explicativos para ler e interpretar uma dada realidade.

apresentaram e sentaram conosco. Assim como eu, era a primeira vez que viriam ao piquenique. A dúvida que eles tiveram em saber se aquele grupo de quatro pessoas que estavam sentado conversando eram realmente *veganos*, fez com que uma das pessoas brincasse, “não dá pra saber assim quem é *vegano*”.

De fato, isso me chamou atenção. Havia feito pesquisa com um grupo de *punks* anteriormente e pela indumentária nunca passariam despercebidos seja qual o lugar que eles frequentassem. Em um parque, todos saberiam quem eram os *punks*. Apenas um dos rapazes usava uma camisa que poderia identificá-lo como alguém que defendia o direito dos animais. Estava de preto, e sua camisa possuía a estampa de uma organização Norte Americana de ativistas bastante conhecida entre as pessoas inseridas nesses contextos pela sua intensa atividade: *Animal Liberation Front* (ALF).

Enfim, sentamos em círculo ao redor de uma toalha sob o qual foram colocados os alimentos trazidos. Havia quibes de soja, pasteis de forno integrais, batatas recheadas, almondegas de soja e pequenos sanduiches também feitos com hambúrguer de soja e uma pasta de grão-de-bico. Narrarei a seguir, alguns momentos e pequenos trechos de algumas conversas que consegui memorizar, e que aqui jugo importante relatar. Por se tratar de um primeiro encontro, não achei adequado usar gravador, nem tampouco ficar fazendo anotações.

Começamos a comer. Logo uma voz se levanta: - “Ainda dizem que comemos mal, né”? - “Pois é, estamos aqui comendo coisas deliciosas, sem precisar matar nenhum animal”.

Outra pessoa prossegue: “Ninguém se interessa em saber o que come, de onde vem a sua comida”. – isto é uma questão bastante interessante. Muito do que estar implicado no ato de consumo *vegano* tem a ver com o saber como, onde, quando, e o que foi utilizado em cada produto.

Essa mesma pessoa perguntou para os demais se seria possível trazer nos próximos piqueniques pessoas que não eram *veganos* para que elas pudessem conhecer melhor outro tipo de culinária, e, também, quebrar um pouco com o tabu de que apenas os alimentos que são feitos a base de carne podem ser saborosos.

Outra pessoa deu continuidade à conversa e seguiu falando que, quando ela dizia que era *vegana* para as outras pessoas, sempre era questionada com perguntas do tipo: “mas o que você come? Como se fosse impossível viver sem a carne”. Todas as pessoas concordaram com tal fala, e em seguida alguns começaram a citar situações parecidas que fazem parte do cotidiano de qualquer *vegano*.

Alguém perguntou: “você tentam convencer outras pessoas a se tornarem *vegan*as?” A maioria das respostas seguiram em tom positivos. Um dos rapazes afirmou que carregava fama de chato em seus círculos sociais por tentar sempre que possível convencer as pessoas a pararem de comer carne. Apesar do ônus de ser considerado uma pessoa “chata”, esse mesmo rapaz se dizia orgulhoso porque já havia conseguido fazer com que algumas pessoas se tornassem *vegan*as ou *vegetarian*as.

Nesse momento outras pessoas também falaram que eram vistas como chatas dentro dos seus círculos sociais mais amplos por não conseguirem ficar caladas quando viam alguém próximo comendo carne. Não raro, essa postura gerava desconforto e tensão nas relações. E foi justamente para evitar tais desconfortos, que uma das pessoas que lá estavam presentes, expôs que foi ao piquenique com a finalidade de conhecer novas pessoas, construir novas relações, desta vez, com gente que pudesse dividir a afinidades, neste caso, a condição de ser *vegano*.

Neste momento, os presentes começaram a narrar situações de desconforto e conflito que viviam em seus ambientes familiares, de estudo e de trabalho pelo fato de possuírem uma alimentação e um estilo de vida contrário a todo uso de produtos de origem animal. Tais conflitos, por vezes, colocava aquelas pessoas numa condição quase que de isolamento social. Não ir para a confraternização do trabalho porque se faz sempre churrasco ou feijoada; não sair constantemente porque a maioria dos lugares não oferecem opções para quem é *vegano* e assim sucessivamente. O piquenique pode ser pensado como um momento de reunião de pessoas que partilham e dividem afinidades e passam por experiências e situações comuns pela condição de serem *veganos*.

Um deles reforçou que um dos principais objetivos do piquenique era aproximar as pessoas. Em tom de brincadeira, disse ele, que já havia surgido um casal desse piquenique, e que melhor ainda, seria se comesse a se formar mais casais e novas amizades⁵⁴. Surgiu então a ideia de que os piqueniques deixassem de ser mensais para serem quinzenais. Seguiu ainda como sugestão que pudessem marcar para além dos piqueniques, encontros na casa das pessoas do grupo, para fazerem algum passatempo, como ver filme, tomarem alguma bebida ou qualquer coisa do gênero.

⁵⁴ Há redes sociais e sites especializados dedicados ao encontro para formação de casais *veganos*. Ver: rencontre-vegetarien.net ; veggieconnection.com ; vegetariandating.com

Outro tema que dominou a roda de conversa foi a troca de receitas. Sempre surgiam conversas paralelas com o objetivo de saber como tal prato tinha sido feito. Saber cozinhar, é algo muito importante para os *veganos* de uma maneira geral. Fazer a própria comida é ter a plena certeza de que estar se comendo algo que condiz precisamente com as ideias que estão propondo.

Campina Grande – PB: Okupe-se – contra as vozes da razão absoluta

A ideia era fazer um dia inteiro de atividades que girassem em torno de temáticas libertárias, contra culturais. Assim, pela manhã estava programado para acontecer uma distribuição de mudas, uma mostra de *zines* e o lançamento de um livro. Entre meio dia e duas da tarde, iria haver um almoço *vegano*, um “rango *vegan*” – tal como exposto no cartaz – e, como era de se esperar, essa era a parte que mais me interessava da programação. À tarde, estava programada uma “troca de ideias” sobre literatura marginal, e a noite, a parte musical do evento com bandas de Campina Grande, Salvador e Mossoró (RN).

O evento foi realizado no Cine São José, um antigo cinema da cidade de Campina Grande que já estava há mais de 20 anos abandonado. Há cerca de 2 anos o “Cine” foi ocupado por estudantes, pessoas relacionadas com o universo do cinema, do teatro e das artes de Campina Grande e também pelo pessoal *vegan*, punk, anarquista. Passada a euforia da ocupação o espaço passou a ser mais utilizado pelos punks/anarquistas/*veganos*. Ao longo desse tempo, vários eventos foram organizados, com as temáticas mais diversas.

Cheguei ao Cine por volta das 11h. Revi antigos amigos e ao mesmo tempo me assustei, havia muitas pessoas que eu não conhecia. A maioria jovens, entre dezessete e vinte quatro anos, que de alguma maneira estavam colaborando com as atividades desenvolvidas por um grupo de *veganos*, anarquistas.

Essas pessoas se organizaram em torno de um coletivo chamado Heresia Coletiva. O coletivo possui pouco tempo de existência, e, vem desenvolvendo uma série de atividades de caráter contestatório na cidade de Campina Grande, na maioria das vezes, atividades com a temática *vegan*, *queer* ou anarquista.

As pessoas que estavam a frente do evento ainda montavam a “banquinha” de *zines* para expor tanto as suas próprias produções, como também, a de grupos e pessoas afins. Conversei bastante, ajudei a montar a banca e logo me detive por um bom tempo olhando os

materiais que estavam sendo expostos. Havia um leque de produções bastante difusas, embora, de alguma maneira, todos os materiais que estavam ali orbitassem em torno do universo anarquista, “libertário”. Zines de poesias, de bandas, anarcofeministas, *veganos*, teatro anarquista, críticas ao capitalismo, ditadura da estética, entre outros mais. Estavam passando os materiais ao preço de custo da xerox.

Como há de se notar, o evento não possuía como eixo diretor a temática do *veganismo*. Contudo, o tema estava lá. Na hora do almoço, era comida *vegana* que iria ser servida. E foi assim que ocorreu. Enquanto parte dos presentes aguardavam o pessoal da Bahia chegar, duas pessoas saíram para pegar o almoço. Em pouco tempo já estavam de volta. No cardápio, arroz, feijoadada, grão-de-bico, verduras e uma farofa e nenhum ingrediente de origem animal.

Havia cerca de 17 pessoas. Serviram-se e se espalharam ao longo da sala de entrada do Cine. Algumas pessoas sentaram no chão, outras em um pequeno sofá, outras permaneceram em pé. Conversavam bastante enquanto comiam, e não mediram esforços para elogiar a comida. Falavam bastante que a comida estava gostosa, alguns também falavam que era muito bom saber que estavam comendo algo gostoso e “livre de crueldade” - um ponto interessante e que vale a pena ser melhor explorado, é que situações como essas, em que as pessoas sempre elogiam a comida com bastante veemência sempre estão acontecendo, o que me leva a pensar que o comer, é, para os *veganos*, uma de suas maneiras mais importantes de se afirmar – talvez, seja pelo fato de a maioria das pessoas pensarem que os *veganos* nada comem além de folhas, que estas pessoas fazem sempre questão de demonstrar o que estão comendo.

Um outro detalhe que me chamou bastante atenção, é que a mesa de comida foi posta bem próxima da banquinha onde se encontravam os zines. Se coincidência ou não, acho digno de nota que a comida estivesse sendo servida ao lado de zines ou panfletos contendo panfletos pró libertação animal, contra a indústria carne ou contendo mensagens anarquistas. Neste caso, entendo que a própria comida é portadora de uma mensagem política, cujo objetivo principal é mostrar para as pessoas que não são *vegnas* ou vegetarianas que é possível construir uma outra forma de se alimentar, para esses sujeitos, uma forma “livre de sofrimento”.

Manifestação nacional antivivisseccção

A manifestação nacional antivivisseccção ocorreu na tarde de um sábado, 29 de abril 2012, em frente ao *Shopping Midway*. A escolha do lugar foi estratégica, uma vez que esse centro comercial fica situado entre duas avenidas de grande fluxo cidade do Natal, o cruzamento da Salgado Filho com a Bernardo Vieira.

A manifestação começou por volta das 15h30. Havia cerca de quarenta pessoas, entre *veganos* e defensores do bem estar animal . A maioria jovens, embora também houvessem pessoas de meia idade participando da manifestação. Os manifestantes estavam espalhados pela calçada lateral, paralela a Avenida Salgado Filho. Algumas delas vestiam batas brancas manchadas com uma tinta vermelha numa tentativa de simular sangue. Tal atitude foi tomada com a intensão de questionar os conhecimentos científicos que utilizam animais em seu processo de aprendizado. Para essas pessoas, nenhum tipo de conhecimento pode ser considerado benéfico quando produzido a custa do sangue de outros seres, neste caso, os “animais não humanos”. Uma grande faixa com os seguintes dizeres chamava a atenção: “abrir um animal vivo só ensina crueldades”. Além das faixas, diversas pessoas também seguravam cartazes contendo mensagens de igual impacto.

Vários panfletos também foram distribuídos, tanto no local da manifestação quanto nos arredores. Uma estratégia que estava sendo utilizada para que a mensagem pudesse alcançar um numero maior de pessoas, era a de entrar no estacionamento do *Midway* e deixar os panfletos nos para-brisas dos carros. Tive a oportunidade de participar ativamente dessa ação.

Boa parte das pessoas pareciam bastante empolgadas. Conversei com alguns dos participantes, e um deles me disse o seguinte: “é muito bom estar participando de uma manifestação, fazia tempo que eu esperava que algo desse tipo acontecesse aqui em Natal”. Ele estava visivelmente entusiasmado por ter, em suas palavras, “vivido uma semana de ativismo”. Outra pessoa me falou que soube da manifestação pela internet através do Facebook. Havia se tornado vegetariano há cerca de dois anos. Contudo, não chegou ali por uma acaso, já havia participado de alguns movimentos sociais antes, além de circular em movimentações “libertárias”, anarquistas: “sempre fui simpático a essa causa, quando fiquei sabendo, não poderia deixar de comparecer”. Falou que não tinha a intensão de participar de nenhuma “pretensa” organização institucionalizada em defesa dos direitos dos animais, mas

estava disposto a ajudar de algum modo. Na ocasião, estava distribuindo cartazes. Ele foi uma das pessoas que tive a oportunidade de acompanhar na distribuição de panfletos.

No mesmo momento da manifestação, iria acontecer um passeio de bicicleta coletivo, as chamadas *bicicletadas*, e sua concentração estava marcada para ocorrer do outro lado da rua, em frente ao IFRN. Desta forma, por alguns momentos, uma ou outra pessoa de bicicleta se aproximava da manifestação para cumprimentar amigos ou demonstrar apoio.

Como toda manifestação, alguns momentos foram mais empolgantes e outros mais amenos. Já era noite quando as pessoas que estavam à frente do ato organizaram uma pequena reunião. Circularam uma lista para que todos deixassem seus contatos, uma vez que estavam com a proposta de criação de um grupo voltado para a defesa dos direitos animais. Para encerrar o ato, surgiu uma proposta para que a faixa de pedestre fosse ocupada quando o sinal estivesse vermelho. Assim ocorreu, o sinal fechou e boa parte das pessoas ocuparam a linha de pedestre segurando faixas e cartazes que estampavam os propósitos da manifestação. Tal ato deixou as pessoas empolgadas, e, por isso mesmo, ainda se repetiu por mais duas vezes. Depois disso, a maioria das pessoas dispersaram. Um pequeno grupo seguiu em direção ao *shopping* para lanche no *Subway*, *fast food* em que as pessoas podem montar o seu próprio sanduíche, evitando assim as carnes e seus derivados.

III Congresso de Bioética e Direito Animal

O Congresso Mundial de Bioética e Direito dos Animais vem se consolidando como um dos principais eventos nesse eixo temático, trazendo sempre na sua programação nomes importantes desse cenário tanto no Brasil quanto em contextos globais. Realizado bienalmente no país desde 2008, os dois primeiros congressos ocorreram na cidade de Salvador (Bahia), sede do Instituto Abolicionista Animal⁵⁵ – IAA – entidade que organiza os eventos. A terceira edição aconteceu na cidade do Recife, nas dependências do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UFPE entre os dias 22 a 25 de agosto de 2012.

Cheguei ao congresso antes da abertura oficial, programada para as 19h00. O salão que dava de frente para o auditório onde iria ocorrer a abertura do evento teve seu entorno

⁵⁵ O IAA é um importante instituto que atua na defesa dos direitos animais. Possui uma forte vinculação com a pós-graduação em direito na UFBA. O seu site é uma importante referência para pesquisadores e interessados nesse eixo temático, dispondo vários artigos, sobretudo no debate que envolve direito e animais não humanos.

preenchido por estandes das mais diversas organizações e entidades, que serão mencionadas mais abaixo. Havia também a comercialização de livros e revistas temáticas e uma pequena lanchonete improvisada de comidas *vegas* que oferecia pasteis, esfirras, bolos, sanduiches. Nesses estandes entidades apresentavam os trabalhos que estavam desenvolvendo e também distribuíam bastante material informativo.

Longe de ser um movimento homogêneo, os sujeitos que defendem os direitos animais assim o fazem por meio de vários caminhos que convergem em alguns momentos e divergem em outros. Três dos estandes contavam com a presença de entidades que tinham por principal objetivo promover o bem estar animal: a BRALA⁵⁶ “como uma associação sem fins lucrativos vai, por todos os meios lícitos, evitar a crueldade, promover a bondade e tentará aliviar o sofrimento de todos os animais”. Uma outra entidade, a SAVAMA⁵⁷, também define a sua missão institucional de modo similar: “Somos uma Organização Não-Governamental sem fins lucrativos que visa promover o bem estar animal, através do programa de esterilização (como controle de natalidade), a conscientização (educação) e promoção da adoção.”

Os outros estandes eram de organizações que também se apresentavam como defensores dos direitos dos animais, contudo, assim o faziam por meio de outro foco. Estavam lá representantes do VEDDAS, ATIVEG, SVB e do IAA. Vejamos o que algumas dessas organizações definem como sendo os seus objetivos ou missões:

Difundir e divulgar, dentro da esfera regional, a ideologia já antes concebida pela ATIVEG – Nacional, o benefício do vegetarianismo para a saúde, animais e meio ambiente. Bem como lutar para combater os abusos cometidos contra os animais, promovendo ações de conscientização em diversas áreas: publicidade, educação, palestras, eventos e muitas outras a serem adotadas posteriormente.

Neste mesmo sentido, são definidos os objetivos do IAA:

Contribuir, através da educação, da conscientização e da capacitação em todos os níveis, para a abolição da exploração institucionalizada dos animais, em todas as suas formas: industrial, laboral, científica, cultural e comercial: possibilitar aos animais o efetivo acesso às instâncias judiciais, através de representantes legítimos; contribuir para o aprimoramento e a eficácia social da legislação de proteção dos animais, e para a fundamentação ética de políticas públicas

⁵⁶ Associação Para Lutar Pelos Animais no Brasil.

⁵⁷ Serviço de Auxílio a Vida Animal e ao Meio Ambiente.

relacionadas à matéria; contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos animais.

Vejamos abaixo os objetivos do VEDDAS:

O VEDDAS – Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade trabalha para promover a defesa dos direitos animais e difundir os argumentos em favor de uma alimentação e estilo de vida livres da exploração de seres sencientes. ... O VEDDAS entende que através da sensibilização e conscientização do indivíduo é possível gerar uma mudança efetiva na maneira como os animais não-humanos são tratados em nossa sociedade.

A diferença no vocabulário e na utilização de algumas palavras chaves na definição dos objetivos e missões das entidades acima apresentadas são bastante evidentes. Enquanto as duas primeiras utilizam termos como “promover o bem-estar”, “aliviar o sofrimento”, as três últimas parecem ser mais incisivas e abrangentes ao mesmo tempo, nos falando de “abolicionismo”, “vegetarianismo”, “conscientização”, “meio ambiente”. Trata-se de uma velha dicotomia no movimento de defesa animal, que põe em lado quase opostos “bem-estaristas” e “abolicionistas”. Os primeiros procuram – como demonstramos no primeiro capítulo – por diversos meios evitar a crueldade, livrar dos maus tratos e promover um tratamento mais humanitário aos animais. Assim, essas entidades direcionam o foco de suas ações para cuidar de animais maltratados ou abandonados nas ruas para depois levá-los a feiras de adoção que são organizadas com certa periodicidade. Os abolicionistas, por sua vez, defendem que a questão fundamental para o movimento de defesa animal não é o tratamento, e sim, que os animais não existem para servir aos seres humanos, sejam eles bem tratados ou mal tratados. Desta forma, condenam qualquer forma de utilização animal independente de sua finalidade, seja ela de estimação, vestuário, entretenimento, científica, alimentar, entre outras.

A diferença do foco e perspectiva poderia ser notada desde o primeiro instante nos *banners* e estandes expostos no congresso. Enquanto uma entidade “bem estarista” tinha estampava em um pano de fundo rosa o desenho de uma pata de cachorro com as frases “Adote um amigo” (Imagem 9), “projeto patinha”, um banner da Ativeg dizia: “não queremos jaulas maiores, o Ativeg luta por jaulas vazias” (Imagem 8).

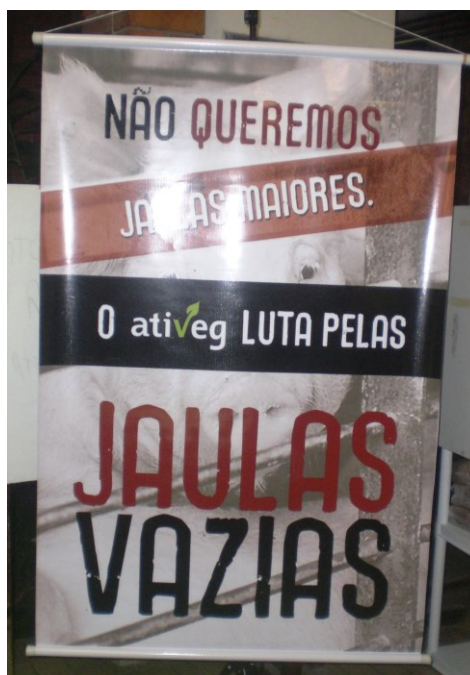


Imagem 8 – “Jaulas Vazias”



Imagem 9 – “Adote um amigo”.

Passava das 19h00 quando foi dado início a cerimônia de abertura. A mesa foi composta por um representante do Governo do Estado de Pernambuco, Reitor da UFPE, representante da UFBA, do CCSA e do IAA.

“McDia in-feliz”

Parte das pessoas que estavam no Congresso ainda se encontravam no auditório principal quando uma voz anunciava no megafone que em pouco tempo iriam realizar uma manifestação contra o McDonald’s. Essa manifestação não fazia parte da programação oficial do Congresso, compunha sim, uma agenda de atividades do VEDDAS. Assim, a manifestação ocorreu na tarde do domingo em três cidades diferentes: Natal – organizada pelos integrantes que não foram ao Congresso em Recife –, São Paulo e também em Recife, pelos integrantes do VEDDAS de São Paulo e de Natal que se encontravam no Congresso⁵⁸.

Sáimos da universidade em três carros em direção ao McDonald’s da Avenida Agamenon Magalhães, uma das principais vias da cidade do Recife. A maioria das pessoas que estavam nesses carros eram integrantes do VEDDAS. Ao estacionar os carros próximo ao local da manifestação, uma pequena reunião se iniciou. O presidente da organização proferiu algumas palavras. Ele, *vegano* e ativista do movimento de defesa animal há bastante tempo, é formado em nutrição e especializado em dietas vegetarianas. Iniciou sua fala perguntando se alguém do grupo já havia participado de alguma manifestação; a maioria dos 13 presentes distribuídos nos carros respondeu afirmativamente, apenas uma pessoa nunca havia participado de ações dessa natureza. Em seguida, refinou a pergunta: “alguém já participou de alguma manifestação pelos direitos dos animais?”. Dessa vez, o número de mãos levantadas foi menor, e logo em seguida ela começou a falar: “bem, queria só ter uma conversa com vocês antes desse ato”. Disse a todos que se tratava de uma manifestação pacífica e que a finalidade maior de tal evento, era questionar o que chamou de hipocrisia por parte do McDonald’s. Para ele, não havia nada mais contraditório do que uma cadeia de *fast food* que passa o ano inteiro comercializando alimentos causadores do câncer, querer em apenas um dia do ano, num ato de “esperteza publicitária”, promover sua imagem doando parte de suas vendas para uma instituição que trata de crianças com câncer – a NAAC (Núcleo de Apoio a Criança com Câncer) – e chamando esse dia de “McDia feliz”.

Vejamos abaixo, o texto que foi publicado no site da entidade a respeito da manifestação:

⁵⁸ No período em que foi realizado o congresso não havia VEDDAS em Recife. Algumas semanas depois, certamente com os contatos feitos durante esse evento, criou-se o VEDDAS-PE.

Todos os anos, o VEDDAS realiza um protesto contra o “McDia Infeliz”, data em que a rede de lanchonetes realiza uma campanha nacional de desinformação através da qual busca vincular sua imagem ao combate do câncer, o que não passa de uma grande hipocrisia uma vez que essa empresa promove uma alimentação que traz justamente as características que promovem a doença. Além de promover intensamente o consumo de uma dieta rica em gordura e carboidratos refinados e pobre em fibras e substâncias protetoras, fomenta uma indústria que a cada ano explora bilhões de animais sencientes em todo o mundo. O protesto é uma oportunidade de esclarecer ao público sobre a realidade dos alimentos de origem animal, enquanto denuncia a manipulação da informação para manter as pessoas alienadas sobre o que comem. O tradicional protesto de São Paulo contra o “McDia Infeliz”, ocorrerá também em Recife e Natal. Participe. Traga sua voz e energia!⁵⁹

Ele seguiu sua fala alertando os manifestantes. Primeiramente, advertiu que não deveriam responder a eventuais provocações, depois, caso a polícia aparecesse, não deveria haver preocupação, o ato ocorreria na rua, um espaço público, e, por isso mesmo, nada poderiam fazer. Seguiu dizendo que, ao contrário, talvez fosse até interessante se a polícia estivesse presente, pois serviria como uma espécie de proteção para possíveis conflitos. Dito isto, uma fotografia foi tirada com o grupo de ativistas que ali se encontravam. Após esse momento, atravessamos a avenida e seguimos em direção ao McDonald’s.

Chegando lá, todos se concentraram na calçada que guardava entrada e saída de veículos. Este lugar também apareceu como estratégico, uma vez que se situava a frente do rol onde estava acontecendo o “*McDia feliz*”.

⁵⁹ www.veddas.org.br / Acesso em 30.08.2012



Imagem 10 - De frente para a festa



Imagem 11 - Festa NAAC

Um primeiro impasse. A loja estava equipada com um potente equipamento de som, e, no momento em que houve essa primeira concentração, eram as crianças assistidas pela NAAC que estavam à frente da atividade, cantando uma música no microfone. De imediato, uma pequena reunião se formou onde foi decidido que aquele momento não era o mais apropriado para usar o megafone. Logo, os manifestantes se distribuíram na calçada da loja e assim permaneceram por algum tempo distribuindo panfletos, segurando banners e interagindo com os passantes e pessoas nos ônibus e carros.

As imagens e palavras contidas na maioria dos banners eram as mais impactantes. De fato, foram produzidos com uma intensão: sensibilizar. Em um deles a imagem eram de corpos de frangos pendurados numa máquina de abate com os seguintes dizeres: “indústria da morte” – a palavra morte estava destacada em vermelho. Em um outro, a imagem era de um bovino já sem cabeça e sem pele, pendurado de cabeça para baixo numa máquina parecida a mencionada anteriormente. A título de informação, os animais depois de abatidos são postos nessas máquinas com o corpo invertido para que o sangue possa ser escoado. A mensagem desta vez era a seguinte: “Executado para seu prazer” – seu prazer eram as palavras em vermelho. Num terceiro banner, a imagem era similar a anterior, a diferença era que na mesma máquina e de cabeça para baixo – e sem a cabeça – os animais ainda se encontravam com a pele; desta vez, a mensagem era a seguinte: “você compra, ele mata”. Abaixo desse e de todos os demais banners estava estampado a logo VEDDAS.

Aqueles que estavam distribuindo panfletos tinham mais oportunidade de interagir com as pessoas que estavam passando, elucidando os motivos do protesto. Os carros e ônibus que passavam na Agamenon Magalhães também foram abordado pelos ativistas. Sempre que o sinal fechava, alguns deles ocupavam a faixa de pedestre dando maior destaque a exposição dos banners, enquanto outros se dirigiam até os veículos parados na tentativa de interagir com os condutores.

Para promover o *McDia Feliz*, o McDonald’s contou com a ajuda de vários voluntários que executavam funções diferentes. Assim, enquanto uns ajudavam na organização do interior da loja, outros, vestidos de palhaços, animavam as crianças. Além destes, se somava a equipe os voluntários que atuavam nas ruas. Eram em sua maioria adolescentes, usavam roupas coloridas e camisas do McDonald’s. Alguns tinham rostos pintados e seguravam placas com palavras soltas que, quando postas em ordem, formavam a seguinte frase: “Dia de comprar *big mac*” – ao final, uma placa ainda continha a imagem de

um rosto sorridente. Também seguravam uma grande faixa com os seguintes dizeres: “No dia 25 de agosto + (neste espaço continha a foto de um big mac) = *MacDia Feliz*. Outra frase dizia o seguinte: $Hj\ naac + big\ mac = o\ dia\ feliz.$



Imagem 12 - O dia Feliz

Manifestantes e voluntários do Mac Donald's ocupavam a mesma calçada, o mesmo semáforo. Quando o sinal fechava, ambos se dirigiam à faixa destinada aos pedestres, uns com seus banners contendo mensagens de cunho crítico ao consumo de carne, outros incentivando a compra do Big Mac e dando visibilidade ao *Mac Dia Feliz*.



Imagem 13 - Na mesma faixa

Muitos motoristas ficavam confusos ao se depararem e serem abordados por pessoas motivadas por causas tão distintas – pude em vários momentos presenciar o mesmo veículo ser abordado por pessoas de ambos os grupos.

Passado alguns minutos as crianças haviam parado de cantar e o som que vinha do salão não estava tão alto. Tive a oportunidade de gravar quando o presidente da associação pegou o megafone e na direção das pessoas que estavam neste mesmo salão começou a falar:

A alimentação do Mc Donald's é uma alimentação que durante todos os dias do ano causa câncer. Alimentação rica em gordura saturada, colesterol, com produtos de origem animal, fruto do sofrimento e da morte de animais, quer passar uma imagem boazinha, de que num dia do ano ajudam as crianças; vocês querem ajudar as entidades, vocês podem doar diretamente pra NAAC, vocês não precisam participar dessa campanha hipócrita, de desinformação promovida pelo Mc Donald's.... O *Mac dia* feliz é uma mentira, feita pra manipular as pessoas, para querer criar uma imagem de que essa rede de lanchonetes tem algum interesse em promover a saúde das pessoas, quando, na verdade, tudo que ela deseja promover é sua autoimagem... quem quiser mais informação pode vir pegar panfleto na saída que a gente produziu pra informar vocês, o que tá realmente por trás do hambúrguer, do big mac, do mac fish e todos os produtos de origem

animal. Causam doenças, destroem o meio ambiente, destroem a sociedade...

Enquanto essas palavras eram pronunciadas, as pessoas que estavam no salão e viam o megafone sendo apontado na direção delas ensaiavam um olhar de que misturava incompreensão e repúdio. Ouvi uma senhora dizer quando saía de seu carro: “ele tá doido é?”. Nitidamente, muitas das pessoas que passavam não conseguiam compreender como um ato supostamente tão “benéfico” poderia ser contrariado e alvo de protesto. Logo uma música foi posta em um volume suficientemente alto para que nada que fosse falado no megafone pudesse ser ouvido.

Um dos voluntários do McDonald’s que usava traje de palhaços chegou muito educadamente, pediu licença, e se dirigiu ao manifestante que há pouco havia falado no megafone. Disse ele: “oi, vocês tão sabendo de alguma coisa que eu não estou sabendo?” No mesmo tom, esse manifestante respondeu, explicando as causas e motivações do protesto. Continuando o diálogo, disse o homem vestido de palhaço: “fui chamado aqui, nem tenho tanto tato com criança, e vim fazer a minha parte, vim para ajudar, entendo o posicionamento de vocês, mas vocês deveriam ter feito esse protesto ontem ou então amanhã, mas hoje?” Logo em seguida, encerrou a sua fala em tom de incompreensão, enquanto isso a manifestação continuava. Integrantes de outras organizações de defesa dos direitos animais chegavam aos poucos. Estavam por lá representantes da Ativeg Recife e também da *Divers for Sharks* – uma organização que possui como foco principal de luta a proteção aos tubarões. Pessoas que estavam no Congresso sem estar diretamente ligada às entidades também começaram a chegar. Em seu maior pico, pude contar cerca de trinta manifestantes dos direitos animais. A chegada dessas pessoas acabou dando mais corpo ao protesto. Frases de efeito foram escritas em cartolinas que se somaram ao lado dos já conhecidos banners do VEDDAS. Numa delas, estava contido os seguintes dizeres: “Hipocrisia - 364 dias promovendo o câncer e 1 combatendo”.

Essas pessoas se espalharam por toda a calçada do Mac Donald’s. Os voluntários que trabalhavam na campanha do *Mc dia Feliz* começaram a se sentir um tanto incomodados com a presença dos manifestantes e um clima de disputa começou emergir. Dividindo a mesma faixa e a mesma calçada, era nítida a sensação de desconforto quando os manifestantes se colocavam na frente das placas e das faixas segurada pelas mãos dos voluntários que

apoiavam o *Mc dia Feliz*. A esta altura já estava claro para as pessoas que estavam no Mc Donald's que a manifestação estava sendo realizada por vegetarianos ou *veganos*, fato que fez com que um grupo de voluntários que estavam descendo a calçada em direção a faixa de transito da Agamenon, gritassem desordenadamente palavras que faziam alusão ao consumo da carne: “carne, carne, carne, vamos comer carne!”

Fato curioso e inusitado foi a reação de uma das voluntárias que não compactuou com a provocação dos seus amigos e se dirigiu até o grupo de manifestantes para o qual as palavras foram direcionadas com um pedido de desculpas: “peço desculpas pelos meus amigos, estou me sentindo envergonhada”. Aproveitei a ocasião e conversei rapidamente com ela. Tinha dezessete anos e me contou que já havia tentado se tornar vegetariana há pouco tempo atrás, mas infelizmente não havia conseguido, “é muito difícil”, disse ela. Perguntei como ela havia se tornado uma voluntária, logo, ela me respondeu que a escola em que ela estudava, todos os anos apoiava o *Mc Dia Feliz*, e, assim, enviava seus alunos para colaborar na campanha. Ela me contou também que ganharia pontos extras nas disciplinas por estar colaborando. Rapidamente nos despedimos: “tenho que voltar”, disse ela, seguindo na direção dos seu grupo que já ocupavam a linha de pedestre estendendo uma de suas faixas.

Depois de duas horas e meia, aproximadamente, do início do protesto, uma pequena reunião se iniciou. O presidente do VEDDAS falou que a ideia inicial era fazer uma manifestação com cerca de três horas, tempo que estava perto de se esgotar, e que para a maioria dos manifestantes já havia sido suficiente para comunicar a mensagem que eles estavam querendo passar. Foi decidido então, que para encerrar a manifestação, iriam fazer algo mais “enérgico”. Algumas palavras de ordem foram ensaiadas e todos os manifestantes de uma só vez se dirigiram para a entrada do Mc Donald's que dava de frente para o salão onde estava sendo realizado o *Mc Dia Feliz*. Uma voz no megafone gritou as primeiras palavras: “Mc Donald's!!!”, enquanto o restante dos manifestantes completavam: “hipocrisia”. As falas se intercalavam entoando um só grito: “Mc Donald's, vergonha”, “McDonald's, hipocrisia!!!!”. O ativista que estava com o megafone começou a caminhar no estacionamento da loja em direção ao salão onde o evento era realizado, os manifestantes o seguiram. Poucos passos foram dados e logo seguranças e funcionários da loja se colocaram a frente impedindo o avanço dos manifestantes. Uma tensão se formou, alguns empurrões foram trocados. O gerente da loja falava para os manifestantes que na calçada eles poderiam fazer o que bem entendessem, mas no interior da loja não, estariam dentro de uma

propriedade privada e sem autorização alguma para ocuparem aquele espaço. Um dos clientes que se identificou como policial endossou as palavras do gerente. Este último, muito mais exaltado, pouco conseguiu dialogar, logo chamou o manifestante que estava com o megafone de ‘palhaço’ e se recolheu para o interior da loja visivelmente irritado. Enquanto isso, o gerente com a ajuda dos seguranças tentava empurrar os manifestantes de volta para a calçada, o que acabou ocorrendo. De volta a calçada, os mesmos gritos continuaram a ser entoados. Nesse momento, o som da loja foi aumentando e os voluntários que estavam colaborando com a sua campanha começaram a gritar o nome da instituição que estava sendo beneficiada pelo *Mc Dia Feliz*: “NAAC, NAAC, NAAC”. Poucos metros separavam manifestantes e voluntários que permaneceram por alguns minutos entoando os seus gritos. Notei que a menina de dezessete anos e voluntária do McDonald’s que eu havia conversado anteriormente, estava desolada sentada na grama com lágrimas em seus olhos e, imagino eu, com muitos conflitos em sua cabeça.

Na medida em que o tempo foi passando os ânimos foram se acalmando. Uma rápida reunião se formou, e os manifestantes decidiram que o protesto já havia sido suficiente. Conversas paralelas se formaram, algumas pessoas trocavam contatos e aos poucos as pessoas foram dispersando. No final, quando parte dos manifestantes atravessavam a rua para retornarem aos carros, duas viaturas da polícia encostaram na calçada, mas nada mais havia o que fazer.

Tive a oportunidade de acompanhar a manifestação numa condição bastante privilegiada para um pesquisador. Fiquei responsável por fazer as fotos e filmar, o que me permitiu circular com bastante naturalidade mesmo entre aqueles que não me conheciam.

Dia mundial contra a crueldade e exploração animal

A WEEAC – *World Events to End Animal Cruelty* – é uma organização norte americana bastante atuante no cenário da defesa animal. Com representação em vários países, vem realizando atividades educativas, eventos e manifestações em escala global. No Brasil, a WEEAC possui representação em 29 cidades, 12 são capitais, sendo três delas no Nordeste – Recife, Salvador e Fortaleza. Seu evento de maior destaque, o “Dia Mundial Contra a Crueldade e exploração Animal”, vem sendo realizado desde o ano de 2011, simultaneamente em várias cidades no dia 22 de setembro. Em Natal, o ato foi organizado pelo grupo

VEDDAS/RN e ocorreu no calçadão da praia de Ponta Negra, mais precisamente na altura do quiosque 27. O evento foi amplamente divulgado através de uma rede social na internet. Estimava-se que muitas pessoas iriam comparecer. Contudo, pude contar apenas 18 presentes em seu maior pico. A maioria dos presentes era ligada ao próprio VEDDAS/RN, enquanto alguns outros apareceram pela divulgação realizada na rede social Facebook.

Por volta das 14h30, alguns integrantes do VEDDAS/RN já preparavam o cenário para o ato. Embaixo de um guarda sol alugado do próprio quiosque 27 foi armado um pequeno estande. Ali havia duas mesas, e sobre elas foram postas uma televisão⁶⁰, uma caixa térmica – com coxinhas *vegas* para serem distribuídas – além de dois tipos de panfletos que também seriam distribuídos. Enquanto um desses panfletos elencava uma série de motivos pelo qual uma pessoa deveria se tornar *vegana*, o outro, um pouco mais conceitual, pretendia lançar reflexão sobre a exploração animal, ambos eram do VEDDAS. Na mesa em que ficava a televisão um cartaz foi colado com a seguinte mensagem: “Se matadouros tivessem paredes de vidro, ninguém comeria carne”⁶¹. Ao lado da mesa da televisão, um cavalete e um pedestal também compunham o cenário, trazendo imagens e mensagens que mais adiante serão narradas. Por fim, alguns dos banners já conhecidos de outros eventos foram aos poucos espalhados pelo chão.



Imagem 14 - Estande WEEAC

⁶⁰ Alimentada pela energia de uma bateria.

⁶¹ Frase atribuída ao ex Beatle Paul McCartney.

Na televisão estava sendo veiculada desde o início do ato imagens que expunham sem nenhum corte o processo de abate de alguns animais. Por vezes, mais do que as próprias imagens, eram os sons emitidos por esses animais tentando escapar da morte que chamava mais a atenção das pessoas que passavam. Ao perguntar a uma das interlocutoras chaves dessa pesquisa a qual filme ou documentário pertencia aquelas imagens, ele me respondeu que se tratava de uma coletânea editada por eles próprios especificamente para esse tipo de atividade que envolve interação com um público maior. A ideia central ao veicular imagens com tal teor era a de chamar a atenção das pessoas que, no entender dos membros do grupo, poderiam desconhecer o processo pelo qual os animais não humanos são submetidos para que cheguem até os nossos pratos na forma de comida. Não por acaso, foi para dar mais ênfase a essa ideia, que na mesa em que estava a televisão fora fixada aquela cartolina que estampava em letras garrafais uma frase já descrita anteriormente: “Se matadouros tivessem paredes de vidro, ninguém comeria carne”.

Abaixo da mesa, no próprio calçadão, sete *banners* foram estendidos. Alguns deles são frequentemente expostos nas atividades do VEDDAS/RN, outros eu os vi pela primeira vez. O primeiro *banner* trazia a imagem de bovinos pendurados de cabeça para baixo numa máquina de abate. Abaixo da fotografia estava a seguinte mensagem: “você compra, ele mata”.

No segundo, a tela do banner estava dividida horizontalmente em três partes, cada uma delas com uma foto diferente; a primeira delas mostrava a imagem de uma pessoa negra, a segunda trazia a foto frontal de um bovino, e, por último, em um tom avermelhado, parte do rosto de uma mulher. Cada imagem estava acompanhada de uma frase, indicando a intenção de se fazer uma analogia, respectivamente, assim estava escrito: racismo = especismo = sexismo.



Imagem 15 – “Racismo = especismo = sexismo”

O terceiro *banner*⁶² denunciava o que alguns autores chamam de “especismo seletivo” (Gary Francione; Sônia Felipe): estampava a face de um cachorro com um semblante nitidamente triste: “rico em proteínas, rico em ferro, rico em sensibilidade, rico em vontade de viver. Sorte dele não ter nascido uma galinha⁶³!”. Abaixo dessa frase, ainda havia outra que me aparece como sendo importante: “Você tem o poder de abolir todos os produtos de origem animal da sua alimentação: ganha você, ganham os animais, ganha o planeta!”. Uma frase curta, mas bastante expressiva, traz a tona as questões exploradas no capítulo anterior: auto atribuição de responsabilidade, na medida em que o pronome pessoal “você”, indica que o poder de mudança ou permanência é posto nas mãos das próprias pessoas; e, depois, o consumo, nas modalidades de boicotes e *buycotts* como uma primeira estratégia de intervenção para que a desejada mudança seja alcançada.

⁶² Imagem 1 (p.41).

⁶³ Além do mais traz o questionamento do porquê nos alimentamos de alguns animais enquanto trazemos outros para dentro de nossas casas.

Em outro *banner* a frase era a seguinte: “A morte é apenas uma parte dessa história. Experimentação animal: cruel e injustificável”. A imagem dessa vez era a de um macaco com o semblante notadamente abalado por ter sua cabeça entubada e perfurada para fins de experimentação científica.

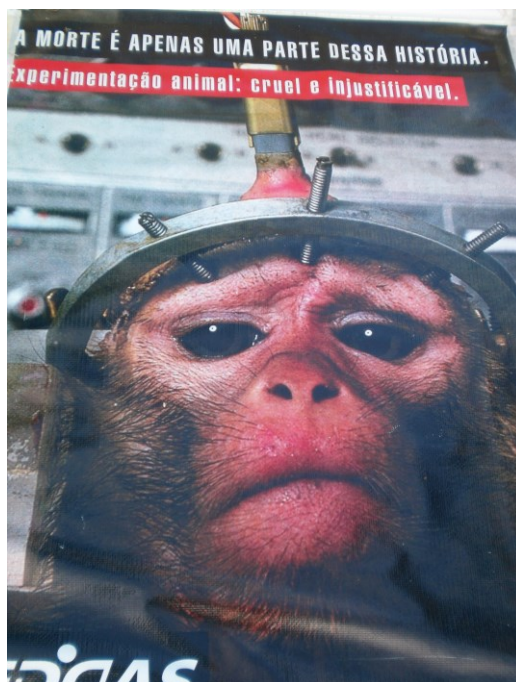


Imagem 16 – “Experimentação animal: cruel e injustificável”

No quinto *banner*, a questão tematizada era as vaquejadas. A imagem trazia um bovino laçado e estendido no chão. A frase que acompanhava era a seguinte: “Esporte é um prática entre competidores dotados de forças e habilidades igualitárias e que escolhem participar dela por livre e espontânea vontade. O resto é abuso e violência”. O sexto *banner* trazia a imagem de uma jaqueta de couro dividida em dois lados por um zíper aberto. De dentro da jaqueta aparecia a imagem da face de um animal que não consegui identificar. De um dos lados da jaqueta, tal era a frase que acompanhava a imagem: “COURO: O couro é a pele curtida de animais, utilizada como material para a confecção de diversos artefatos para o uso humano”. Do outro lado, assim estava escrito: “vista alternativas feitas com fibras vegetais ou sintéticas”. De maneira análoga ao terceiro banner, ao lado da logomarca do VEDDAS, algumas palavras estavam escritas: “você tem o poder de optar por abolir todos os produtos de origem animal do seu vestuário: ganha você, ganham os animais, ganha o planeta”.

A outra parte que compunha o cenário da manifestação era um pedestal que sustentava outro banner e um cavalete que de um e outro lado, traziam cartazes, frases e imagens. No pedestal um banner interessantíssimo. Na imagem, um garfo parecia deslizar sob o lábio inferior da boca de uma mulher tingida por um forte batom vermelho. Apenas a boca aparecia, o resto do rosto foi preenchido pela frase a seguir: “Seu garfo”, escrito em letras garrafais, “é que define a escravidão ou a liberdade dos animais com quem dividimos esse planeta”. No final e ao lado da logomarca do VEDDAS, a mesma frase presente no terceiro banner: “Você tem o poder de abolir todos os produtos de origem animal da sua alimentação: ganha você, ganham os animais, ganha o planeta!”.

No cavalete próximo a mesa da televisão havia sido afixado algumas imagens produzidas pelo Instituto Nina Rosa. Possuíam notadamente uma estratégia de apelo a sensibilidade. Numa cartolina dividida ao meio aparecia duas imagens: de um lado a face de um bovino, do outro, uma galinha. Acima das duas fotos a seguinte frase: “Compaixão pelos animais”. Abaixo da foto, e, se referindo respectivamente a cada animal, mais uma frase: “Não é bife. É uma vida.”, “não é coxinha. É uma vida”. Abaixo dessa cartolina, uma outra trazia a imagem de um porco em um dos lados, e a de um cardume de peixes de outro. A frase de cima era a mesma, mudava apenas o que estava escrito abaixo: “não é presunto, é uma vida”, “não é filé. É uma vida”. Do outro lado do cavalete, foi fixado o cartaz de uma “campanha pelo fim da escravidão animal”, realizada pelo mesmo instituto. Uma animação estampava o cartaz. Nele, aparecia a imagem de uma galinha, dois pintos, uma vaca, um coelho e uma abelha. Estavam todos ao redor de um telefone enquanto a galinha de pé falava; “Alô, é da casa da Princesa Isabel? É que a gente tava precisando de uma nova Lei Áurea por aqui”. Abaixo dessa imagem escrito em letras maiores: “Campanha pelo fim da escravidão animal. Atenda a este chamado! Liberte-os da tortura e escravidão! O destino deles está em suas mãos”.



Imagem 17 – “Não é coxinha ... não é bife”.



Imagem 18 – “Alô! É da casa da Princesa Isabel?”

Era no entorno deste cenário que os participantes da manifestação estavam circulando e interagindo, distribuindo panfletos e conversando com as pessoas que paravam para entender o que estava acontecendo, geralmente em frente à tela que expunha as imagens dos animais sendo abatidos. Tive a oportunidade de observar quando um jovem casal de turistas brasileiros acompanhados sua pequena filha com cerca de seis anos de idade pararam perplexos diante da tela. Permaneceram por pouco tempo observando mais uma das cenas explícitas de abate. Uma das ativistas se aproximou e entregou-lhes um panfleto, ele agradeceu e não demorou muito, seguiu em frente.

Uma estratégia bastante interessante utilizada nessa ação para interagir com as pessoas, foi a de distribuir “coxinhas *veganas*” com recheio de soja. Assim, aos interessados, falava-se dos propósitos da manifestação, sobre o *veganismo* de uma maneira geral e também se oferecia coxinhas. Um outro casal parou e perguntou a um dos ativistas onde havia em Natal restaurantes vegetarianos, a indicação foi dada. Receberam panfletos e algumas coxinhas, saíram sorridentes e agradecidos. Tal atitude se constitui em uma forma estratégica não apenas de interação, mas também, de veiculação de um conjunto de ideias através da comida. É uma maneira de mostrar para os outros que é possível se alimentar de comidas ou lanches tido como saborosos pela maioria das pessoas sem que para isso “um animal tenha que ter sido sacrificado”. É por levar em consideração que os animais não devem ser mortos para servir de alimento para os humanos que a comida *vegana* é comumente auto referenciada como uma comida “livre de sofrimento”. Aqui, a própria comida é política, ideológica.

Depois de um tempo interagindo com as pessoas no calçadão, o megafone começou a ser utilizado. Havia sido adquirido há poucos dias, e, ainda era nítida a falta de habilidade para manuseá-lo. Os integrantes do VEDDAS se reuniram rapidamente para decidir quem iria falar. Se foi um acordo ou não, a dinâmica marcante foi a de revezamento, e, assim, foram entoadas as primeiras palavras: “Estamos aqui hoje reunidos para protestar contra a exploração e a crueldade a qual são submetidos os animais”. Alguns ativistas demonstravam ter um notado receio ao serem solicitados para falar ao megafone. Aos mais receosos, o grupo se dirigia até ele ou ela, dando palavras de incentivo para que a timidez fosse vencida. De início, as falas se direcionaram para explicar o sentido do ato. Depois, trechos dos panfletos que estavam sendo distribuídos começaram a serem lidos em alto e bom som:

talvez poucos já tenham se dado conta, mas uma simples ação que praticamos todos os dias, que é o ato de nos alimentarmos, traz importantes consequências para as nossas vidas e para vida de milhares de animais. Toda vez que sentamos à mesa, decidimos pela vida ou pela morte de milhares de animais que são explorados para o consumo humano. Através das nossas escolhas alimentares, optamos por preservar ou devastar uma área de mata nativa, que poderá dar lugar a pastos ou a campos de soja e milho que serão destinados à alimentação do gado ou de outros animais para consumo. Optamos ainda por gerar mais ou menos gases de efeito estufa, que têm a pecuária como fator gerador maior do que toda a poluição gerada pelos automóveis. Toda vez que escolhemos o que colocar no nosso prato, podemos optar por um alimento saudável e nutritivo ou por um alimento que semeia as doenças que serão colhidas no futuro.

AFINAL, QUEM NOS DEU ESSE DIREITO?

Porcos, vacas, galinhas, perus, peixes, coelhos, cabritos e todos outros animais são capazes de sentir fome, frio, dor, medo e angústia assim como os seres humanos. Da mesma forma que não desejamos infligir essas sensações a um humano, devemos ser coerentes e prestar igual consideração aos animais.

Não se trata de nos preocuparmos com o modo como esses animais são explorados: se são bem ou mal tratados, se o manejo é truculento ou suave, se a alimentação que eles recebem é mais ou menos balanceada, se eles têm ou não espaço suficiente. Trata-se de questionar se eles deveriam ser explorados sob qualquer forma e para qualquer fim que seja, pois eles prezam pela sua vida e liberdade tanto quanto qualquer um de nós.

[...]

O FIM DA EXPLORAÇÃO ANIMAL ESTÁ NAS MÃOS DO CONSUMIDOR

A indústria da exploração animal quer fazer parecer, através de propagandas muito bem estruturadas, que perus e porcos gostam de serem servidos como prato principal em dias festivos, e que vacas exploradas pelo seu leite são animais felizes que nos cede o alimento por livre e espontânea vontade. Essas indústrias trabalham para impedir que façamos qualquer relação entre a carne que vemos nas vitrines do açougue e os animais que prezam pela vida e liberdade da qual são privados.

[...]

Enquanto consumidor, a sua alienação é a principal aliada para que essa injustiça continue acontecendo. Todos os elos dessa cadeia produtiva são responsáveis pela morte desses animais, não se limitando apenas aos que criam, transportam, abatem e comercializam. A forma mais eficiente de pôr fim à exploração animal é acabando com a demanda por esses produtos.

Quem compra e consome esses produtos é o principal responsável por essa cadeia de exploração, pois é justamente o consumidor quem tem o poder de interrompê-la. Quando o consumidor não compra, o criador não cria, o transportador não transporta e o abatedor não mata. Mais do que grupos de defesa animal ou normas governamentais, é o consumidor quem detém o poder de intervir na indústria da exploração animal.

A cada dia, a cada refeição, você pode fazer a diferença para milhares de animais. Faça isso por respeito aos animais à sua saúde e às futuras gerações que herdarão de nós esse planeta.

Como há de se notar, o conteúdo do panfleto é bastante rico e interessante do ponto de vista etnográfico. Nele, estão estampados de maneira bastante evidente, as principais ideias e perspectivas que orientam a visão de mundo desses sujeitos, assim como os principais motivos pelo qual exercem seus “ativismos”. Os primeiros trechos apontam uma série de conexões que se relacionam diretamente com os nossos hábitos alimentares. A força do

discurso reside justamente nessas conexões. A alimentação não é um ato que começa e termina no prato. Para esses sujeitos, é um ato que possui ampla abrangência, envolvendo questões ambientais, de saúde, preservação das florestas, entre tantas outras. Depois, o discurso emitido no panfleto caminha para um debate onde são questões éticas que estão em jogo, “afinal, quem nos deu esse direito?”. Se enquanto seres sencientes os animais são capazes de sentir uma série de sensações tal como os humanos, porque seria legítimo maltratá-los, explorá-los ou abatê-los para o nosso usufruto?

Aqui reside uma das ideias mais basilares do anti-especismo, ou, a concepção que diz que não deve haver superioridade e, sobretudo, exploração entre as espécies que habitam o planeta terra. Se quisermos pensar por outro caminho, e reconhecermos que há, de fato, hierarquia entre as espécies, a questão central seria compreender como essas espécies se relacionam nas diferentes posições hierárquicas que ocupam. Será que a condição de ser humano me permite naturalmente tirar a vida de outro ser pertencente à outra espécie? É motivado por esse mesmo princípio que um dos *banners* expostos por esses sujeitos nessa mesma manifestação, associa o especismo – a exploração e superioridade humana em relação aos animais – com outros tipos de exploração e violência, tal como o racismo, o sexismo, o machismo.

Há também um trecho subsequente ao ponto onde a questão ética é anunciada no panfleto, que retrata algumas ideias que evidenciam a perspectiva “abolicionista” desses sujeitos. Assim, para essas pessoas, não importa se os animais estão sendo bem ou maltratados, isso pouco importa; o ponto central é questionar o próprio sentido da exploração. Talvez, tenha sido por isso que durante a manifestação, uma das pessoas veiculou a seguinte frase no megafone: “os animais não precisam do seu amor, precisam do seu respeito”. Isto separa abolicionistas e “bem-estaristas”.

Por fim, é preciso salientar a importância que é dada ao consumidor enquanto sujeito capaz de desencadear a desejada mudança. Cabe a ele, a partir de suas opções de consumo e de seus hábitos alimentares, escolher produtos que não possuam em qualquer parte do seu processo de fabricação a marca da exploração animal.

Apesar de serem bastante interessantes como ferramenta de análise, é preciso reconhecer que os panfletos representam um discurso formalizado. Mais interessante do que analisar um conteúdo desta natureza, é perceber, como esses discursos são vividos,

incorporados e experienciados na prática, abrindo espaço para aparição de conflitos, limites e também contradições.

Voltemos, portanto, à manifestação. Os interlocutores dessa pesquisa permaneceram até por volta das 17h15 interagindo com as pessoas que passavam no calçadão, falando ao megafone, distribuindo panfletos e coxinhas. O ato havia sido planejando para ter dois momentos. Primeiramente, haveria essa concentração em torno do estande montado na praia, e, depois, a ideia era seguir em passeata pela Avenida Roberto Freire – uma das principais avenidas da zona sul da cidade. Como não havia tantas pessoas quanto o esperado – até àquela hora somavam cerca de 18 –, numa pequena reunião a maior parte do grupo decidiu-se cancelar a passeata pela Avenida, mas que valeria a pena fazer uma caminhada pelo Calçadão de Ponta Negra. O equipamento foi desmontado e guardado no carro de uma das pessoas do grupo. Permaneceram os *banners* e os cartazes.

Os ativistas se aglomeraram e começaram a caminhar pelo calçadão. Uma das pessoas que tinha um pouco mais de experiência com eventos desse caráter e desenvoltura para se expressar, pegou o megafone e começou a pronunciar mensagens mais diretas: “Se alimente de vida e não de morte”, “não contribua com a indústria da carne”, “essa é uma manifestação contra a crueldade e exploração dos animais”, “você pode ajudar os animais, não consuma produtos de origem animal”. Algumas frases eram intencionalmente adequadas ao tipo de situação com os manifestantes se deparavam no decorrer da caminhada. Assim, por mais de uma vez quando nos deparamos com pessoas que passeavam com seus cachorros no calçadão, uma frase de tal tipo era emitida: “você comeria seu cachorro?”, “o que você faria se pegassem seu cachorro para servir de comida?”.

Algumas dessas pessoas reagiam apenas com um olhar de incompreensão, enquanto outras simplesmente seguiam sem dar qualquer sinal de atenção. Durante o percurso os panfletos continuavam sendo distribuídos. Muitas pessoas que passavam ou mesmo os comerciantes que fixavam seu ponto na orla, manifestavam palavras de apoio ao ato: “é isso aí, tem que defender os animais.”. Um outro falou: “eu adoro os meus cachorros”.

Apesar de bem intencionado, uma crítica constante é feita por integrantes do grupo, e, por *vegãos* de uma maneira geral, às pessoas que “parecem achar que apenas cachorros e gatos são animais e merecem ser bem tratados”. “Gostam de cachorros e comem vacas?”, me disse um dos interlocutores em outra ocasião. Talvez, tenha sido por isso mesmo que em

alguns momentos da manifestação foi dito no megafone: “os animais não precisam do seu amor, precisam do seu respeito”.

De fato, foi interessante perceber como algumas das pessoas que se demonstraram simpáticas a um protesto contra a crueldade e exploração animal, eram comerciantes que certamente tinham nos seus cardápios carnes de todo tipo. O que me faz refletir sobre quais são os fundamentos que norteiam esse tipo de concepção bastante disseminada no Brasil, que considera carne apenas o que é oriundo dos bois e vaca. Para muitos, peixe não é carne, frango, igualmente. E mesmo os suínos quando são consumidos, há uma espécie de especificação: “carne de porco”, enquanto que para a carne bovina diz-se apenas “carne”.

A passeata seguiu até o final do calçadão. Algumas fotos foram tiradas com todo o grupo. Depois, alguém teve a ideia de ir até um pequeno restaurante ali perto que servia um *kebab de falafel vegano*. Parte considerável do grupo rumou para lá.

Dida – Dia Internacional dos Direitos Animais

O *Dia Internacional dos Direitos Animais* (DIDA) é uma data bastante importante na agenda dos movimentos de defesa animal. Criado no ano de 1998 pela ONG inglesa UNCAGED, o evento é realizado, desde então, em 10 de dezembro, referência ao dia em que a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi ratificada pela ONU no ano de 1948. A escolha dessa data reflete, de uma só vez, um posicionamento e um desejo dos movimentos de defesa animal em todo o mundo, qual seja, que animais sencientes de todas as espécies – e não apenas os humanos – sejam também considerados como sujeitos moral e de direito, possuindo a garantia de que direitos básicos como o direito a vida, não sejam violados. No Brasil, o DIDA vem ocorrendo desde o ano de 2006, geralmente organizado por entidades de defesa animal. O VEDDAS organizou ações no DIDA nas cidades em que possui representação: Recife, Natal, São Paulo e Sorocaba. Vejamos abaixo o texto que foi publicado no site da ONG em ato alusivo ao DIDA:

Um dia para reivindicar justiça para todos.

O VEDDAS solicita a presença de TODOS os defensores dos animais e simpatizantes da causa animal em memória ao Dia Internacional dos Direitos Animais – DIDA.

Nesse impactante evento, reivindicaremos que o mesmo respeito que devemos ter com animais humanos seja estendido também as animais não-humanos.

Sustentaremos em nossos braços corpos mortos de cordeiros, bezerros, galinhas, peixes, coelhos, porcos que faleceram nas celas de exploração animal.

No local, haverá ainda voluntários a postos exclusivamente para dialogar com a população, prestando informações sobre o que vêm a ser Direitos Animais e esclarecendo qualquer dúvida acerca do tema⁶⁴.

Como há de se notar, essa manifestação possui um caráter diferente das outras, não em seu conteúdo, mas certamente em sua forma: cadáveres de animais seriam expostos. Se sensibilizar é uma palavra chave no discurso dos sujeitos aqui em questão, nessa manifestação chegariam ao limite de sua estratégia, não apenas falando do quanto é cruel o processo a qual os animais são submetidos do abate até chegar ao nosso prato, mas também, trazendo esses animais para diante dos olhos das pessoas, nua e cruamente.

Em Natal, o evento ocorreu pela manhã, das nove ao meio dia, no cruzamento da Avenida Rio Branco com a Rua João Pessoa, em uma das partes mais movimentadas do centro da cidade. A presença do VEDDAS não era novidade nessa região do centro. Durante boa parte do segundo semestre de 2012 pelo menos uma vez na semana montavam o que chamavam de Banca VEDDAS, atividade de caráter informativo em que os voluntários vão para as ruas exibir vídeos de sensibilização.

Cheguei por volta das 09h30, o ato já havia começado. De longe, já era possível perceber um movimento de pessoas se aglomerando em torno dos sujeitos que protagonizavam o DIDA. Estes, eram cerca de 18 pessoas e trajavam camisetas pretas do VEDDAS, o que tornava esses ativistas muito facilmente reconhecíveis. A esse respeito, afirma a antropóloga Enguix:

Portar camisetas del mismo color uniformiza a los manifestantes al tiempo que los empodera visibilizándolos. Esto es importante si tenemos en cuenta que en comparación con otros grupos de participantes, los activistas vestidos con camisetas monocromáticas son una minoría. Las tensiones entre lo individual y lo colectivo desaparecen aquí en aras de algo más importante, porque el objetivo básico de esta estrategia es visibilizar la “auténtica” racionalidad que hay tras la manifestación: visibilizar el activismo y las asociaciones (ENGUIX, 2012, p.889).

⁶⁴ Texto extraído do site do VEDDAS referente ao DIDA. Disponível em: www.veddas.org.br Acesso em 12.12.2012.

Ouvia também uma voz que saía do megafone: “Animais não são produtos, mercadoria, objetos, entretenimento. Hoje é dia 10 de dezembro, dia internacional dos direitos animais...”. Cheguei e me juntei aos manifestantes. Também esteja trajando preto, embora minha camisa não tivesse a estampa do VEDDAS.

O evento havia sido planejado de maneira que cada pessoa que estivesse participando desempenhasse uma função. Algumas pessoas se responsabilizaram por falar ao megafone, outras foram destacadas para distribuir panfletos e conversar com os passantes informando do que se tratava a manifestação. Outros tiravam fotos, e ainda tinham aqueles que ficavam responsáveis por auxiliar as pessoas que estavam segurando os cadáveres, fornecendo-lhes água, enxugando seus rostos, em suma, oferecendo todo o apoio necessário – foi entre estes que eu me incluí.

O cenário estava montado como de costume. Vários *banners* espalhados no chão em volta de onde o ato se concentrava. A televisão sob a mesa passando imagens fortes de animais sendo abatidos. Pessoas distribuindo panfletos e interagindo com os passantes. Através do uso de um megafone, os trechos de um texto preparado por um dos integrantes era, de tempos em tempos, repetido:

O que nós estamos aqui mostrando é apenas uma amostra dos milhares de animais que são mortos por segundo, em todo o mundo, vítimas da exploração que os humanos submetem a estes animais.

Não é a partir da indústria que essa situação pode mudar, é a partir de você consumidor.

Quando você escolhe consumir a carne de algum animal, seja de um boi que desde o nascimento sofre com a separação de sua mãe, com a castração, com o confinamento, marcado por queimaduras, e tendo no final uma morte terrível... Seja de um peixe que morreu por sufocamento, esse ato da compra é uma escolha! Uma decisão sua!

Quando você consome o leite de uma vaca, que teve seu filhote separado, passando toda a vida por isso, sendo deixada grávida constantemente, e tendo também uma morte terrível para virar um hambúrguer... Quando você escolhe algum cosmético que foi testado em animais, ou quando você compra couro, seja no sapato ou em uma bolsa, você, com essa escolha, colabora com essa indústria, dá dinheiro a ela, para que continue a explorar e matar... Mas isso tudo começou com a sua escolha.

Se você até hoje não teve a chance de refletir sobre esse assunto, faça isso agora. Você pode a partir de agora fazer uma escolha diferente⁶⁵.

⁶⁵ Texto escrito por um dos interlocutores dessa pesquisa, que gentilmente o cedeu para o meu trabalho.

Contudo, o centro da manifestação era de fato, as pessoas que estavam segurando os cadáveres. Estavam posicionados em lugares demarcados por uma folha de papel contendo mensagens fixadas no chão: “Vítima do paladar. Vítima da religião. Vítima da moda. Vítima da Ciência”. Cada voluntário deveria ficar de pé no local em que o papel contendo as mensagens foi posicionado.

Seguravam com luvas diversos animais, alguns inteiros como os coelhos e peixes, outros em pedaços, como as patas de um boi ou vaca, tripas, cabeças de galinha. Entre as partes seguradas, algumas chamavam mais atenção que outras: duas cabeças de porcos e uma enorme cabeça de boi, estando essa última no centro enquanto os demais manifestantes se espalhavam para os lados e para trás. A ideia que era que todos ficassem em pé, missão impossível para quem segurava a cabeça do boi. A pessoa que se voluntariou para essa “missão”, teve que ficar sentada. Na frente, um grande faixa contendo os seguintes dizeres: “Todos os animais expostos foram provenientes do descarte da indústria de exploração animal, obtidos mortos e sem custos.” Outra faixa também foi exposta lateralmente: “10/12 – Dia Internacional dos Direitos Animais: direito à vida, liberdade e respeito. VEDDAS/RN”.



Imagem 19 – “DIDA”

Houve toda uma mobilização para que conseguissem esses cadáveres. Praticamente, todos eles foram adquiridos dias antes do ato e guardados em ambiente refrigerado na casa de um dos ativistas.

Em Natal, costuma-se dizer: se quer encontrar algo, vá ao Alecrim. Trata-se de um bairro popular, localizado centralmente na cidade, conhecido por abrigar uma variedade enorme de comércio. Foi justamente em uma de suas feiras que os corpos foram adquiridos, com exceção da grande cabeça de boi, trazida de Recife por integrantes do Veddass/RN, que se dirigiram até esta cidade para participarem do DIDA, que, por questões locais, ocorreu dias antes da data nacional.

Pessoas paravam curiosas ao redor dos manifestantes. Muitas ficavam perplexas, espantadas diante dos cadáveres e assim permaneciam por um bom tempo sem nada falar. Na face de algumas delas, era possível perceber de maneira nítida, o espanto.



Imagem 20 – Olhares

Algumas dessas pessoas se dispunham a conversar, e até se interessavam pelos trabalho dos ativistas. Notei que muitas delas perguntavam como poderiam ajudar o grupo, se tinha camisas para vender, se tinham *site* ou alguma plataforma de informação. Por outro lado, uma série outra de pessoas ao se aproximarem e se depararem com os cadáveres dos animais, não queriam saber do que se tratava, simplesmente saíam, demonstrando incômodo, nojo. Ouvir uma delas dizer: “Deus me livre, fazerem isso com o meu coelho!” Uma outra, simplesmente disse: “que horror”.

Gilberto Velho (2013) chama a atenção para a importância das emoções na constituição dos *projetos*:

... as minhas emoções estão ligadas, são matéria-prima e, de certa forma, constituem o meu projeto. Há sentimentos e emoções valorizados, tolerados ou condenados dentro de um grupo, de uma sociedade. Há, portanto, maiores ou menores possibilidades de viabilizá-los, efetivá-los. Desejos ‘pecaminosos’, emoções ‘inconvenientes’, sentimentos ‘impróprios’ são limitados e balizados pelas sanções e normas vigentes ou dominantes. Os padrões de normalidade legitimarão ou não dentro de uma situação particular as condutas e ações individuais. Um código ético-moral definirá o errado, inadequado, incestuoso, impróprio, sujo, poluído, perigoso que possa haver nos corações e mentes dos homens e nas suas condutas e interações. Assim, uma sociologia dos projetos tem de ser, em alguma medida, sociologia das emoções (VELHO, 2013, p.102).

Como vimos no capítulo anterior, a palavra “sensibilidade” constitui uma dimensão importante tanto para engajamento à causa quanto nas estratégias utilizadas pelos ativistas durante os eventos para mobilizar as pessoas. Esse processo é orientado por argumentos racionais, filosóficos e políticos baseados nos direitos animais, mas também por sentimentos de raiva, dor, indignação, revolta, compaixão. Muitas vezes, essas ações de sensibilização são realizadas por meio de ações performáticas, a exemplo dos protestos que aqui estão sendo narrados. As *performances*, tal como mencionamos no início deste capítulo, podem ser compreendidas enquanto situações extraordinárias, momentos em o que fluxo cotidiano da vida social é interrompido temporariamente. Tais momentos propiciam aos atores sociais que conduzem a ação performática, a possibilidade de distanciar-se daqueles papéis normativos que vivem cotidianamente e “numa atitude reflexiva repensar a própria estrutura social ou refazê-la.” (Silva, 2005). Talvez por isso mesmo, que em eventos como o DIDA, as emoções sejam estrategicamente utilizadas pelos ativistas, com o objetivo definido de chocar as pessoas, desestabilizá-las, tirá-las da sua “zona de conforto” – como dizem os ativistas – mostrar-lhes que algo tão naturalizado, rotineiro e estabelecido tal qual é o consumo de alimentos e produtos de origem animal em nossa sociedade, por meio de um olhar deslocado e por uma outra ótica, estão marcados por relações que envolvem crueldade, exploração, dor e tortura. O que esses ativistas estão fazendo nesses eventos é mostrando para as demais pessoas algo sobre a sua visão de mundo, que neste caso, aponta para uma transformação radical na maneira como nos relacionamos com os animais não humanos em nossa sociedade.

Gritos ecoavam do megafone:

A carne, o leite, os ovos, o couro ou a pele, dos animais, ou mesmo o mel das abelhas não foram dadas por eles. Foram arrancadas, usurpadas. A vida e a liberdade deles foram arrancadas, para sentir o gosto dos seus músculos, para decorar seu sapato, para sentir o gosto do leite, que ao invés de ter sido sugado pela boca do seu filhote, foi sugado por uma máquina que puxa este leite, constantemente, dolorosamente.

Quem nos deu esse direito? No passado, a escravidão era aceita. Uma pessoa que possuía escravos era considerada poderosa, importante. Agora, você sabe que nós não temos o direito de tornar outra pessoa em escravo, mas seu bisavô achava que a escravidão era normal e natural. As leis aceitavam a escravidão, só por conta da cor de pele.

Mas você sabe que tornar outro em escravo não é admissível. Da mesma forma, não é só porque empresas tratam os animais como objetos que isso é correto. Não é correto aceitar a escravidão dos

animais só porque eles são de outra espécie... por que eles tem outra cor ou outro pelo.

Não se deve aceitar violência. Não se deve aceitar exploração. Ninguém quer sofrer ou ser explorado. Porque, então, fazer outro sofrer? Porque pagar para que outro violento e faça inocentes sofrerem?

Aceitar essa exploração é aceitar uma sociedade injusta. Aceitar a injustiça é reflexo de uma sociedade que é mantida pela desigualdade. Faz acreditar que essa desigualdade e que essa injustiça são necessárias. Faz você acreditar nisso para tratar você também de forma injusta.

Não aceitar a violência e a injustiça contra os mais fracos, mudar seu comportamento, é agir contra essa injustiça. E isso é benéfico para você. Pois assim ninguém poderá afirmar que pode ter mais direitos que você. Tratar o outro da forma que você gosta de ser tratado é afirmar que você não aceita injustiças.

Não aceite essa injustiça. Não aceite a exploração dos animais. Não os trate como objetos. Não os trate como mercadorias. Eles desejam continuar vivos, desejam viver em liberdade, desejam aproveitar a vida sem sofrimento.

Hoje é o Dia Internacional dos Direitos Animais. Reflita e se você ainda consome carne e produtos de origem animal, mude a partir de hoje. Escolha produtos éticos. Não consuma partes de animais e não consuma produtos que venham da exploração deles.

Com o passar do tempo, alguns animais já começavam a cheirar mal e várias moscas começaram a rondar aquele ambiente, pousando sobre os cadáveres. Ao meio dia, a manifestação foi encerrada por uma das integrantes do VEDDAS que pegou o megafone e proferiu as seguintes palavras: “os animais não são produtos; animais não são comida; animais não são mercadoria; o que nós queremos? Libertação animal!; o que nós queremos? Libertação animal! Nós vamos conseguir? Sim!! Nós vamos conseguir? Sim!!”.

Com uma salva de palmas, os ativistas encerraram o ato. Depois, parte considerável das pessoas que participaram do evento se dirigiram ao restaurante *A Casa* para almoçar. Os animais foram enterrados após a manifestação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentei ao longo desse trabalho refletir sobre um número limitado de questões que atravessam o universo de um grupo de ativistas pelos direitos animais na cidade de Natal, incorporando também ao texto algumas experiências de pesquisa pontuais no contexto das cidades de Recife e Campina Grande. Para tanto, foi necessário a construção de quatro capítulos, cada um deles com intenções e objetivos diferentes.

No primeiro deles, dialoguei com o tema do não humano na antropologia, na tentativa de delinear, ao menos de modo geral, a maneira tal qual a nossa disciplina vem abordando ao longo das últimas décadas com esta questão. Particularmente no campo antropológico, esse exercício adquire o status de um verdadeiro desafio, tendo em vista o fato de a nossa disciplina ter se orientado fortemente pelo conceito de cultura, uma característica assinalada como marca distintiva dos seres humanos. Nesse capítulo, também foi importante ter feito um apanhado dos autores clássicos sobre o tema da ética e do direito animal – Peter Singer, Tom Regan e Gary Francione – para que pudéssemos ter um pano de fundo mínimo sobre os elementos que norteiam as ideias e as práticas dos ativistas do movimento de “libertação animal”. Muitas das questões postas por esses autores ganham forma e se materializam nas ações desses sujeitos, seja nos discursos proferidos cotidianamente ou em manifestações, seja nos panfletos distribuídos e nos diálogos que se constroem com as pessoas nas ruas, ou mesmo no interior de suas casas, nas relações mais íntimas. É quando isso acontece que podemos perceber que o discurso sobre o abolicionismo animal não é só um “discurso”, ele é também uma prática que ocupa na vida dos interlocutores dessa pesquisa um papel fundamental e decisivo, desencadeando uma série de fatores e consequências, tal como tentei expor ao longo do texto.

O veganismo é a consequência necessária para quem defende os direitos animais pelo viés abolicionista. É, como ouvir certa vez, “a parte prática dos direitos animais”. Colocar em prática esses princípios requer vários desafios, entre os quais tentei expor aqueles que me foram perceptíveis, sobretudo, ao longo do capítulo II. Aqui, defendi a ideia do veganismo enquanto um processo que se desdobra em algumas etapas, que podem não ser necessárias, mas que foram aquelas que se mostraram entre os interlocutores dessa pesquisa.

Assim, ao traçar um breve perfil vimos que a maioria dos sujeitos aqui em questão são universitários, e têm uma origem social predominantemente ligada às camadas médias,

embora isso não possa ser considerado um elemento determinante para a condição de tornar-se *vegano* ou não.

Para todos os sujeitos aqui investigados, foi necessário primeiro se tornar OLV, para depois, chegarem ao veganismo. O encontro com esse tema se deu das mais variadas maneiras. Alguns deles por meio de elementos presentes no universo da yoga, ou com a ideia de *não violência*, central no pensamento de Gandhi. Outros a partir do contato com amigos, e, em vários casos, os documentários *A carne é fraca* (2005) e *Earthlings* (2005) foram fundamentais na tomada de decisão para esses sujeitos se tornarem OLV ou mesmo *veganos*.

Em muitos casos, a permanência em uma dieta alimentar OLV é alimentada pela ideia de que nessa condição, não estão contribuindo diretamente para a morte ou o sofrimento dos animais não humanos. Contudo, a passagem do OLV para o veganismo é marcado pelo rompimento com essa ideia, que dá vez ao entendimento de que não há diferenças entre a indústria da carne e a indústria de laticínios. Para muitos dos sujeitos dessa pesquisa, essa última indústria é considerada até mais cruel do que a primeira, na medida em que gera um sofrimento mais contínuo e permanente para as fêmeas que têm que estar grávidas quase que o tempo inteiro para continuar produzindo leite.

Ficou evidente também que nos contextos familiares, o OLV é aceito com facilidade, enquanto que o veganismo é considerado por muitos uma postura radical. A falta de compreensão e até de aceitação quanto a essa postura podem ser expressas em situações do tipo “mas você vai comer o que?” “como vai viver sem carne?”. Esses espantos são sintomáticos de uma sociedade que possui, em seus esquemas culturais alimentares, a carne como um elemento central.

Em *Cultura e razão prática* (2003 [1972]), Sahlins procura dar uma explicação cultural para a produção, afirmando que há uma “razão cultural” para o consumo dos bens na nossa sociedade. Este autor afirma que, em nenhuma hipótese, a “escolha” por uma determinada opção de alimentação pode ser justificada por qualidades biológicas ou nutricionais inerentes: “a utilidade não é qualidade do objeto, mas uma significação das qualidades objetivas” (ibid. p.184). A antropóloga Livia Barbosa também afirma algo na mesma direção:

Ninguém come veste, veste, dorme, bebe e compra de forma genérica e abstrata. Toda atividade, das mais triviais e cotidianas às mais excepcionais e específicas, ocorre sempre em um determinado esquema simbólico que lhe dá sentido e significado. Do mesmo modo, todos os objetos, bens ou serviços

são partes integrantes de sistemas de práticas e representações que os tornam significativos e, portanto, ‘reais’ para determinados grupos e indivíduos. São essas estruturas de atribuição de sentido que ordenam o mundo a nossa volta e criam condições para que se estabeleçam critérios e distinções do que é ou não, por exemplo, uma mercadoria; do que é ou não comestível; do que é ou não vendável, entre outros; e por que é assim, dessa maneira, e não de outra. Essas dimensões, dos atos e das coisas, não se encontram na natureza intrínseca dos mesmos, mas nas qualidades e especificidades que lhes são atribuídas por determinado grupo social e que são permanentemente ressignificadas e renegociadas no fluxo da vida social (BARBOSA, 2006, p.6).

Neste sentido, todo empreendimento para a produção de alimentos e suas conseqüentes formas de relação com o meio ambiente, é dependente de um padrão de alimentação que inclui a carne como elemento central. Basta uma ida rápida a qualquer restaurante para constataremos a validade de tal assertiva. Se perguntarmos o que é que se tem para almoçar, facilmente iremos obter como resposta “temos frango, bife a milanesa, fígado, guisado, etc.”. Se não há carne, simplesmente não há almoço.

Para Sahlins (2003), um dos fatores que pode justificar tal centralidade está diretamente relacionado com a indicação de força e virilidade que este alimento evoca. Fato que também pôde ser constatado aqui nessa pesquisa. Um dos principais temores dos familiares quando um de seus parentes se torna *vegano* é justamente o receio de que, sem a carne, seu filho ou filha fique “fraco”, “doente”, “anêmico”, entre tantas outras coisas.

Se não há pano de fundo favorável, sobretudo no contexto familiar, o processo de tornar-se *vegano* é sempre acompanhado de pequenos conflitos, que, se não forem bem administrados, podem resultar em problemas maiores, e até mesmo rupturas. Para que não haja rupturas, mostramos que negociações e estratégias começam a ser traçadas e constituídas de ambos os lados, tal como separar a comida com carne daquela sem carne, evitar falar do tema à mesa ou mesmo sentar em um lugar que não fique próximo da carne, como expresso por um dos interlocutores.

A alimentação se constitui em um elemento mais que central para esses sujeitos. É nessa esfera que enfrentam cotidianamente os maiores desafios de ordem prática – o que comer, onde comer, a que lanchonete ou restaurante ir. Vimos na maioria dos casos, ao tornar-se OLV, o consumo de laticínios se acentua consideravelmente, fato que torna a tarefa de deixar de consumir esses alimentos muito mais difícil do que a própria carne.

É o caso dos derivados de origem animal, que por serem submetidos a inúmeros processos industriais, mascaram, escondem o animal que deu origem ao produto. Ainda assim, o desafio não cessa na alimentação. Em outras esferas – tal como as roupas, a indústria de cosméticos ou farmacêutica – há uma infinidade de produtos que são testados em animais ou possuem algum elemento de origem animal em sua composição.

Contudo, se em um primeiro momento deixar de comer carne e consumir demais produtos e alimentos de origem animal, implica – ao menos no contexto brasileiro, e da região Nordeste –, na restrição do acesso a vários tipos de produtos e comidas, por outro lado, vimos que a partir do momento em que um sujeito se torna *vegano*, abre-se outro leque de possibilidades de consumo e alimentação que dificilmente, de outra forma, essa mesma pessoa teria contato. Muitos interlocutores demonstraram que a atitude de tornarem-se *veganos*, fez com que eles passassem a incorporar outros tipos de alimentos como lentilha, grão de bico, mais legumes e verduras, como também provar outros tipos de culinárias árabe, indiana, tailandesa, mexicana, etc.

Aprender a cozinhar também se demonstrou uma constante para esses sujeitos. A cozinha adquire uma condição estratégica entre os *veganos*. Além de uma questão quase de sobrevivência, aprender a cozinhar, e a cozinhar bem, diga-se de passagem, é uma estratégia utilizada por muitos para tentar convencer outras pessoas a também se tornarem *veganos*, mostrando-lhes que é possível se alimentar bem, saborosamente e “sem crueldade”. Muitas vezes mostrei, ao longo do texto, que, não raro, alimentos eram distribuídos em eventos e manifestações, o que nos fez pensar a alimentação enquanto um instrumento de intervenção política, carregado de ideias e significados.

Vimos também que o tornar-se *vegano* fez com que esses sujeitos se desfizessem de algumas redes de amizades, construindo outras novas, em um movimento de rupturas e construção de novas sociabilidades. Esse processo também é marcado pelo ato de começar a frequentar outros lugares, preferencialmente, estabelecimentos *veganos*, tal como o restaurante *A Casa*, ou, então, aqueles lugares que tivessem opções *veganos* em seu cardápio.

Mostramos que há, porém, situações limite, enfrentadas por alguns desses sujeitos, em que o veganismo não é possível ou praticável, tal como em casos de doenças, ou mesmo, como me relatou um dos sujeitos, em casos onde o produto *vegano* é muito mais caro do que o produto comum, tomando como exemplo o caso de alguns protetores solar.

Diante da impossibilidade prática de ser *vegano* em toda e cada parte do tempo, podemos afirmar, que o veganismo, contrariamente a todo discurso naturalizante, é sempre marcado por um tentar ser. É algo que se constrói e se reconstrói a todo instante, muitas vezes diante de novos desafios. Aqui, o grupo de pessoas mais experientes, bem como os fóruns de discussões como o SAC Vegano, adquire uma importância fundamental, pois, é a partir dessas pessoas e desses espaços, que esses sujeitos tiram dúvidas que aparecem a todo instante.

Diferentes panos de fundo nas trajetórias dos sujeitos implicam também em concepções e práticas diferentes do próprio veganismo. Podemos perceber isso principalmente entre aqueles ligados a outros movimentos como o feminismo, anarquismo e punk, em que a lógica *vegana* também passava pelo crivo de outro conjunto de ideias: não basta um produto ser *vegano* se é fruto da exploração capitalista como qualquer outro produto de origem animal; não basta um produto não conter elementos de origem animal em sua composição, se a empresa que o produz veicula propagandas de caráter machista, sexista ou patrocina rodeios.

O debate sobre consumo também adquire uma conotação importante nesse trabalho. *Boicotar* ou comprar intencionalmente é uma primeira forma de colocar em prática a ética que os guia. Fátima Portilho aponta que as práticas de consumo politizados têm sido um indicativo de que está havendo algumas mudanças nas formas de participação e ação política no mundo contemporâneo. As formas convencionais e institucionalizadas tal como são os partidos, os sindicatos, entre outros, têm sido “dribladas” por esses novos agentes que têm buscado “formas consideradas mais autônomas, menos hierárquicas e não institucionalizadas de participação, incluindo boicotes, compras responsáveis e petições online.” (PORTILHO, 2011, p.101). O ato de comprar ou deixar de consumir algo, se constitui numa maneira de conferir objetividade a certos valores, especificamente neste caso, o abolicionismo animal.

Mary Douglas entende que os bens possuem uma grande capacidade de comunicação. Desta maneira, os indivíduos das mais diversas formas se apropriam dos bens, conferindo-lhes significados, fazendo afirmações sobre si próprias e marcando a diferença em relação aos demais grupos ou pessoas. Em uma de suas frases mais conhecidas, nos diz a autora: “Os bens são neutros, seus usos são sociais; eles podem ser usados como cercas ou como pontes” (DOUGLAS, M & ISHEREWOOD, B. 2009, p.36). Esta frase me parece sintetizar bem as dinâmicas identitárias: os sujeitos aqui em questão se reúnem porque partilham um determinado tipo de posicionamento, de uma série de práticas, discursos e cosmovisões que se materializam em um estilo de vida, uma maneira particular de compreender e se colocar

diante do mundo e de sua própria existência. Se referindo a questões que envolvem a maneira tal como os sujeitos constroem suas biografias e vivem suas experiências individuais, Gilberto Velho (2013) afirma que “mesmo que o ator viva a sua experiência como única, ele de alguma forma reconhece-se nos outros através de semelhanças e coincidências (p.102). Embora os sujeitos dessa pesquisa tenham chegado ao veganismo por meio de diferentes trajetórias individuais, a condição de ser *vegano* e *ativista vegano* implica, de fato, na partilha não apenas de certo conjunto de ideias, mas também, de uma série de experiências vividas e compartilhadas por esses sujeitos desencadeadas por essa condição. É, desta forma, que vivenciam conflitos com a família e os amigos, que socializam essas experiências quando estão juntos, e, no limite, de tanto se sentirem desconfortáveis por estarem o tempo inteiro entrando em conflito e se “explicando”⁶⁶ é que procuram construir redes de amizade e estar com pessoas partilhem dessa mesma condição, numa atitude que reforça tanto os laços de solidariedade quanto as identidades. Esse movimento que os faz estar juntos é o mesmo que os separa das demais pessoas, uma vez que a dinâmica das identidades também carrega consigo o pressuposto da diferença (WOODWARD, 2000).

No capítulo III, vimos que, sem deixar de lado a importância que as escolhas de consumo possuem na prática do veganismo, os sujeitos dessa pesquisa compreendem que chega um dado momento em que boicotar ou comprar intencionalmente alguns produtos não é mais suficiente para por a luta pelo “abolicionismo animal” em prática. Como ouvir certa vez, “não fazer parte do problema não é suficiente, é necessário então, fazer parte da solução”. Isto significa dizer que além de permanecer boicotando produtos de origem animal ou testados em animais, é necessário estender as ideias abolicionistas para outras pessoas e para a própria sociedade, inserindo na agenda política a inclusão de novos atores, desta vez, os não humanos. É movido por estas ideias que os sujeitos dessa pesquisa vão para as ruas, fazem manifestações, distribuem panfletos, comidas e divulgam as ideias e ideais dos direitos animais.

Vimos também que alguns elementos são fundamentais para a construção de uma retórica *vegana*. Retórica essa que inclui *conscientização*, *sensibilização*; *auto-atribuição de responsabilidade* como aspectos chave. Por acreditarem que estão com a “verdade”, esses sujeitos saem às ruas para disseminar as suas crenças, desvelar, descortinar, fazer as pessoas

⁶⁶ Se não come carne o que você come? E peixe? Como é que você consegue viver assim? Nem leite? Assim vai ficar fraco? E as proteínas? B12? Ômega 3?

“despertarem” para algo que supostamente desconhecem, estão “alienadas”. Sensibilizar as pessoas a partir da exposição de imagens fortes como é o caso das cenas de abate, constitui-se numa das estratégias que mais dão resultado, demonstrando também que as emoções são uma dimensão fundamental para o estudo dos movimentos sociais, neste caso, também para o ativismo vegano. Muitas vezes, a retórica *vegana* segue no sentido de fazer um aproximação entre humanos e não humanos, uma simetria entre uma e outra espécie, no movimento que Caetano Sordi (2011) chamou de “o animal como próximo”. A auto-atribuição de responsabilidade aparece no discurso a partir da ideia de que as ideias e ações dos indivíduos possuem impacto para a sociedade, por isso mesmo, os sujeitos dessa pesquisa, em sua maioria acreditam que está não mão de cada um, a partir das suas escolhas diárias, colaborar ou não com a indústria da exploração animal.

No quarto capítulo, tentei demonstrar a partir de uma série de relatos sobre as manifestações e eventos em que tive a oportunidade de estar presente, a maneira tal como as ideias abolicionistas se materializam e ganham forma na ação desses sujeitos. Fazer isso foi importante para percebermos que o abolicionismo não é só um discurso proferido por algumas dúzias de militantes e filósofos. O movimento *Animal Liberation* está se fazendo presente em várias partes do mundo. Tal como pude demonstrar no capítulo anterior, algumas manifestações realizadas em Natal ou em Recife, possuem conexões com cenários nacionais e globais, tal como o Dia Internacional dos Direitos Animais. O que está em jogo aqui:

[...] é sobretudo a disputa da retórica, impulsionada pelo desejo de imposição de um sistema simbólico sobre os outros na dinâmica da construção de verdades, o que engendra mudanças ou permanências de crenças e das respectivas práticas sociais (comer ou não produtos de animais, usar ou não corpos de animais para fins humanos) (FERRIGNO, 2011, p. 5).

Para Trajano (2008), movimentos como os de caráter abolicionista animal agregam ao conceito jurídico novos valores morais, tal como o respeito a todas as formas de vida (biocentrismo), que devem ser absorvidos no novo processo de significação jurídica. Dessa maneira, conceitos como o de *especismo*, começam a se fazer presentes em ações e peças judiciais, sendo objeto de decisão por parte dos tribunais nacionais. Incluir o não humano na esfera moral é também uma maneira de desafiar algumas fronteiras estabelecidas, como a própria relação entre natureza e cultura. Se o discurso do movimento em defesa dos direitos animais opera com vistas a estabelecer aproximações e simetrias entre animais humanos e não

humanos, ele também age mediante o movimento contrário, ressaltando no homem a sua condição de também animal.

Por fim, não posso deixar de considerar que algumas das questões colocadas pelos integrantes do movimento de defesa dos direitos animais nos colocam alguns pontos extremamente importantes para refletirmos sobre questões mais amplas como o “estatuto do humano” (INGOLD, 1995) e os limites de algumas oposições que foram determinantes na construção da cosmologia ocidental, tal como natureza/cultura.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun. “Disjunção e diferença na economia cultural global”. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Vozes: 1994.
- BARBOSA, Livia. “O consumo nas ciências sociais”. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Org.). *Cultura, Consumo e Identidade*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.
- BRITCH, Fábio. “Ética Utilitarista de Jeremy Bentham”. *Revista Âmbito Jurídico*, 2005. Disponível em: www.ambitojuridico.com.br. Acesso em 16.02.2012.
- BARTH, Fredrik. “A análise da cultura nas sociedades complexas”. In: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Elfos, 1995.
- BEZERRA, Felipe Adriano Saraiva Lustosa. “Igualdade para os animais: especismo e sofrimento animal sob a perspectiva utilitarista singeriana”. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 17, n. 3197, 2 abr. 2012. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/21412>. Acesso em: 20.07. 2013.
- CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Manda Diez. “Uma introdução à reflexão sobre a Abordagem Sociocultural da Alimentação”. In: CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Manda Diez (Orgs). *Antropologia e Nutrição: Um Diálogo Possível*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- CLIFFORD, James. “Introducción: verdades parciales”. In: CLIFFORD, James & MARCUS, George E. (org.). *Retóricas de la antropología*. Madrid, Ediciones Júcar, 1991.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- DA MATTA, Roberto. “O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues”. In: NUNES, E. (org.) *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. *O Mundo dos Bens: para uma antropologia do Consumo*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009.
- DOUGLAS, Mary. “O mundo dos bens, vinte anos depois”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 13, n. 28, jul./dez. 2007.

- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DURKHEIM, E. & MAUSS, M. “Algumas formas primitivas de classificação: Contribuição para o estudo das representações coletivas”. In: MAUSS, M. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- ENGUIG, Begonya. “Cuerpos y protesta: estrategias corporales en la acción colectiva”. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 11, n. 33, pp. 885-913, Dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>. Acesso:13.05.2012.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo, SP: Global, 1987.
- FELIPE, Sônia T. *Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.
- FERRIGNO, Mayra Vergotti. *Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas/SP. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. São Paulo, 2012.
- _____. “Direitos Animais e o remodelamento das fronteiras políticas entre mundos humano e não-humano”. Disponível em: http://antropologias.descentro.org/seminarioppgas/files/2011/10/VERGOTTI_Mayra_trabalho_completo.pdf/2011.
- FRANCIONE, Gary. *Animals as persons: essays on the abolition of animal exploitation*. New York: Columbia University Press, 2008.
- FRIEDMAN, Jonathan. “Ser no mundo: globalização e localização”. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Vozes: 1994.
- GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1987.
- _____. “Do ponto de vista do nativo: a natureza do conhecimento antropológico”. *O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- _____. *Para além da esquerda e da direita: o futuro da política radical*. São Paulo: Unesp, 1996.
- GORDILHO, Heron José de Santana. *Abolicionismo animal*. Salvador: Evolução, 2009.
- HARAWAY, Donna J. *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.
- HANNERZ, Ulf. “Fluxos, Fronteiras e Híbridos: palavras-chave da Antropologia Transnacional”. *Mana. Estudos de Antropologia Social*, vol. 3, nº 1, 1997.
- INGOLD, Tim. “Humanidade e animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, ANPOCS, Vol. 10, nº.28, 1995.
- LANGDON, Esther Jean. “Rito como Conceito Chave para a Compreensão de Processos Sociais”. *Antropologia em Primeira Mão*. UFSC:2007. Disponível em: <http://www.antropologia.ufsc.br/97.pdf>.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.
- MACIEL, Maria Eunice. “Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin?” *Horizontes antropológicos*. vol.7 no.16 Porto Alegre, 2001.
- _____. “Identidade cultural e alimentação”. In: CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez. *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- MALINOWSKI, Bronislaw. “Introdução. Tema, método e objetivo desta pesquisa”. In: *Argonautas do Pacífico Ocidental* 2a. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- MARCUS, George. “Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography”. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, California, vol. 24.
- MARCUS, George; FISCHER, Michael. *La antropologia como crítica cultural. Un momento experimental en la ciencias humanas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2000.
- MILLER, Daniel. *Teoria das compras: o que orienta as escolhas dos consumidores*. São Paulo: Nobel, 2002.
- _____. Consumo como cultura material. *Rev. Horizontes Antropológicos*, ano 13, n. 28, jul/dez 2007.
- MINTZ, Sidney W. “Comida e Antropologia: uma breve revisão”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.16 nº.47, 2001, p.31-41.
- MUNRO, Lyle. *The Animal Rights Movement in Theory and Practice: a Review of the*

Sociological Literature. *Sociology Compass*. 2012.

NACONECY, Carlos. M. *Ética & Animais*. Porto Alegre: EDIPUC, 2006.

_____. Ética animal: ou uma “ética para vertebrados”? : um animalista também pratica especismo?. *Revista Brasileira de Direito Animal*. a. 2, n. 3, jul./dez. 2007.

NUNES, E. (org.) *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NUNES, Ernesto Luiz Marques. *Vegetarianismo além da dieta: ativismo vegano em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. São Paulo, 2010.

ORTNER, Sherry. “Uma atualização da Teoria da Prática e Poder e Projetos- Reflexões sobre a Agência”. In: Grossi, Miriam et alii (org) *Conferências e Dialogos: Saberes e Práticas Antropológicas*, Florianópolis/Blumenau, ABA/Nova Letra, 2006.

PORTILHO, Fátima. “A alimentação no contexto contemporâneo: consumo, ação política e sustentabilidade”. *Ciência e saúde coletiva*. 2011. P. 99-106.

_____. “Novos atores no mercado: movimentos sociais econômicos e consumidores politizados”. *Revista Política e Sociedade*, v. 8, p. 199-224, 2009.

_____. *Consumidores de alimentos orgânicos: discursos, práticas e auto-atribuição de responsabilidade socioambiental*. Porto Seguro, ANPAS, 2008.

REGAN, Tom. *Jaulas Vazias: encarando o desafio dos direitos animais*. Porto Alegre: Lugano, 2006.

RONDINELLI, Paula. “Alimentação e Religião: um estudo antropológico no movimento alternativo”. In: http://www.pucsp.br/nunes/revista3/3_edicao_alimentacao_religiao.pdf (acesso em 17/09/2010).

SÁ, Guilherme. *No mesmo galho: Antropologia de coletivos humanos e animais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

SAHLINS, Marshall. “La pensée bourgeoise: a sociedade ocidental como cultura”. In: *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2003[1972].

_____. “Adeus aos tristes tropes: a etnografia no contexto da moderna história mundial” In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2007.

_____. “Experiência individual e ordem cultural”. In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2007.

SILVA, Rubens Alves da . Entre ‘artes’ e ‘ciências’: a noção de *performance* e *drama* no

campo das ciências sociais". In Horizontes Antropológicos. Porto Alegre , v. 11, n. 24, p. 35-65, 2005.

SIMMEL, Georg. "Sociologia da refeição". *Estudos Históricos*, 33: Rio de Janeiro, 2004.

SINGER, Peter. *Libertação Animal*. Porto: Via optima, 2008.

SORDI, Caetano. "O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais". *Cadernos IHU Ideias*, ano 9 no. 147, 2011.

TRAJANO, Targore de Almeida Silva. "Direito animal e hermenêutica jurídica da mudança: os animais como novos sujeitos de direito". *Revista Brasileira de Direito Animal*, nº 4, jan/2008.

VALLE, C. G. O. Afirmando-se a vida, constrói-se o tempo: experiência, emoções e ativismo político contra a AIDS. In: COELHO, M. C. P; DURÃO, Susana. *Antropologia das Emoções* (no prelo).

VELHO, Gilberto. "Observando o Familiar". *Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987

_____. "Trajetória Individual e Campo de Possibilidades". *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. "Desafio da proximidade". In: VELHO, Gilberto; KUSHNIR, Karina (org.). *Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 208-220.

_____. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia Urbana*. (Hermano Vianna, Karina Kuschnir, Celso Castro, orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VILELA, D, B, L. *Consumo, identidade e alimentação: o veganismo entre um grupo de punks anarquistas na cidade de campina grande-PB*. Anais /28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

WOLF, Eric. "Inventando a sociedade". In: Feldman-Bianco, B & Lins Ribeiro. (orgs.). *Antropologia e Poder. Contribuições de Eric R. Wolf*. Brasília e São Paulo, Editora da UNB e Unicamp, 2003.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução conceitual". In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, Tadeu Tomaz da (Org). Petrópolis: Vozes, 2000.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: 2002. 2ed.